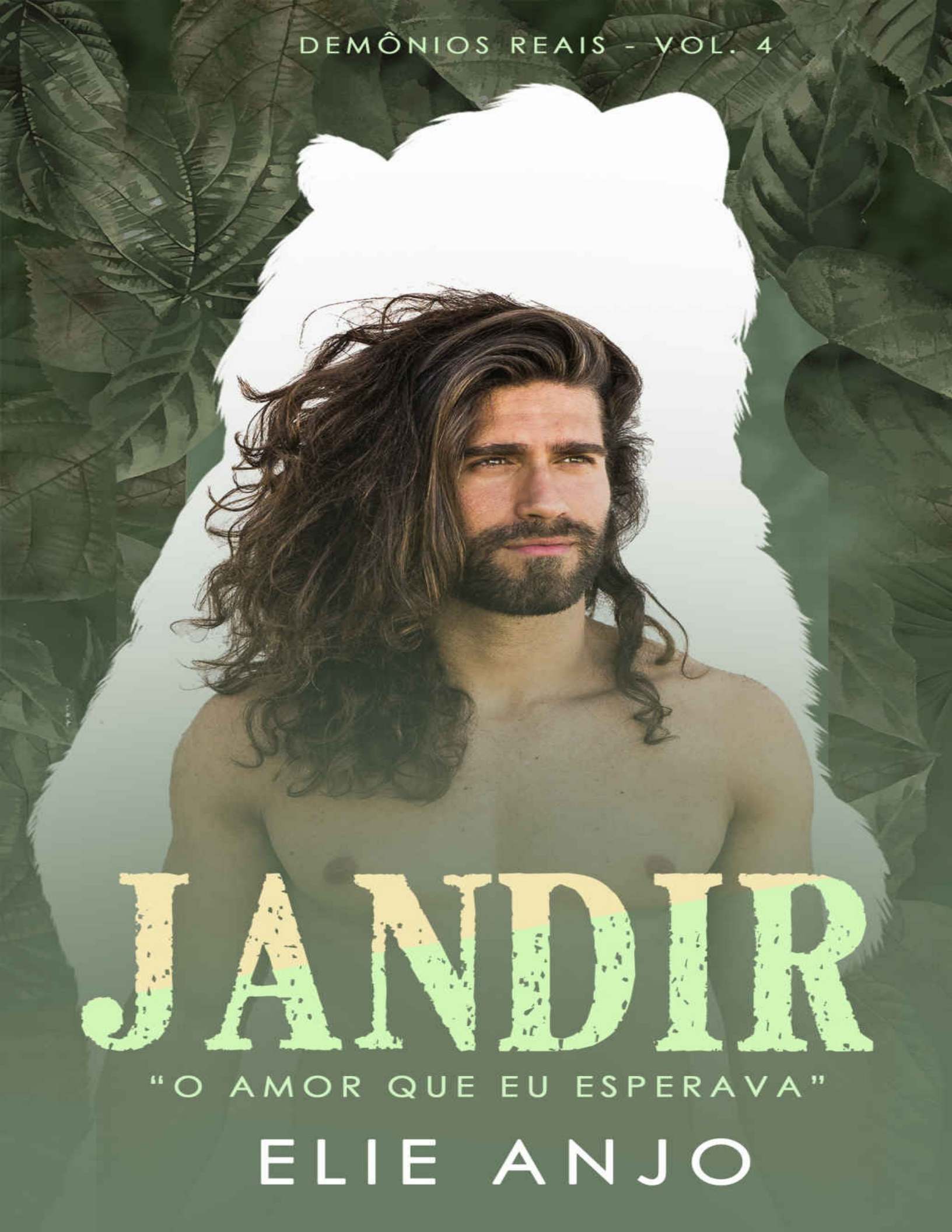


DEMÔNIOS REAIS - VOL. 4



JANDIR

"O AMOR QUE EU ESPERAVA"

ELIE ANJO





Jandir

DEMÔNIOS REAIS

"O AMOR QUE EU ESPERAVA."

LIVRO QUATRO

Copyright © 2021 – Elie Anjo

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra de qualquer forma ou quaisquer meio eletrônico, mecânico e processo xerográfico, sem a permissão da autora. (Lei 9.610/98)

Essa é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos na obra são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes e acontecimentos reais é mera coincidência.

CAPA: Jaqueline Summer

DIAGRAMAÇÃO: Islay Rodrigues

Jandir – DEMÔNIOS REAIS ”O amor que eu esperava.”

Elie Anjo / 1ª edição — 2021



PRÓLOGO

Demônios reais - Elie Anjo

Há algumas coisas que precisam saber sobre mim:

Quem me conhece sabe que adoro comer.

Quem não me conhece o suficiente não sabe que eu não sou um urso comum, não porque sou metade demônio e criatura sobrenatural, têm certas particularidades sobre mim que poucos conhecem.

Por exemplo, geralmente quando estou com sono, cansado, triste ou perto de hibernar meus pelos ficam brancos, mas eles também ficam marrom na maioria das vezes.

E um dia desses a minha sobrinha Aurora me perguntou se me transformo em panda. Não. Eu não me transformo em panda. Mas meus filhotes podem nascer se transformando em qualquer espécie de urso.

Fora isso, eu me considero um demônio comum.

O sol da manhã está sendo ofuscado por nuvens brancas, os sons incessantes da floresta me convidam para uma pausa para descansar. Eu amo a natureza.

Desde que meu irmão mais velho comprou essas terras e me deu — eu me sinto o protetor dessa floresta, mas ultimamente estou sendo incomodado com um cheiro estranho de uma erva que não consigo identificar.

Provavelmente algum humano deve ter invadido minhas terras sagradas, porém estou com muita preguiça de verificar; pensando bem, há alguns dias eu ouvi o barulho de um helicóptero.

O que fazia aos redores da minha casa?

Nunca tive problemas com nada disso, pois Rudá se certificou que ninguém me incomodaria. Aqui é a minha reserva e claro que alguns demônios têm poder para manter esse lugar longe das mãos dos humanos destruidores da natureza.

Ninguém destrói a minha casa, meu pequeno pedaço do céu; os humanos não sabem ou não dão importância para a definição de casa — casa temos que cuidar e não destruir — e eles destroem a casa deles todos os dias, fazendo dela um lixão e em uma coisa eu concordo com o meu irmão mais novo: nunca vi um povo que gosta tanto de criar coisas para se destruir.

Sinto a presença do meu sobrinho Gael que acaba de zapar perto de mim. Me sento em meu tronco onde geralmente tomo sol; é perto do rio e gosto desse lugar e, é engraçado como esse vilarejo mudou ao longo dos anos.

Entretanto, a pequena cidade de Santa Maria não se desenvolveu tanto como as outras cidades, fazemos de tudo para mantê-la pequena e pouco atrativa. Quanto menos pessoas se interessarem por essa cidade, melhor.

— Olá, tio.

Agora Gael frequenta a escola dos humanos, ele é um aluno exemplar, mas segundo Grace: Gael não estuda, Gael só quer vadiar com as garotas; ainda assim, ele me disse que tira as melhores notas e que os humanos estão atrasados no aprendizado, e que ele pode dar aulas a qualquer momento.

Ele joga a mochila no chão perto de mim, porém ele permanece de pé.

— Como foi na escola? — pergunto, estico o meu corpo no tronco para

receber um pouco da luz do sol.

— Normal. Cheguei a tempo de ver o seu momento fotossíntese — diz ele — o senhor nunca sai dessa rotina chata...

Inspiro a pureza do ar da minha casa.

— Você saiu quando o sinal bateu?

Meu sobrinho passou por várias fases, mas ainda me lembro da fase do "eca tio", pois agora estamos na fase do:

— Obviamente...

Ele introduz o "óbvio" quando considera a resposta "óbvia", "tão clara como a luz do sol"; e isso é irritante, espero que seja apenas uma fase de adolescente.

Me sento no meu tronco, o encaro seriamente.

— Você pode pegar aquele galho para mim? — Aponto para um galho perto dele. Meu sobrinho pega o galho fazendo ele levitar até sua mão. Outra coisa que essa criança adora fazer: "nada" usando suas próprias mãos, quer usar os seus poderes para tudo e eu alertei que uma hora ele vai fazer isso na frente dos humanos, se ele já não fez... — Agora venha aqui e me ajude com algo, você pode segurar o galho e apontar naquela direção?

Ele me olha inquisitivo, porém seja qual for a fase que ele passe, ele é um garoto muito obediente e gentil.

— Sim.

Ele aponta o galho para frente, vou até ele e me ajoelho, ficando de costas para o galho, também tiro a blusa.

— Mova um pouco para a direita, por favor.

— Assim? Tio o senhor quer que eu coce suas costas?

— Obviamente — rio, ele murmura, porém, coça — obviamente estou te perturbando...

— Óbvio.

— Mas óbvio que você não vai parar.

— Lógico que não.

— Então coça mais forte — ele esfrega o galho com mais entusiasmo

— não tão rápido assim.

— Tio, chega — joga o galho fora — use seu coçador.

Solto um riso travesso.

— Óbvio, óbvio...

— Isso é irritante.

— É o que eu digo — tiro a minha calça — tenho que rastrear um cheiro.

— Eu também senti...

— E sabe me dizer o que é?

— Maconha. Droga...

— Drogas?

— Sim, é uma droga que alguns humanos usam.

— E quem quer usar isso na minha floresta? — Me transformo em urso.

Geralmente quando venho para a floresta eu não uso cueca, pois perdi as contas das vezes que estraguei elas nas minhas transformações por esquecer de tirar, mas dessa vez eu tenho uma cueca. Depois de tirar cubro a cueca com a pata.

Eu rujo alto acordando meus amigos residentes dessa floresta, é claro que esses amigos não são humanos.

— O senhor se sente o Rei da Selva, não é?

— *Não. Sou o protetor dessa floresta.*

— Uh-Huh. Mas, por favor, só não bata no peito e saia gritando por aí...

Não entendo ao que meu sobrinho se refere. Por que eu faria isso?

Carrego a cueca no focinho, ainda cheira ao meu sabão artesanal que aprendi a fazer antes do mundo se industrializar, eu posso dizer que não se faz mais sabão como antes... é triste a carência de glicerina no sabão industrial.

O porquê aprendi com meu sobrinho Gael quando estava ensinando ele a fazer sabão artesanal. Ele me disse que: a glicerina é mais cara, então é retirada e reutilizada em outros produtos, a falta de glicerina deixa a pele dos humanos ressecadas, por isso o sabão fica ressecado e rachado com o tempo

de uso.

Ele é o único na família interessado em como fazer sabão artesanal e sobre gastronomia. Nisso somos parecidos — ele gosta de aprender a fazer as próprias coisas... O garoto é exigente.

Na verdade, eu gosto de fazer coisas artesanais para me distrair. E capricho do meu jeito, o que faz a qualidade ser melhor.

Não. Eu não faço mais sabão para vender — em outra época as fêmeas humanas adoravam o meu sabão. Ao longo dos anos me especializei em fazer muitas coisas, incluindo móveis, casas, comida;

Antes de zapar digo ao meu sobrinho:

— *Eu vou atrás desse drogado invasor e dar uma sova nele.*

— O senhor precisa sair mais daqui e socializar...

Zapo.

Eu espero que Gael tenha falado aquilo usando o seu cérebro metido e não por experiência própria com as drogas, senão eu falo para os pais dele, mas imagino que nessa onda de vadiar ele deve ter encontrado garotos da sua idade que use isso.

O cheiro está próximo a um acampamento montado, há carvão de uma fogueira apagada e algumas roupas femininas secando em uma árvore.

O cheiro fica mais forte cada vez que me aproximo do *trailer*, como não sinto a presença de mais alguém no lugar, eu me transformo em minha forma humanoide e visto a minha cueca. Eu entro no trailer e me sinto intoxicado com o fedor da erva. O trailer está cheio delas, em toda parte e em pacotes grandes. Quantos quilos tem aqui?

Ouçõ passos do lado de fora, passos leves de pés pequenos também.

Uma fêmea humana.

É ela responsável por isso tudo?

Pois que vá para longe das minhas terras com essas drogas!

Saio do *trailer*, confesso que estou muito chateado, mas pretendo ser paciente com a fêmea, eu não tenho coragem de ser rude com nenhuma delas.

Passou tanto tempo e meus irmãos têm as suas companheiras, porém a minha ainda não apareceu. E sempre quando vejo uma fêmea, eu me sinto

ansioso e sempre sou atingindo com a decepção de não ser a minha.

A pequena fêmea arregala os olhos ao me ver, cruza os braços e encaro feio.

Ela é linda; tem a pele negra e cabelos cacheados que aparentam ser volumosos, olhos claros e um metal no nariz, com pinturas no braço como dos meus irmãos mais novos, sua cabeça está coberta com o capuz de um moletom com estampa de zebra, imagino que o frio das montanhas seja desagradável para uma humana.

— O senhor se deu conta que está de cueca na minha frente?

Eu gosto da voz dela... *Não. Não gosta.* Ela merece uma bronca. E outra, desde que meu irmão caçula encontrou sua fêmea, fiz uma promessa de esperar pela minha. Promessa é promessa.

— A senhora se deu conta que está com drogas na minha floresta?

— Que floresta? — Ela olha a sua volta — essa aqui?

— Obviamente.

— É sua?

— Óbvio, óbvio...

— Quem você pensa que é? O Tarzan? — Segunda vez que ouço esse nome hoje. Quem é Tarzan? — Olha só, Xuxu, caia fora daqui. Minha droga não é assunto seu!

— Eu vou ligar para a polícia se não for embora.

— Polícia? — Fica pálida — vamos negociar.

— Eu não negocio com drogados!

— Eu não sou drogada...

— Então está traficando? Pior ainda...

Eu não quero ser rude, mas essa humana está me causando coisas que nunca senti. Eu não costumo ter Raiva. Ela me deixou com raiva.

— Não ligue para a polícia, ok? Eu sou apenas uma garota que veio aqui para meditar, para encontrar a paz, para buscar o meu eu interior...

— Conversa fiada... — Falo com raiva — pois, vai procurar seu eu interior em outro lugar! Aqui não!

— Aqui sim.

Me aproximo dela que é baixinha, tem curvas sensuais... não! Não posso me deixar levar. *Ela não é a minha fêmea, pois eu não sinto cheiro, não sinto o coração bater mais forte e se está batendo é por raiva, pois essa humana transformou a minha floresta em um ponto de tráfico.*

— Vá embora fêmea, amanhã quando eu voltar não quero você aqui.

Ela me tirou do sério que quase zapo na sua frente, ela fica confusa e apenas ando, mas ela grita:

— Eu vou dizer para o policial que tem um maluco, pervertido se achando o Tarzan, e andando de cueca pela floresta — zomba e cruza os braços — o que é? Está procurando a Jane, Xuxu?

Ah, que voz linda... Se eu a encontrasse alguns anos antes da minha promessa com certeza não a deixaria ir assim, mas estou me guardando para a minha fêmea no momento, espero que ela não demore muito... E quem é Tarzan? Quem é Jane? Estou longe demais para perguntar, tenho que me lembrar de perguntar para o Gael.



CAPÍTULO UM

Demônios reais - Elie Anjo

Alguns dias antes de se encontrar com o Tarzan ...

— **Islay, você acha que** essa lingerie vai ficar boa em mim? — pergunta Penélope ao colocar o conjunto de lingerie ainda no cabide frente ao seu corpo.

— Não — minto, pois eu acho que vai ficar ótima — aquela vai ficar bem melhor, vai por mim, amiga — aponto para uma que vai ficar horrorosa e Enrico não gosta de estampas de animais em lingerie. Uma vez ele me disse que não gosta de fantasiar que está fodendo animais. Sim, uma coisa não tem nada a ver com a outra — com certeza ele vai adorar — afirmo.

Hoje ela está comemorando o seu aniversário de casamento, tenho vontade de servir veneno para ela. Ops, mas é isso que eu vou fazer muito em breve. A questão é, que o veneno está demorando para chegar, mas

encomendei.

Ninguém vai saber que vou envenená-la. Suspiro emanando pura satisfação enquanto vejo essa mulher seguir cegamente para a lingerie horrenda que lhe mostrei.

Primeiro, Penélope e eu nunca fomos amigas, nunca, eu a conheci a mais ou menos um ano quando Enrico a apresentou.

Foi aí que descobri que tinha uma inimiga absoluta e que precisava tirar essa mulher do meu caminho o quanto antes.

Ela é bem mais velha que eu e quase da mesma idade que Enrico, a questão é: eu amo Enrico desde o tempo da escola e quando ele se declarou para mim, eu achei que ia morrer. Ele estava indo para a faculdade e eu sempre fui uma sobrevivente dos orfanatos.

Enrico não é um cara normal, ele é o cara fodão. Sempre foi fodão. Ele tem tudo o que na minha atual concepção um homem precisa ter dado o histórico decadente de homens que sempre me cercou, mas nunca dei bola. Enrico tem: pau grande e dinheiro.

Tanto dinheiro que já imaginei tomando banho em uma banheira cheio de notas de 200 reais, era para o anel de diamante que ele deu a Penélope estar em meu dedo. E ele só casou porque seus pais exigiram.

A princípio eu fiquei com ódio, pois eu sempre fiz de tudo por ele e ele foi o meu primeiro homem. E eu não me apego a essa ideia, por favor..., Porém uma vez ele me procurou e disse que o problema era Penélope e que ele precisava se casar, mas era a mim que ele queria.

Um ano de casado e toda vez que ele quer transar comigo é essa mesma história que escuto.

Uma vez ele me disse: se o problema é ela... vamos matá-la?

Eu tenho tantas artimanhas e tentei até engravidar, mas eu nunca consegui. Os médicos não conseguem identificar o motivo de eu não engravidar.

— Eu vou levar essa com estampa de oncinha — determina Penélope.

— Ok.

Eu tive que fingir ser amiga de Penélope.

Tudo o que eu tenho foi Enrico que me deu. Como eu cresci em um orfanato eu não tinha chances de encontrar um garoto rico lá. Entretanto, o destino o trouxe para mim, pois estudamos na mesma escola. O seu pai era o dono da escola que oferecia bolsas de estudos para alguns alunos do orfanato terem a oportunidade de estudar lá. Eu ganhei a bolsa, claro.

Essa família tinha muito dinheiro e sei que há trabalho sujo envolvendo eles. A escola fechou, acho que a família está passando por alguma crise financeira.

Esse ano seu pai vai se candidatar na política. Quer ser prefeito de uma pequena cidade chamada Santa Maria e que eu saiba os pais do Enrico já se mudaram para a cidade. Sinceramente... grandes bostas é ser prefeito daquele fim de mundo! Não sei o que o pai dele tem na cabeça.

— Vamos? — pergunta Penélope ao passar a compra no cartão de crédito.

Que era para ser meu. Tudo o que ela possui é para ser meu. Sim, isso se chama inveja. Eu não sou hipócrita. Eu sei que não sou flor que se cheire e a única pessoa que consigo enganar nesse mundo é a Penélope, mas as vezes acho que ela quer assim.

Às vezes eu acho que ela sabe que Enrico não gosta dela e que a trai, porém quer me manter por perto e quer manter a farsa sem dar o braço a torcer. Hunf. E eu sou a hipócrita da história... faça-me o favor! Como dizem por aí — hipocrisia: a arte de exigir dos outros aquilo que não se pratica.

Portanto, qualquer um que me julgue tem o rapo preso com alguma coisa. Não confio na integridade de ninguém até porque as pessoas que me cercam passam longe dessa palavrinha. São corruptos, pecadores, a diferença é que adoram bancar os bons moços e as boas mocinhas, tipo, a Penélope. Uma boa moça de família.

— Onde pretende comemorar o aniversário de casamento?

— Decidirmos fazer uma viagem. Eu estou em dúvida entre Bahamas e o Havaí, mas hoje você pode passar lá em casa? Preciso da sua ajuda para escolher o que levar, pois tudo o que digo que você escolheu Enrico gosta, mas é claro vocês são como irmãos.

Não boba, somos amantes mesmo. Veja bem... ou ela é muito ingênua

ou ela é muito burra ou a minha teoria está certa: ela é muito fingida. E só estou jogando o jogo dela.

— Ah, vai ser um prazer — sorrio para ela — agora eu tenho que ir querida.

Coloco as mãos nos bolsos da minha jaqueta, eu gosto muito de couro. Também estou usando uma saia preta de tule, ela é volumosa e na pegada bailarina, uso uma bota coturno também.

Eu poderia estar satisfeita sendo amante dele porque ele me dá tudo o que preciso, tenho um apartamento mobiliado em um lugar bacana, tenho um carro que ele paga a gasolina;

O problema é que não é o suficiente, eu mereço muito mais, eu quero Enrico só para mim, ele e todo o maldito dinheiro dele. Dinheiro nunca é demais.

Leio novamente a mensagem que Enrico me mandou enquanto eu estava na loja, dizendo que está me esperando no meu apartamento. Eu pego um táxi e vou direto para lá. E ao chegar encontro ele sentado no sofá com uma taça de vinho e assistindo TV. Acho que ele veio direto do escritório.

Ele tem cabelos castanhos e olhos caramelos, barba rala e quase sempre de roupa social, hoje não é diferente, usa terno e gravata.

— Querido — vou até ele e me sento em seu colo — demorei muito?

— Não. Onde estava?

— Fazendo compras com a patroa.

Ele segura a minha bunda.

— Você só escolhe coisas estranhas para ela usar.

— Sério? Eu não obrigo ela usar, ela sempre quer a minha opinião. Acho que ela está bem grandinha para saber o que usar, não? — Brinco com a sua gravata — e também ela me disse que você não fica chateado quando diz que sou eu que escolho — sussurro em seu ouvido: — seja mais discreto ou seremos pegos.

— Isso não vai acontecer, se isso acontecer a única que vai sair perdendo é você.

— Hum-Rum — ele tem razão, por isso ela precisa morrer para eu subir

no trono, sou a próxima na sucessão. Quem me deu essa ideia foi ele. E ele alimenta essa ideia sempre que pode. Se eu me livrar da Penélope, ele vai ficar apenas comigo — você vai ficar?

— Estou aqui para me despedir, vou passar alguns dias de férias, numa segunda lua de mel.

— Legal.

— Quando eu voltar terei que me mudar para Santa Maria e ajudar o meu pai na campanha, quero que venha comigo, preciso da sua ajuda.

— Certo.

Fizemos sexo depois disso. E depois que ele sai, eu ligo para a pessoa que encomendei o veneno. Enrico precisa da minha ajuda e talvez me dê algum cargo importante para ajudar na campanha do pai dele. Mas em pensar que terei que ir para Santa Maria, isso me desanima muito.



CAPÍTULO DOIS

D e m ô n i o s r e a i s - E l i e A n j o

Sinceramente eu não sabia que esse fim de mundo seria tão estranho. Primeiro, estão construindo uma cidade foda, tipo Dubai, mas me pergunto que tipo de pessoas ricas estão por trás da cidade de Valhala.

Deve ser por isso que o meu querido sogro quer tanto ser prefeito dessa pequena cidade onde o Judas perdeu as botas e tudo o que ele tinha, incluindo suas trinta moedas de prata. Para quem não conhece Judas é o mestre dos traidores.

Embora eu tenha passado boa parte da minha infância em um orfanato, eu tinha uma família. Um pai e uma mãe que morreram em um acidente.

Eu acho que não ia ser o orgulho da minha mãe, pois dou mais atenção a parte em que o traidor ganhou trinta moedas de pratas e outros não.

Além da fama e do engajamento que o traidor tem. Ele se destacou. Entre os doze discípulos eu só lembro do nome Judas Iscariotes, o traidor, o

cara rouba a cena até mesmo naqueles filmes irritantes que passam na Páscoa, pois sempre tem aquela cena bem elaborada do beijo da traição. Além de ser um dos discípulos lembrado nos festejos mesmo que isso signifique ser representado por um boneco e queimado na fogueira.

E olha eu aqui... seguindo o mestre da traição. Só não quero ter o mesmo fim que o dele.

Enrico alugou uma cobertura para eu ficar. Ela fica em cima de uma boate, lugar perfeito, pelo menos isso.

Frente a boate há uma loja cor de rosa e um fusca rosa estacionado. Enrico fez o acordo com o dono do lugar e apenas me entregou as chaves. O lugar está todo mobiliado e parece um apartamento de homem solteiro, isso não importa, pois, o lugar é muito luxuoso. Eu mereço isso e muito mais.

Hoje à noite ele vem jantar comigo, acho que os dias nas Bahamas com a esposa não foram tão agradáveis assim.

Peço o jantar no restaurante ao lado da loja de doce "Adocica" e depois passo para comprar a sobremesa.

— Bom dia! — Uma mulher loira com um sorriso de orelha a orelha diz.

— Oi, por favor, vocês têm torta com recheio de morango?

— Não, mas temos torta limão.

Devia saber que nesse lugar não tinha nada comestível, algo mais caro, refinado e agradável ao meu paladar. Eu tenho cara de quem gosta de torta de limão? Suspiro e pergunto:

— Qual a torta mais cara que você tem?

Um adolescente entra na loja, ele tem cabelos loiros e belos olhos cor de champanhe, claros e marcantes.

— Oi, mãe.

Ele usa a farda da escola, vai para trás do balcão e dá um beijo na mãe que tem a aparência jovem o suficiente para confundir com uma irmã.

— A mais cara é a torta de limão, mas temos de maracujá, creme de avelã...

— E por que a mais cara é a de limão? Não faz sentido.

O adolescente continua me encarando.

— Porque é a favorita do meu marido e quase ninguém compra, só ele, então tenho que valorizar, pois sei que ele paga caro para comer — solta um risinho — sabe como é, né? — pisca.

— Pode ser a de creme de avelã.

— Ok — ela vai até uma das prateleiras e eu fico aguardando próximo ao balcão — você é nova na cidade, seja bem-vinda.

— Sim. Obrigada.

Depois que compro a torta volto para o meu apartamento, tenho assunto a tratar com Enrico. E pela noite ele vem para o jantar, ele gosta da torta e comeu distribuindo elogios.

Passou a noite comigo e acordou primeiro que eu. Me espreguiço e bocejo, vendo que ele já se banhou e está pronto para partir, eu pergunto:

— E sobre o assunto que me trouxe a Santa Maria?

— Primeiro de tudo... Islay, você me ama? — questiona me olhando de soslaio.

Veste a calça e Enrico tem um belo corpo.

— Claro que sim.

— E faria tudo por mim, não é?

— Sim...

Se aproxima de mim, segura o meu queixo, seu olhar é confiante. Ele gosta da ideia que sou louca por ele. Só que não.

— Então amor, surgiu um bom negócio. A campanha do meu pai está saindo mais cara do que pretendemos. Vai chegar uma mercadoria e vou precisar que cuide dela para mim.

— Tudo bem.

— Hoje pela tarde mandarei alguém buscar você, pegue algumas roupas e pertences pessoais.

— E o que seria isso?

Pulo da cama. Estou feliz, eu, eu, unicamente eu... vou cuidar de algo importante para a campanha do pai do Enrico. Estou quase fazendo parte da

família. Só preciso me livrar da praga.

— Maconha.

— O quê? Eu vou ser traficante? — grito no ímpeto do momento.

— Sem drama Islay, você é a pessoa perfeita para cuidar da droga. Está em um trailer na floresta por um tempo e eu vou mandar buscar assim que possível. Não chame atenção, passe a imagem de uma mulher aventureira na floresta.

— Jura? Quem vai cair nessa? Desculpa Enrico, mas essa ideia é péssima!

— Não é, as pessoas daqui são ingênuas. Acredite, papai é daquele jeito e está com muitos pontos positivos na igreja. A igreja local abraçou ele, e detalhe, ele é ateu. A primeira coisa que fará depois que se eleger vai ser construir um cassino ao lado dela, ele até disse em demolir. E o povo é inocente em votar nele.

Um crápula. O meu sogro se chama Thúlio, pois devia mudar o nome de candidato para: Thúlio cheque suspeito ou Thúlio papo furado.

Mas sinceramente se tem algo que precisa ser demolido é a minha pobreza. Eu odeio ser pobre. Desculpe, mas esse é o único preconceito que eu tenho: tenho preconceito com a minha própria pobreza. Odeio não ter dinheiro para comprar as minhas coisas. Eu sempre trabalhei, mas detalhe, eu sempre fui pobre. Quanto mais eu trabalho menos rica eu fico.

É uma lógica que não entendo até hoje. Fui secretária do Enrico, sua contadora, sua motorista e ele me dá dinheiro para comprar roupas e pagar as minhas contas, porém isso é muito pouco. Sou digníssima demais. E não necessariamente vivo à custa do Enrico.

Eu cansei de ser a empregadinha do Enrico. Cansei de ser a sua amante. Eu quero ser a patroa. Quero ser aquela que comanda tudo ao lado dele e do seu pai. Quero ter voz. Se Enrico acha que pode me descartar em algum momento ele está muito enganado. Eu toco fogo na vida dele.

Por enquanto eu apenas sorrio e concordo:

— Tudo bem, querido, farei tudo por você.

Ou tudo pelo seu dinheiro.



CAPÍTULO TRÊS

D e m ô n i o s r e a i s - E l i e A n j o

Depois do encontro na floresta com o Tarzan...

Ficar no meio do mato é desagradável. Eu odeio esses mosquitos, esse barulho todo, esse ar natural. Sinto falta da poluição da cidade; ao menos eu sei que lá eu vou morrer feliz perto de lojas, shopping, Fast-food, restaurantes digníssimos;

E para completar apareceu o Rei da Selva. Judas não só perdeu as botas e tudo o que tinha aqui, como amaldiçoou esse lugar. Essa cidade de Santa Maria é amaldiçoada.

E aquele homem é louco. A floresta é dele? Estou dando a minha risada diabólica nesse exato momento.

Espero que Enrico venha logo buscar a droga dele, pois aquele homem falou sério. Isso foi quando? Ontem? Estou perdendo a noção de tempo nesse fim de mundo.

Não bastava isso, não... não bastava. O pior de tudo aconteceu: o meu celular está sem sinal.

Eu saio do trailer em busca de sinal. Caminho para perto do rio, há um tronco caído perto dele.

Eu subo nele com cuidado, mas mesmo assim a minha bota derrapa e quase caio.

Elevo os braços e nada do sinal do meu 4G. Isso é terrível.

Me dei conta que meu pacote de internet acabou.

Fiquei vendo putaria na internet durante a madrugada. O meu histórico me denuncia. Gosto do sexo com Enrico, mas acho que falta algo a mais, acho que posso estar perdendo o tesão por ele ou ele pode estar perdendo o tesão por mim.

É sempre a mesma coisa, nenhuma inovação, só daquela vez que ele convidou mais alguém, uma outra mulher, mas fora isso não tem muita coisa interessante.

— Vejo que ainda não foi embora... — Tomo um susto. O homem está perto do tronco e eu não o vi chegar — saia de cima do meu tronco.

— Huh? — Pulo no tronco o fazendo balançar, dou outro pulinho — você é doido?

— Com todo respeito é o que penso sobre você — cerra os olhos analisando o meu corpo, ok, o homem é lindo, tem cabelo comprido e castanho claro, a ponta parece ser loira, olhos verdes e barba grossa, braços peludos e fortes; me pergunto quais as outras partes peludas do seu corpo, ele é selvagem e confesso que não é nada mau — desce daí, vai.

Ele pediu com gentileza. Pulo no tronco de novo.

— Eu não tô a fim, de onde você saiu? — pergunto dando outro pulo — só quero fazer uma ligação e estou sem sinal.

— Geralmente o sinal aqui é ruim.

— Que horrível isso, não é? Você vive por aqui?

— Sim.

— Tem um telefone para me emprestar?

— Não — cruza os braços — tudo bem eu tenho, mas se eu emprestar

não sobe mais aí, suas botas estão sujas e eu costumo me deitar nesse lugar que você está fazendo de trampolim.

Doido de pedra.

— Ok...

— Quando vai embora?

Ele começa a andar e eu pulo do tronco para o acompanhar, é muito difícil andar rápido pela trilha, mas ele parece muito familiarizado e faz isso com muita facilidade.

— Eu tenho que devolver a mercadoria ao dono.

— Você não é a dona?

— É o meu boy — limpo a garganta, ele franze o cenho.

— Acho que ele não gosta de você.

— Por que você acha isso?

— Eu jamais ia deixar a minha garota fazer algo assim por mim.

Ele anda mais devagar, reparo nas suas botas pesadas e na sua camisa grossa com estampa de xadrez tons vermelhos e preto, uma calça jeans surrada denúncia que ele não é rico.

— Não adianta ser cheio de moral e de lições para dar para essa garota aqui. Daria ouvidos se não fosse doido e aparentemente pobre.

— Se quer me ofender está indo pelo caminho errado.

— Então você é rico? Ou não é doido?

Ela nada responde. Mas ao chegar na sua casa nas montanhas eu noto o motivo dele não responder — ele realmente não é rico.

Mas a sua casa é bastante acolhedora e achei gentil me emprestar o telefone, ele me leva até a cozinha onde fica o telefone, há uma janela na cozinha com a vista para paisagem na montanha, mas antes dele me entregar o telefone, ele avisa:

— Se vai ligar para seu namorado traficante que seja para ele buscar as drogas ou eu vou enterrar ele nas montanhas junto com elas — vejo um brilho ameaçador em seus olhos, ele está próximo de mim o suficiente para sentir o seu perfume fraco, o cheiro dele é bem amadeirado, cheira a café e a

madeira — o que é?

— Pode se afastar um pouco? A conversa é particular.

Aguardo ele pegar uma xícara de café.

— Não demore, por favor, não quero ter problemas ao ajudar uma traficante de drogas.

Ligo para Enrico que finalmente atende e promete se encontrar comigo durante a noite, porém o lugar que ele marcou fica distante daqui, então não tenho condução.

— Enrico, eu não tenho como ir...

— Pede carona a alguém. Não tem como eu buscar você. Agora tenho que desligar.

Posso pedir carona a este homem que me emprestou o telefone e a propósito, eu não sei o seu nome.

Enrico desliga a chamada, retorno para casa e reparo nos detalhes. A casa é bem-feita, ela é toda feita de madeira, até a escadinha ao lado da sala que dá acesso a parte de cima. A casa não é muito grande, mas acho que tem dois quartos lá em cima. Assobio. Quem fez essa casa estava inspirado, pois é rústica e aconchegante.

Passo o dedo no corrimão da escada e não tem poeira...

— Olá... — falo sussurrando.

— Estou aqui fora! — ele grita do lado de fora.

Como ele me ouviu? Saio de casa com o celular na mão, tiro algumas folhas que grudaram no meu moletom felpudo.

— Obrigada por emprestar o telefone, vou me atrever a pedir mais um favor...

— Não. Eu não vou fazer isso.

Ele está sentado em um banco feito com um tronco cortado, há outros contornando uma fogueira, agora só restam as brasas.

— Mas você nem sabe o que é — pressiono os lábios com cara de pidona — olha...

— Não vou dar carona para se encontrar com o seu namorado

traficante...

— Mas...

— Melhor você ir.

— Eu juro que estou tentando me livrar das drogas, se você me ajudar nisso... eu prometo que nunca mais vai me ver.

— Sêrio? — Me sento ao seu lado, ficamos de frente um para o outro e ele me acompanha em tudo, bebe mais do seu café. Ele tem as mãos grandes, reparo nisso, eu estou reparando muito nele e ele em mim — eu vou fazer isso se você fizer algo por mim — percebo que ele se aproxima mais de mim — uma coisa que preciso verificar.

— E o que seria isso? — Usamos um tom de voz baixo.

— Deixe-me ver se tem algum sinal aqui — ele aponta para o meu corpo.

O quê?

Meu Deus...

Tarado. Nunca ouvi uma desculpa mais esfarrapada para ver uma mulher sem roupas.

O que é isso agora? É um novo método criado pelos homens dessa cidade para pedir para uma mulher tirar as roupas para eles?

E eu achando que os homens dessa cidade não seriam interessantes, ein?

Quem diria...

— Só isso?

— Hun-run.

— Tudo bem — abro o zíper do meu moletom e fico apenas de sutiã na sua frente, ele ruboriza. Ele é tímido? Ou talvez não tenha esperado essa minha atitude. Ele não levou fé que eu ia mostrar. Cara das montanhas sou uma garota da cidade, não me desafie. Ele ainda está estarecido olhando para os meus seios. Reviro os olhos, agora o tarado virou inocente — nunca vi um desses? — seguro eles e balanço. Pudor mandou lembranças para mim. Lidar com homens tarados é foda — eu sei, são lindos, não é?

— Garota, você é descontrolada!

— Descontrolado é você! E tarado! Você que pediu para ver se tenho algum sinal em meu corpo. É algum fetiche?

— Como pode tirar as roupas? E eu não sou tarado! — diz irritado.

— Ah, jura? Primeira vez que te vi você estava de cueca no meio do mato! Pudor mandou lembranças para você também, agora você vem com esse papo de que quer ver se tem um sinal em meu corpo...enfim, a hipocrisia.

— Eu não sou tarado, tampouco hipócrita.

— E eu sou um anjo — não estou chateada com ele, mas ele está comigo — então você está me julgando porque tirei a minha roupa, o único que pode andar de cueca por aí é você?

— Naquele dia eu...

— Então supondo... — eu o interrompo e ele presta atenção em mim — que eu queira ficar de calcinha e sutiã nessa floresta, eu não posso? Por que já pensei em fazer isso é como ir numa praia de nudismo, você já foi numa praia de nudismo?

— Não... Nunca fui...

— Não sabe o que está perdendo, mas quando penso em ficar despida nesse lugar, penso que os mosquitos arrancariam a minha pele. Então sem chance.

— Ok.

— Você que disse que queria ver...

— Seus ombros e não são seus seios.

— Eu não tenho bola de cristal... Por que não foi mais específico?

Coça a garganta.

— Houve um erro de comunicação. Eu sinto muito.

— Ah, não me diga... certo, docinho. Vamos esquecer isso e vamos para a próxima rodada.

Ele fica confuso. Ele não fala a minha língua. Fofo.

— Vire-se, por favor. E não é um fetiche, não tenho isso e não sou um tarado — ele ainda tenta justificar o injustificável e fica cada vez mais

vermelho. Ele pode não ser tarado, mas eu sou. Confesso que adorei ver a imagem dele apenas de cueca — sinto muito se entendeu isso...

É muita fofura. Ele estava escondido do mundo, percebe-se. Meu grande problema é ter queda por coisas fofas. E quanto mais fofo mais eu provoco.

No orfanato as únicas crianças que eu não implicava eram as mais novas que eu. Eram inocentes e fofas. E de uma maneira estranha estou tendo esse mesmo sentimento agora, uma nostalgia. Nunca mais tive contato com uma pessoa aparentemente tão inocente.

— Tá, tudo bem, mas saiba que não é normal isso o que você está me pedindo.

— E por que você não parece nenhum pouco desconfortável com isso? Não sou o único anormal na história.

— Eu não discordo. É o meu pescoço, certo? A que ponto cheguei cara, estou barganhando a exposição do meu pescoço por uma carona — rio — quando deve custar o corpo inteiro?

— Quieta...

Acho que eu escutei um fraco riso ou deve ter sido impressão minha.

Me inclino e prendo o meu cabelo com a mão, estou completamente confusa, que homem ficaria chateado ao ver os seios de uma mulher? Esse homem que ainda nem sei o nome veio com defeito de fabricação. Mas eu não julgo eu também tenho um defeito de fabricação que o mundo condena.

Ele quer ver o meu pescoço e não os meus seios. Um tipo de tara estranha? Estou tentando acreditar na parte que ele não é um tarado, mas está difícil. Tudo aponta para que ele é...

Ele fica em silêncio, mas sei que está olhando o meu pescoço, toca na minha nuca e me arrepio. Acho que um mosquito deve ter mordido onde ele tocou, pois sinto um formigamento estranho e quero coçar.

— Ei, só olhar tá, docinho, não tocar...

— Huh, desculpa — afasta a mão — Não está aqui — fala um tanto decepcionado.

Eu me viro rapidamente. E novamente ele ruboriza.

— Você parece decepcionado...

— O sinal é especial.

— Eu só tenho tatuagens especiais — tem algo que me incomoda sobre ele. Me levanto e saio de perto dele — então eu venho aqui mais tarde para você me dar uma carona.

— Sim— ele desvia a atenção para a fogueira — e eu espero que depois disso não veja mais você invadindo as minhas terras.

— Achei que depois disso tínhamos nos tornado íntimos...— Pisco.

Adorei provocar ele.

Ele me ignora e fica encarando a fogueira, ficou um pouco triste e ranzinza depois disso. Ele é um taradinho fofo. Não sei o motivo de tanta decepção por causa de um sinal. E a propósito, ainda não sei o seu nome.



CAPÍTULO QUATRO

Demônios reais - Elie Anjo

A humana não é a minha fêmea, portanto, vou apenas levá-la até o seu namorado e nunca mais vê-la. Quero essas drogas longe da minha casa o quanto antes.

E ainda por cima, ela acha que sou tarado!

Pudera... além dela não me conhecer, eu não causei uma boa impressão. Primeiro que ela me viu de cueca na floresta e depois eu pedi para ela fazer aquilo.

Claro que ela vai pensar que sou louco e tarado.

Tarado, tarado...

Essa palavra não sai da minha mente, tampouco a imagem dos seios dela naquele sutiã. E quando ela falou sobre ficar pelada na floresta a imagem foi projetada e agora não consigo esquecer.

Balanço a cabeça afastando esse pensamento.

Meus sobrinhos me visitaram e foram embora. Eu tomo um banho, guardo as sobras do lanche da tarde deles, esses filhotes fazem da minha casa seu restaurante e se eu deixar aqui vai virar uma creche.

Mas eu gosto de ter meus sobrinhos fazendo bagunça por aí, assim eu me sinto menos solitário e, além disso, eu amo todos eles.

Mais tarde, enquanto descanso em minha poltrona, ouço os passos da humana subindo as escadas. Eu sinto seu cheiro à distância e por sinal é um cheiro agradável e misturado com o fresco da floresta. Entretanto, o que me incomoda é o cheiro da maconha impregnado nela.

Por que ela está fazendo isso? Está tão desesperada assim por dinheiro? A propósito, eu não sei o nome dela. Me levanto antes mesmo dela bater na porta, zapo até a porta e abro.

— Oi! — diz sorrindo — vamos? Estou pronta. Eu até pensei em ir no trailer, mas aí lembrei que não posso andar por aí em um trailer amarrotado de drogas.

Pego as chaves da moto presa no cós da minha calça e sigo até a minha *Harley Davidson*, entrego o outro capacete a ela.

— Qual o seu nome? — pergunto.

— Islay Anjo. E o seu?

— Jandir. E de onde saiu o Anjo?

Sento-me na moto e ela fica me olhando com um risinho, toca em minha jaqueta, porém sei que ela só está me provocando.

— Isso porque sou um Anjo, mas eu disse para você, sabe?

— Sei... — caído. — Sobe e me diga exatamente onde vai se encontrar com o traficante.

— Meu namorado... — Tenta me corrigir.

Ela sobe na moto, segura a minha cintura o que faz eu acelerar imediatamente.

As estradas não estão mais desertas como antes; isso começou desde a construção da cidade, muitas pessoas estão sendo atraídas por causa da mão de obra.

Islay disse que marcou de se encontrar com o traficante próximo a

prefeitura, mas ela pede para eu esperar um pouco mais distante então percebo que está acontecendo um evento, acho que é uma reunião com a equipe de um dos candidatos.

Encosto na moto e observo ela conversando com um homem que acabou de sair da prefeitura. Ela disse que é o seu namorado, mas há uma aliança no dedo dele e no dela não.

Eu não faço questão de saber sobre o quê estão discutindo até uma outra mulher sair, essa também tem uma aliança, elas conversam amigavelmente. Meu Oric. Assim que os dois viram as costas, Islay dá o dedo do meio para eles. Vem até mim em passos furiosos.

— Então? — pergunto.

— Nada resolvido, ele quer que eu fique com as drogas por mais alguns dias — eu gosto de como seus cabelos são cacheados. Ela é muito linda, mas... não é a minha garota— vou ter autorização do Rei da Selva para isso?

Ela está segurando o capacete e aguarda a minha resposta, eu também gosto dos seus olhos. Islay tem lindos olhos cor de avelã.

— Por que você faz isso?

— O que eu faço?

— Se meteu em uma furada por causa de um homem casado que claramente não está nem aí para você, ele só está usando você, pequena.

— E o que você tem a ver com isso? Nada, não é? — Dá de ombros.

— Não, eu não tenho, mas ainda assim eu vou lá dentro fazer esse cara tirar as drogas dele da minha casa.

Ando em direção a prefeitura. Não gosto de discussões, tampouco de agressão física, mas estou com vontade de ensinar uma lição a esse cara. Olha o que ele está fazendo com a garota? Está iludindo-a. E o pior de tudo é ela achar que está no controle. Muito iludida; e uma hora esse cara vai acabar prejudicando ela para valer.

— Não Jandir, você não pode fazer isso, por favor, apenas mais alguns dias, ok? — Bloqueia a minha passagem — deixa que eu resolvo com ele.

Seguro seus ombros e me inclino para mais perto do seu rostinho bonito.

— Eu vou fazer isso porque me pediu, mas qual a razão disso tudo?

— Dinheiro? — ela afasta-se de mim — não é culpa dele e estou nisso porque eu quero e tenho planos, Jandir — volta para a moto.

E eu também me sento e coloco o capacete. Estamos prestes a partir, mas insisto no assunto:

— E posso saber quais são esses planos?

— Você quer saber? — Faço que sim. — Ok, quando chegarmos em sua casa, eu falo.

— Tudo bem, está com frio? — indago e ela dá uma risadinha em meu ouvido, passa os braços em torno da minha cintura — do que está rindo?

— Já quer cuidar de mim. Não resistiu ao meu charme, não é? Fique sabendo que não saio com homens sem grana.

— Você é preconceituosa a esse ponto? — Estamos conversando na estrada.

— Sou! Então você não tem chances comigo.

— Ok.

Eu não quero ter chances nenhuma com ela, pois estou esperando a minha fêmea, Oric me livre se a minha fêmea tiver esse tipo de pensamento preconceituoso, mas se ela tiver, eu não vou correr dela. E uma coisa que eu percebi é que ela faz questão de deixar eles claro para quem quiser ver.

Sinto que há algo errado com isso...

Penso nisso quando estaciono frente à minha casa, Islay me agradece, ela nem saiu com uma roupa mais grossa, está com uma calça jeans preta, rasgada e uma blusa que deixa seu umbigo do lado de fora.

— Você já comeu alguma coisa? — pergunto preocupado, ela estranha a pergunta — venha, vou preparar alguma coisa para você comer.

— Sério? — Dá uma tapinha em meu ombro — isso mostra o quanto você é solitário, acabou de convidar uma traficante de drogas para jantar.

Ah, essa garota...

Vou até a cozinha e pego alguns dos sanduíches que sobrou da merenda dos meus sobrinhos. Faço um chocolate quente. Ela não para quieta e observa a minha sala, minha cozinha;

— Gostou da minha casa?

— Não. Quer dizer... sim, mas não é o lugar que eu passaria a minha vida, eu prefiro morar na cidade e não nesse fim de mundo — percebi que é tagarela também.

— Isso deve servir — mostro a mesa pronta para ela se servir— mas se não for o suficiente e se precisar de alguma coisa é só pedir.

— Por que está sendo gentil comigo?

Islay pega o prato com o sanduíche e a xícara e me segue até a sala.

— Estou sendo? — Acendo a lareira e me sento em minha poltrona confortável. Islay coloca o prato na mesa de centro e se senta no meu carpete. Nunca imaginei que ela se sentaria no meu carpete, embora ele esteja limpo — eu só gosto de ajudar, principalmente pessoas perdidas como você.

— Eu não estou perdida.

— E sobre os seus grandes planos? Que com certeza tem a ver com dinheiro.

Observo ela morder o sanduíche. Divino Oric. Ela é muito linda, só pode estar me tentando deixando essa linda garota com um cara que não sabe o que é tocar em uma mulher há anos. Não acho que tenha sido uma boa ideia ter me aproximado dela, pois me sinto como se estivesse traindo a minha fêmea.

— Eu conheço o Enrico desde os tempos de escola.

— Ah, sim, então o nome dele é Enrico. E quanto anos você tem?

— Vinte e Dois. — Tão nova assim... E a raiva por esse tal de Enrico só cresce — eu sei o que está pensando.

— Sabe? — Acho graça.

— Sim, deve pensar que sou uma pobre coitada iludida de amor.

— Ah, e você não é?

— Não. Só estou usando ele para alcançar os meus objetivos. Enrico é o cara que vai me dar a vida que sempre quis ter. É o meu objetivo de vida.

— Não tinha um objetivo melhor, não?

Ela encara o vazio, seu olhar se torna vago e sua resposta demora um pouco:

— Acontece que tínhamos um relacionamento antes de Penélope entrar na vida dele — imagino que seja aquela mulher que apareceu — sou amante do marido dela. — Por Oric! — Ele até me disse que queria matá-la... — Se cala — ops, acho que não era para eu contar essa parte.

— Certo, então isso faz de você gananciosa e maliciosa, mas não deixa de ser iludida. Não acha que está indo longe demais?

— Não, por isso que você não pode ficar me olhando desse jeito.

— Como eu estou te olhando?

— Me desejando...

— Isso soa muito desrespeitoso da minha parte, eu estou fazendo isso? Ou você é muito convencida?

— Tem razão, acho que sou convencida mesmo...

Há algo me incomodando muito, tenho uma sensação estranha com cada resposta que ela dá. Também tenho uma sensação estranha quando estamos próximos.

E eu realmente quero que ela responda, pois nem eu entendo minhas atitudes perto dela. Realmente estou olhando muito para ela. Isso porque é impossível não reparar: ela é toda linda. A mulher mais linda que já vi.

A questão toda é que nesse momento estou traindo a minha fêmea com pensamentos que jamais irão se concretizar com Islay. Então é melhor ser sincero com ela, mas antes de abrir a minha boca. Islay diz:

— Você é o oposto do que eu quero em um homem, Xuxu.

— Desculpa por isso — rio — e desculpa por ser sincero com você, mas isso é recíproco, Xuxu. Mas... como eu disse sou sincero, embora você não faça o meu tipo, eu estou olhando para você de maneira impertinente. Isso é porque eu conheço esse lugar como a palma da minha mão, eu já admirei essas paisagens de vários ângulos, mas neste momento você é a única coisa que quero explorar, sendo você a coisinha mais linda que já vi... — ela pisca surpresa. Ela é linda... — Eu também tenho alguém que eu espero, então eu não posso ficar interessado em nenhuma outra mulher.

Embora eu esteja muito interessado sobre a vida dela.

Vou evitar me envolver na vida conturbada dela.

— OK...

Eu observo ela abocanhar novamente o sanduíche.

— Termine de comer, que eu levo você.

— Não precisa.

— Está escuro e...

— Eu tenho uma lanterna no meu bolso.

— Há ursos na floresta.

— Tudo bem, eu aceito.

O único urso que existe nessa floresta sou eu e, sim, quero passar mais tempo com ela. Depois que ela termina de comer pergunto se precisa de mais alguma coisa. Acompanho Islay e ela usa a lanterna do seu celular para iluminar a trilha até o trailer.

— Use isso, está frio — tiro a minha jaqueta e dou para ela — eu vou deixar você aqui por mais alguns dias, ok?

— Ok, obrigada.

Por incrível que pareça, apesar de estar em um trailer no meio do nada, ela está mais segura aqui, ninguém vai incomodá-la, antes de partir eu deixo a fogueira acesa. Islay dorme em uma barraca. Ela diz que gosta de riqueza e casa luxuosa, mas dorme em uma barraca no meio da floresta; ela realmente se ilude com esse cara e com o plano de vida dela. E pelo visto, esse plano está falhando miseravelmente...



CAPÍTULO CINCO

Demônios reais - Elie Anjo

— **Tio, eu posso brincar no balanço?** — pergunta Aurora.

— Tudo bem minha linda, mas deixa o tio terminar que eu te levo.

Estou dobrando alguns cobertores para Islay.

Será que ela tomou café da manhã?

Gael zapa na sala me olhando desconfiado ao me ver dobrar os cobertores e com uma sacola de coisas que peguei na cozinha para ela.

— Não vai para a escola? — questiono.

— A professora ficou doente — ele usa um casaco do time de futebol americano. Gael faz parte do time embora seu pai tenha o ensinado a controlar sua força e se passar por um humano, ainda é arriscado tê-lo em uma atividade com os humanos — onde vai com essas coisas?

— Vou dar para uma humana na floresta.

— Tem uma humana aqui?

Aurora minha preciosidade é muito gentil e pega uma sacola dizendo:

— Eu levo!

— Você fica aqui meu amorzinho, Gael vai levá-la para brincar no balanço.

— Tá.

Ela está usando um vestidinho e um chapéu de palha com uma fita azul. Isso deve ser coisa da Dandara que uma hora dessas deve estar cuidando da fazenda e Rudá da cidade.

Pego as coisas e vou para a floresta, faz alguns dias desde que vi a humana.

— Sabe que ela é traficante, não é? — Gael me segue até a trilha e Aurora vem atrás dele.

— E como sabe disso?

— Eu sei que ela está envolvida com esse cara novo da cidade. Papai disse que ele é um traficante, pois ouviu isso do tio Ructon.

— Ah, Sim. Só podia ser Ructon. Ele só se envolve com gente que não presta — falo zangado.

— E pelo visto o senhor também está seguindo pelo mesmo caminho — faço uma careta para ele.

— Eu não estou me envolvendo com ela, estou apenas a ajudando.

Ele cruza os braços e não diz mais nada, Gael para de me seguir e segura a mão de Aurora para que ela não me siga. Dou uma última olhada para minha sobrinha e pisco para ela, logo seus olhos cor azul e graúdos ganham um tom risonho.

Zapo para mais perto do acampamento, ouço a voz dela e de mais um homem. E reconheço o seu amante traficante. Ele passou a noite aqui? Pelo cheiro de sexo e pelo estado bagunçado dele ao sair da barraca essa resposta é mais que óbvia.

Jogo as coisas que eu trouxe no chão.

— Quem é você? — pergunta um pouco espantado, veste a calça nas presas. Eu não gosto nenhum um pouco dele. E mais do que nunca meus instintos estão em alerta e também sinto uma pontada de algo a mais e é

inegável que estou muito preocupado com ela — Islay tem um cara aqui, sabe quem é?

— Ah, não faço ideia quem seja — ela diz ao sair da barraca vestindo uma camisa masculina. Que fêmea ingrata. Já se esqueceu de mim? Huf. — É você... ele é o meu vizinho.

— Não, eu sou o dono dessa propriedade — interrompo-a. — E vou dar até hoje ao pôr do sol para você tirar essas drogas daqui ou chamo a polícia e quando eles chegarem vão encontrar você no fundo do rio! — Ameaço.

Eu vim as presas que nem vestir uma camisa, na verdade, eu não uso camisa uma hora dessas, pois geralmente é hora de tomar o meu banho de sol no meu tronco. Mas acho que hoje, novamente, eu terei que sair da minha rotina.

— Não foi isso que combinamos Jandir...

— Quero isso longe daqui!

E não quero mais encontrar esse cara nas minhas propriedades. Essa fêmea diabólica não vê que esse humano só está usando ela.

— Quem esse imbecil pensa que é para falar assim comigo? — fala todo pomposo.

Antes que eu fale alguma coisa, Islay pede para eu parar.

— Enrico, melhor você ir. Mais tarde eu te ligo e vamos combinar as coisas.

— Estou indo.

Pega o terno jogado no chão e segue a trilha e imagino que seu carro esteja estacionado em algum lugar por aqui.

— O que faz aqui Jandir? — Cruza os braços. — E o que são todas essas coisas?

— Trouxe para você, comeu alguma coisa?

Que pergunta estúpida, ela acabou de acordar e tem o cheiro desse humano no corpo todo. Por que me sinto enjoado? Não tenho nada a ver com a vida dela.

— Olha, eu não preciso disso, ok. Não é como se tivéssemos uma amizade...

— Você é inacreditável! — Sinto tantas coisas perto dela. Tantas coisas que eu não estou acostumado a sentir. Nesse momento estou me sentindo um tolo e ao mesmo tempo com raiva e o pior é ficar incomodado com o cheiro desse macho nela. Não sei o que está acontecendo comigo — humana saia das minhas terras até o fim da tarde. Me entendeu? Saia daqui com seu amante traficante e esse é o meu último aviso.

— Humana? — Ela ri — cara, você precisa sair mais desse mato, isso aqui está te afetando. Bom, eu vou tomar um banho. Hoje à tarde Enrico prometeu se livrar das drogas de qualquer forma. Nunca mais vamos nos ver.

— Ótimo.

Faço o caminho de volta até o rio e me deito no tronco. Será muito arriscado ficar na minha forma de urso? Acho que não terá problema nenhum. Islay conseguiu me tirar do sério, eu perdi completamente a minha calma.

Mas é assim que ela me agradece? Sério? Ficando a noite toda com esse imbecil e me destratando quando acorda?

O que eu estou pensando...

Ela não é minha fêmea, não posso me sentir dessa forma.

— Minha garota... onde está você?

Eu não posso me confundir, sei que posso estar carente, mas eu não tenho o direito de trair a minha fêmea nem em pensamentos ainda mais com essa ingrata.

Tiro as minhas roupas e me transformo em um grande urso de pelos marrons.

Deito-me no tronco com a barriga prensada nele e o sol fraco da manhã esquenta as minhas costas. Ah, o silêncio... Nenhum barulho humano por perto. Ah, que manhã mais fresca. Ah, que vento agradável;

Isso é tão bom que fecho os meus olhos.

Ouçó um cantarolar vindo da trilha, reconheço os passos sutis e a linda voz. Ela canta bem, hein? Eu podia ficar ouvindo ela o dia todo.

Eu sei que você é errado para mim

Mas o que essa humana está fazendo? Ela me disse que ia tomar

banho...

Sento no tronco e observo o rio bem perto de mim, acho que ela vai se assustar ao ver um urso por aqui, melhor eu me esconder. Levanto e ando para mais longe do rio. Eu a ouço cantar tão perto de mim e espero que ela não repare nas pegadas de urso.

Vou desejar que a gente nunca tivesse se conhecido no dia que eu partir

Ela está perto do rio. Consigo ouvir o seu pé deslizar na lama. Então é aqui que ela se banha.

Porque dizem que o sofrimento adora companhia

Ela disse que faria tudo para ter dinheiro e ser a mulher daquele cara, mas sinto que isso não será possível. Por que uma garota como ela perde tempo com aquele cara?

...

Não é sua culpa que eu não sou o que você precisa

A sua voz se torna um pouco falha ao entrar na água, posso sentir que prendeu o ar em um mergulho, ela soa o nariz, mas sinto que há algo a mais. Demora um pouco para ela retomar a música:

Querido, anjos como você não podem voar para o inferno comigo

Eu sou tudo o que eles disseram que eu seria

...

Eu me transformo em minha forma humanoide. Visto as minhas roupas e zapo.

Caminho para mais perto do rio e ela não me percebe, ela está de costas com o corpo coberto nas águas apenas vejo seus cabelos e suas costas.

Tum, tum, tum...

Tum, tum, tum...

— Agora sei o porquê do seu sobrenome Anjo. É a sua voz, não é?

Ela se vira rapidamente para me ver. Desvio o olhar para seus pertences nas pedras do rio.

— Ah, é você. Me assustou... — Islay nada até a borda, não quero ver a sua nudez, o meu rosto ferve — pensei que já tinha ido.

— Não tenho para onde ir. Essa é minha casa, querida. E por que está chorando?

— Eu não estou.

— E o que é isso em seus olhos?

— Água do rio — revira os olhos.

Limpo a garganta e pego uma folha da grama para brincar entre os dedos, tento me distrair para não olhar para ela.

— Não gostei muito da última parte, embora sua voz linda faça tudo parecer belo, algo me deixou triste enquanto cantava — ela não diz nada, mas sinto o seu olhar me analisando. Ela não tem vergonha de mim e eu já percebi isso — ele agrediu você em algum momento?

— Não! — Ela fica ao meu lado no rio. Ela se deu conta que está pelada? Por Oric! Aperto os olhos para não olhar para seu lindo corpo desnudo — ei, pode olhar para mim, eu não ligo.

— Pois devia ligar.

— Por que veio até mim? Até uma mulher tomando banho pelada em um rio...

Acabo olhando para ela, seus seios são médios e tem uma marca de biquíni. Há uma tatuagem entre eles, volto a encarar o rio.

— Volte para água.

— Mas já estou.

— Entendeu o que eu quis dizer...

— Acho que não.

Embora ela esteja na água, ela está na parte rasa do rio. Há algo de errado em seu humor.

— Então não vai se importar de me ver pelado? Já que adora provocar

— pergunto ficando de pé e tiro a minha calça.

— Não, inferno! Que diabos vai fazer? Não fique pelado! — Ela nada para mais fundo do rio.

— Sério? Eu disse que tinha alguém e você não respeitou isso... — entro no rio. Estou apenas de cueca.

— Quem é ela? — Estamos juntos no rio, fico de frente para o seu rosto e estamos nadando para a parte mais funda — deve ser alguém importante.

— Ela é... alguém para a vida toda, sabe? Ela sempre vai ocupar o primeiro lugar na minha vida. Eu estou esperando por ela.

— Ela viajou?

— Não, só estou esperando por ela.

— Você é bem estranho Jandir — ela mergulha, espero ela voltar e depois de alguns segundos ela retorna — aprecio coisas estranhas.

— Onde aprendeu a cantar daquele jeito? — Eu tiro uma mecha de cabelo colado em sua testa.

— Por aí — diz simplesmente — eu tenho que ir agora, não se preocupe que hoje à noite não vai ter mais drogas e eu vou desaparecer da sua casa. Sinto muito pela bagunça.

— Ok.

— Agora você pode se virar para eu sair do rio?

Faço que sim com o balançar da cabeça e ela pensa que me engana. Espero ela sair até a borda do rio para virar o meu rosto para observá-la.

Ela está de costas e se abaixa para pegar sua toalha, Islay tem uma bunda grande e redonda, mas tudo o que consigo focar é na vermelhidão em sua bunda. Travo o maxilar e trinco os dentes. As suas pernas também estão com alguns hematomas e logo acima do seu quadril.

Meu Oric... Nunca senti tanta raiva como tenho agora, eu quero esmagar o crânio daquele desgraçado. Como ousa tocar nela desse jeito? Nenhuma mulher merece ter seu corpo marcado desse jeito. É por isso que ela estava chorando?

Há uma tatuagem de um urso bem realista ao lado da sua cintura. E isso chama a minha atenção. Ela gosta de ursos?

Volto a focar nas suas manchas.

Acabo zapando para mais perto dela.

— E essas manchas?

— Quê? — Ela veste a toalha rapidamente.

— Só estranhei uma pessoa que me mostrou os seios duas vezes ficar tímida ao sair da água...

— Isso não é da sua conta!

Fica irritada e caminha de volta para a trilha.

— Ele te agrediu.

— Não. — fala rispidamente — foi apenas uma foda.

— Mas que inferno. Isso se chama agressão. Não tem nada a ver com sexo.

— Me poupe, nem todo mundo tem a sua mente Jandir, nem todo mundo quer viver no meio da floresta, existem pessoas excêntricas, principalmente no sexo...

Tem algo errado com essa garota. Ela criou uma zona ilusória ao seu redor, ela está apenas conformada com isso tudo.

— E por que diabos estava chorando se gostou? — Ela suspira e para de caminhar. Estou a perseguindo e ela evita olhar para mim — eu só quero ajudar se está em algum relacionamento abusivo, porque claramente é.

— Pessoas choram por vários motivos.

— Agora admite que estava chorando...

— Você não me conhece. Não quero retribuir a sua gentileza com grosseria, mas sinceramente você não pode se envolver em meus assuntos — ela para de caminhar e ajeita a toalha em seu corpo — acontece que eu estou bem, ok? Eu vou voltar para a cidade. Eu estou morando em cima daquela boate, sabe onde é? — A boate do meu irmão mais novo — se quiser pode dá uma passada por lá um dia desses...

— E para quê? Melhor não. Melhor dizer um adeus agora. Não é bom prolongar o adeus, não é? Você já tem seu próprio caminho — me curvo e deixo um beijo em sua bochecha — seja mais cuidadosa com o seu corpo, respeite seu limite emocional também, se não está bom é só dizer.

Eu estou com essa vontade estranha de querer mantê-la por perto, porém quanto mais me envolvo com ela mais complicado a situação fica.

Eu me afasto dela. Deveria dar o número da minha casa? Caso ela precise... Ou se acontecer alguma coisa? É difícil evitar essa preocupação e ainda bem que eu sei onde ela vai estar.

Música: (Miley Cyrus- Angels Like You)



CAPÍTULO SEIS

D e m ô n i o s r e a i s - E l i e A n j o

Eu acordo na madrugada com o barulho de uma sirene, levanto da cama e zapo até a minha sala, olho pela janela e vejo viaturas estacionadas frente à minha casa. Alguma coisa aconteceu.

Bocejo e abro a porta. Esqueci de vestir uma camisa.

Reconheço o delegado da cidade e está há anos trabalhando por aqui.

— O que está acontecendo? — pergunto.

— Recebemos uma denúncia, encontramos um trailer amarrotado de drogas e como não havia mais ninguém no trailer vir aqui atrás de informações, senhor.

Alguma coisa aconteceu com Islay? Por que ela não está no trailer e de preferência longe daqui?

— Eu não sei de nada.

— Teremos que levar o senhor, pois a propriedade é sua — alguns homens se aproximam.

— Mas eu não sou responsável por essa droga — falo rangendo para eles — melhor vocês irem.

— Senhor, vai vir conosco — o delegado diz com seriedade — tragam ele, por favor.

Que confusão.

Eu nunca fui detido na vida e agora estou sendo, eu poderia dizer que havia uma garota e seu amante traficante, mas estou mais preocupado com o paradeiro dela.

Entro na viatura e o delegado me empresta um celular, ligo para o advogado da família.

Ructon demora para atender, mas atende e diz que vai se encontrar comigo na delegacia. O delegado e sua equipe foram muitos gentis, na verdade, eles conhecem a minha família e sempre teve um pé atrás com a gente.

Os humanos sempre têm uma história para contar sobre a nossa família, principalmente a aparência que não muda, mas tudo termina em uma história e quando eles se darem conta que realmente somos diferentes deles, espero estar vivendo longe daqui e de preferência na cidade que o Rudá está construindo para nos isolar dos humanos.

— Então o senhor desconhece essa quantidade toda de drogas em suas terras? — pergunta novamente o delegado, estou em uma sala de interrogatório e não consigo mentir por muito tempo e dou graças a Oric ao ver Ructon entrar na sala, o delegado olha de maneira estranha ao vê-lo de pijama e pantufas — só podia ser...

— Eu fui acordado no meio de um sonho lindo. Por que ele está aqui?

Ructon é descarado ao ponto de não se importar com o que está vestindo.

— Ele é seu advogado? — indaga o delegado, concordo com o balançar da cabeça — logo esse maluco...

— Acontece que eu estou perdido. Acho que levantei e não acordei. Sair da cama, mas ainda estou lá.... O que você fez Jandir? Plantou árvores além da conta? Assustou algum humano nas suas terras? — Ructon ri.

— Seu cliente está sendo acusado de tráfico de drogas — explica o

delegado — encontramos drogas em suas terras e aparentemente mais ninguém além dele.

Ructon teve uma crise de riso. E depois revira os olhos.

— Quem diria que isso iria acontecer logo com você, Jandir. Oh, isso é sério? — Ele ainda está achando tudo uma piada — então faça suas investigações direito, porque a única coisa que Jandir acumula em suas terras é sua comida e solidão. E você não tem provas que a droga é dele, qualquer um pode ter colocado lá. Então seu incompetente não acuse essa pobre alma sem antes fazer sua investigação direito.

Cruza os braços e olha com um olhar superior para o delegado.

— Chega Ructon, eu já posso ir?

— Sim. Vamos. — Ructon não deixa o delegado falar, ele apenas fica com a boca aberta me vendo ser arrastado para fora da sala pelo meu advogado — quem aquele homem pensa que é? — Ele parece bastante chateado, passa a mão bagunçando mais ainda seus cabelos — e como isso aconteceu Jandir? Quem era o dono das drogas? — Ele abre a porta do seu carro para mim. Sopra o ar na palma da mão e fala: — Merda. Nem deu tempo de escovar os dentes direito, senti só que bafo — faz uma cara de nojo — melhor me contar tudo.

Sento-me no banco da frente com os pensamentos naquela garota encrenqueira. Ela por acaso armou para mim? Ela e aquele desgraçado? Eu vou matar aquele cara.

— Foi uma garota, ela apareceu na minha floresta com aquelas drogas.

— Ah, sim, por isso não disse nada. É a sua fêmea por acaso? — questiona — se não é, por que diabos não denunciou?

— Ela precisa de ajuda — explico.

— Não. Ela não precisa — estamos distantes da delegacia e quase passando pela praça — se ela é uma traficante melhor ficar longe dela, Jandir.

— Você pode me levar para a boate?

— Você está bem? — Ructon freia o carro e toca em minha testa. — O que está acontecendo, huh? Você quer ir na boate uma hora dessas...

— A garota mora lá em cima, no apartamento alugado — após a minha

explicação, acelera o carro.

— Vou lá dar uma lição na piranha! Vou fazer um barraco, vou até pedir ajuda ao meu Senhor para quebrar os ossos dela!

É claro que eu não vou deixar ele chegar perto dela, com certeza ele está com muita raiva por ter sido acordado a essa hora, seu mau humor denuncia isso.

Ructon estaciona frente à boate.

— Fique aqui esperando por mim, Ructon. Não se atreva a subir.

Ele cruza os braços.

— Só porque você está me pedindo — revira os olhos.

Sei que está tudo fechado por isso eu zapo para dentro do prédio e subo as escadas, não terá problema desde que o local pertence aos meus irmãos.

Bato na porta do apartamento e demora um pouco para ouvir os passos dela do outro lado da porta. Graças a Oric. Eu fico feliz que nada tenha acontecido com ela, quando finalmente ela abre a porta e a vejo, eu explodo em uma mistura de felicidade e alívio.

O que diabos está acontecendo comigo?

Embora ela esteja muito surpresa ao me ver não dou importância a isso e a puxo para um abraço. Parece que acabou de sair da cama.

— Você está bem?

Afasto o abraço para poder observá-la melhor.

— Sim. O que faz aqui? Como conseguiu entrar? — Ela dá espaço para eu entrar na sala.

Ela não sabe o que aconteceu?

— Eu conheço o dono do prédio. Islay, eu fui detido por causa daquelas drogas — eu explico para ela.

— O quê? Mas...eu... — fica confusa e se afasta de mim. Anda para o centro da sala. Ela usa pantufas coloridas como as cores do arco-íris. Parecem as pantufas de unicórnio da minha sobrinha Aurora — não era para isso acontecer. Enrico me buscou ontem e disse que alguém pegaria as drogas. Então eu vim com ele e deixei as drogas lá.

— Alguém denunciou e a polícia bateu na minha porta.

— Não fui eu e nem ele! — O defende — porque não faz sentido, ele precisava daquela grana.

Eu não confio naquele cara. Ele pode ter armado isso apenas por eu ter o confrontado. Nada disso importa agora. O importante é que ela está bem.

— Eu só vim saber se está bem. Agora eu tenho que ir. Se cuida.

— Eu não queria que se metesse em problemas por minha culpa. Meus problemas não são problemas de ninguém, sinto muito.

— Hun, sei — pisco para ela antes de sair e fechar a porta.

Zapo até o carro, não há muita gente na rua uma hora dessa. Entro no carro e Ructon dirige em silêncio até estacionar na minha casa.

Ele também desce do carro e me segue, vejo que esqueci a porta aberta e ao entrar Ructon pergunta:

— Tem certeza que ela não é a sua fêmea? Pois eu nunca vi você tão preocupado por uma.

— Eu chequei e ela não é — falo e zapo até a minha cozinha para pegar um copo d'água. O dia já começa agitado. Na verdade, faz tempo que me envolvi em uma confusão e não gosto de lembrar daquele caos — aquela garota é problemática.

— Percebi... — Ructon pega um copo e estende para eu encher, usando as minhas habilidades eu manipulo a água da jarra para encher o seu copo em sua mão. — Percebi também que você está muito balançado por ela.

— Mas ela não é a minha fêmea, isso que eu não entendo, ela não tem a marca. Eu tenho essa sensação estranha e sentimento de proteção. Eu nem vou tentar te explicar, você vai achar que fiquei louco, pois estou me sentindo assim.

— Relaxa cara. Não é como se sua fêmea não fosse existir se você saísse com outra garota. Honestamente sempre estive preocupado com sua solidão. Você é um macho saudável, precisa de uma foda as vezes. Se quiser eu te apresento algumas mulheres... Ou essa aí que te deixa balançado.

— Não, obrigado. Agora você considera a garota uma foda? Acabou de chamá-la de piranha.

— E daí? Eu também sou uma piranha, é o que os meus ex dizem de mim. Acontece Jandir que sou hipócrita, em algum momento da minha longa, longa...vida as vezes tediosa, eu também fui um traficante. Sabe o Gael? Tem um colega da idade dele que vende maconha e outras drogas na escola.

— Não é motivo para se orgulhar. Já falou com Grace sobre isso?

— Quê? Tenho cara de fofoqueiro?

— Ah, não é — rio — Gael não se envolve com essas coisas.

— Claro que não... ou eu saberia.

Imagine se ele fosse fofoqueiro...

Ructon sabe de tudo o que acontece nessa cidade e só anda com gente que faz coisas erradas, mafiosos e com caráter duvidoso.

— Devia parar de andar com essa gente. Já terminou com aquele namorado mafioso?

— Isso faz tanto tempo, nem lembrava mais...

— Não devia se orgulhar das coisas que fez, traficante?

— Ah, eu sei, não sabe com tenho dificuldade para dormir durante a noite — fala em um tom de deboche, Ructon não controla seu lado excêntrico e desapego com a moral — você mais do que ninguém deveria saber, já não consigo ser afetado pelas regras dos humanos, ao longo dos anos mudam e eles continuam morrendo seguindo suas regras e eu aqui vivo da silva quebrando todas as regras que eles criam.

— E isso não tem a ver com as regras que os humanos criam, também não dou a mínima, tem a ver com... — Ructon está fazendo sua cara de paisagem — esquece! Conversar com você é o mesmo que conversar com uma parede.

— Assim você me magoa, embora a minha vida seja mais divertida que a sua e eu não sou um moço para casar, ainda bem, pois a fila é grande e teria dificuldade para escolher.

— Seu conceito de diversão não me atrai.

— Ok. Tem razão, vou sair com você por aí, mijando nas portas dos vizinhos para marcar território, isso sim que é diversão.

— Não vamos brigar.

Outro ser que me tira do sério as vezes, não só eu, mas todos...

— Ok. Não vamos brigar — ri e pisca — e ai, não vai rolar nenhuma fodinha com a humana?

— Isso não vai acontecer. Não assim, eu... Assim como não enxergo ela como uma piranha, não a enxergo como uma foda.

— Sério Jandir... se você mudasse um pouco o visual... Eu adoro o seu cabelo estilo Maria Bethânia, acho um clássico, mas já pensou em cortar e mudar o visual?

Faço uma cara amarga para ele.

— Não vou cortar o meu cabelo. Eu vou tentar descansar um pouco.

— Ah, tá, tudo bem, desculpe — ele só está sendo ele mesmo, mas ele nunca nega ajuda. Bom, ninguém é perfeito — eu não tô a fim de dirigir então eu vou dormir aqui, também não quero voltar sem o meu carro. E depois pode me pagar com um café da manhã completo.

— Certo. Obrigado Ructon.

— Sabe que eu te devo muito. Lembra daquela vez? Ali entrei numa dívida sem limites com você.

— Sim, lembro. Não é algo que eu tenho orgulho. Não me lembre mais disso.

— Foi um acidente...

— Sabe que não.

Se eu pudesse voltar no tempo faria tudo diferente. Embora tenha acontecido há anos, embora eu tente esquecer e seguir a vida. Me sinto culpado.

Zapo até o meu quarto. Tento dormir e parar de pensar na garota problemática. Ela realmente sabe como enlouquecer alguém, mas quando vi aquele olhar, eu percebi que ela é muito tolinha em achar que seus "planos" darão certo quando aquele cara está a usando. Queria muito poder ajudá-la, mas ela precisa enxergar com clareza, só ela pode sair dessa.



CAPÍTULO SETE

D e m ô n i o s r e a i s - E l i e A n j o

Penélope me fez um convite para passar a tarde com ela. Além do Jandir, nessas últimas semanas não fui capaz de fazer amizade com mais ninguém embora eu nunca mais o vi. Melhor assim. Ele não é do tipo de cara que eu gosto de manter por perto.

Não porque ele não tenha grana, mas ele é um bom homem e eu não sou uma boa garota.

Penso nisso enquanto atravesso a rua com a torta que acabei de comprar na lojinha de doce. A torta é de limão. A dona parecia não querer me vender a torta, ela me disse que não tinha um bom pressentimento sobre isso, por um momento eu imaginei que ela sabia do meu plano.

Entro no meu carro estacionado e pego o veneno guardado na bolsa e coloco por cima da cobertura de chantilly. Coloquei o veneno líquido em um spray, então eu apenas salpiquei em toda a torta. O cara me garantiu que ele não tinha sabor, eu não sinto muito cheiro e o sabor do limão pode disfarçar

qualquer gosto.

Dirijo para a casa onde Penélope vive com Enrico, antes de entrar na casa, eu fico um tempo do lado de fora controlando a minha respiração e ansiedade, eu nunca matei ninguém e estou prestes a fazer isso.

O que está acontecendo comigo? Não entendo o motivo dessa hesitação. Era esse o plano. Essa mulher tem tudo o que sempre quis ter. Ela me tirou a vida que era para ser minha. Tem que morrer.

Enquanto eu formulava isso em minha mente tudo parecia tão simples e na prática não é isso o que está acontecendo.

Eu estou nervosa e com uma pontada de medo que a cada minuto parece aumentar, por isso eu tenho que ser rápida.

Caminho até o portão e meus saltos pontiagudos ficam presos no chão de paralelepípedo. Merda de cidade no fim do mundo. Sou recebida por ela que abre a porta para mim e entrego a torta, trocamos beijinhos. Me lembro de Judas e o beijo da traição.

Penélope usa um vestido azul com decote chanfrado.

Eu não esperava que Enrico estivesse em casa.

— Que bom que você veio Islay — diz Penélope, eu me sento no sofá e começo a suar frio. Encaro o meu par de botas, limpo o suor das mãos na minha calça de couro. — Enrico, você vai comer a torta também?

— Talvez mais tarde, querida — ele pisca para mim.

Não. Ele não pode comer a torta.

— Então mais tarde eu como também — diz Penélope.

Eu estou com o coração acelerado, os dois vão para o quarto conversar, fico na sala encarando a torta envenenada. Se eu a pegar e sair correndo ninguém vai achar suspeito, certo? Porque é o que estou querendo fazer.

Depois de um tempo Enrico sai um pouco para fumar.

— Desculpa fazer você esperar, mas tenho uma notícia para lhe dar — ela parece muito feliz — algo aconteceu Islay — seu telefone toca — espera que eu vou atender e não demoro.

Me levanto e vou para mais perto da torta.

Tum, tum, tum...

Tum, tum, tum...

Se eu fizer isso eu não vou poder contar para Jandir, não é? Pois consigo ser muito sincera com ele, mas por que estou pensando nele agora? Nada de sentimentalismo. Eu estou muito sentimental ultimamente.

"Seja mais cuidadosa com o seu corpo, respeite seu limite emocional... Se não está bom é só dizer..."

Eu não posso fazer isso, eu não posso matar uma pessoa. Eu já fiz tantas coisas por Enrico e não vou conseguir fazer isso. Pego a torta e ando as presas até a porta, encontro Enrico fumando na varanda.

— Eu preciso ir — falo para ele, porém ele é mais rápido em segurar o meu braço — acho que essa torta está estragada, só vou me livrar dela.

— Não se preocupe com isso, me dá essa torta, mas se quiser ir, pode ir — ele pega a torta, minhas mãos estão trêmulas — vai, eu vou dar para ela comer.

Enrico apenas pisca para mim e entra para casa, depois bate à porta na minha cara.

Corro até o carro e não consigo dar partida, estou com a respiração ofegante e me sentindo sufocada, pobre Penélope, ela vai morrer envenenada pelo seu próprio marido.

Aquele olhar que ele me deu é que estava ciente que havia algo de errado com a torta. Eu não vou conseguir conviver com isso.

Retorno para casa correndo e bato na porta.

— Não Enrico, não! — grito para ele, eu estou chorando. Isso é algo inesperado. Eu odeio Penélope. Mas por que eu a odeio? O que ela fez para mim além de fingir ser minha amiga como eu finjo ser amiga dela? Ela só conquistou algo que eu não tenho. Ela é casada com o homem que eu queria estar casada. Ela chegou depois e não faz ideia da história que eu e ele temos e do quanto sempre fiz de tudo por ele — Penélope não come a torta!

Ninguém abre a porta e eu ligo para ambulância dizendo que alguém foi envenenado. Deus. Que ainda dê tempo de salvá-la.

Minutos depois Enrico abre a porta.

— O que você fez Islay? Ligou para quem? — pergunta furioso.

— Para a ambulância, ainda dá tempo de salvá-la, Enrico — corro procurando por ela nos cômodos da casa e a encontro na cama tendo convulsões. — Não era para comer a torta, não era — toco em seu rosto tentando animá-la — a ambulância está vindo, aguenta mais um pouco.

Era para eu estar feliz, pois é isso o que eu quero. Quero que ela morra, quero que ela desapareça da minha vida. Não... não é só ela. Quero que Enrico também morra.

— Tínhamos um acordo Islay! — brada ele ao entrar no quarto — inferno!

Os paramédicos não demoram a chegar, ainda bem que a cidade é pequena e o serviço de saúde funciona. Eles entram no quarto e levam Penélope.

— Sabe o que vai acontecer, não é? Eu não posso ser acusado — diz friamente — você estragou tudo então se responsabilize por isso.

Eu estou ferrada.

Corro até o meu carro e dirijo para longe da cidade. Eles vão me acusar por assassinar Penélope. Eu, apenas eu comprei a torta, todos que estavam na loja me viram comprar a torta. Como fui burra!

E ainda liguei para a ambulância informando sobre o envenenamento dela. Oh, meu Deus. Enrico vai jogar a culpa toda em mim, estou tão desorientada que só consigo pensar em um lugar para ir.

Eu sinto muito Jandir, não queria levar problemas para você, mas é a única pessoa nessa cidade que eu conheço e que eu posso confiar.

Estaciono o carro em frente à sua casa, mas não tenho coragem de sair de dentro dele.

Mas Jandir sai da sua casa e vem ao meu encontro, eu vejo de relance a figura alta, vestido com um casaco desabotoado, com estampa xadrez e por baixo uma camiseta branca, ele usa uma calça jeans e as mesmas botas pesadas. Ele parece um lenhador ou um fazendeiro.

Fico minutos com o rosto encostando no volante chorando como se o mundo fosse acabar.

— Islay abre a porta ou vou ter que destruir o seu carro... — Ele olha através do vidro, me sinto tão perdida, ele realmente está preocupado comigo

isso é tão real e sincero, seus olhos verde-claros me olham através do vidro de maneira firme e passando confiança — querida seja lá o que for o que aconteceu vamos dar um jeito, confie em mim. Abre a porta.

Concordo e abro a porta, eu dirigi sem o cinto de segurança, dirigi como uma louca pela estrada.

Saio do carro e ele envolve a minha cintura, me dá um abraço como naquela noite em que foi no apartamento. É quente e confortável. Ele cheira a calmaria.

— Eu fiz algo muito grave — choro em seu peitoral e ele me abraça mais forte — acho que matei alguém.

Sinto suas mãos acariciar a minha nuca e meu cabelo.

— Vamos entrar e você me conta tudo.

— Não, acontece que você não pode me deixar entrar, já abrigou uma traficante e agora uma assassina, eu sou toda errada...

Ele não me deixa completar, pois Jandir me beija e isso foi tão inesperado. Seu beijo tem um gosto doce e bom, como ele tem sido desde que eu o conheci. Doce.

Meus lábios estremeceram em sua boca, enquanto a sua mão segura a minha cintura me impedindo de ir a algum lugar, seu beijo é vagaroso e eu retribuo o beijo buscando mais esse sentimento de paz e proteção que eu nunca havia sentido.

Eu toco em seu rosto e sinto cócegas na palma da minha mão causada pela sua barba.

Ele me beijou. Por que ele me beijou?

Eu percebo que fiquei na ponta do pé para retribuir o beijo, algo dentro de mim parece querer saltar para fora então percebo que o meu coração martela forte em meu peito. Eu tenho certeza que é toda a adrenalina que estou sentindo, há algo incomodando a minha nunca, uma coceira insistente, mas me perco em pensamentos a cada volta que Jandir dá com a sua língua.

Ele não faz o meu tipo, mas por que é tão agradável tudo o que ele faz por mim? Até mesmo esse beijo roubado está tirando o meu fôlego, foi a mesma sensação quando o vi sem camisa.

O que está acontecendo?

O beijo toma um curso mais lento até ele morder o meu lábio. Eu ainda estou com o seu gosto em minha boca. Um gosto de café e menta.

— Mais calma agora? — pergunta acariciando a minha bochecha.

— Essa é sua forma de acalmar uma pessoa?

Ele ri.

— Só você. Não se preocupe com nada, ok?

— Ok. Melhor entrarmos, acho que esse beijo está fazendo efeito.

Jandir apenas segura a minha mão e me leva até a sua casa, me deixa na sala e vai pegar um copo com água. Eu ainda sinto os meus lábios formigarem por causa do beijo, mas não me atrevo a falar nada sobre isso. Ele se senta de frente para mim, me entrega o copo com água.

— Eu beijei você e estou ciente disso, mas não quero que pense que estou tentando tirar proveito da situação. Só odeio ver você chorar e essa é a segunda vez que vejo você chorar, tenho certeza que aquele cara está envolvido.

Senta-se na poltrona, eu continuo sentada no sofá com as mãos trêmulas e segurando o copo de água vazio, ele segue meus gestos com os punhos fechados.

— Acontece que eu fiz uma burrada sem tamanho — engulo em seco — eu comprei uma torta naquela loja e a envenenei e dei para a Penélope. Não. Na verdade, eu desisti no último momento, mas Enrico estava lá e pegou a torta e deu para ela comer...

— Ele sabia, não é? Sabia que estava envenenada — Jandir semicerra os olhos.

— Sim. Tenho certeza que sim. Eu chamei por ajuda, mas acho que é tarde demais, ela deve estar morta, eu a matei.

— Você não fez isso, você cometeu muitos erros, mas ainda pode consertá-los.

— Como? Ela morreu, Jandir.

— Ela não morreu — ele levanta-se e se senta ao meu lado — antes de você chegar eu estava ouvindo a rádio, ela ainda está viva. Mas não tinha

certeza que essa história tinha a ver com você, até você me contar tudo.

Eu apenas dirigi até aqui, tenho certeza que por ser uma cidade pequena as notícias se espalham rapidamente. Claro que Enrico se encarregou disso, ele se apressou em colocar a culpa em mim.

— Ainda bem — ele passa o braço em volta dos meus ombros, me posicionando para mais perto dele — a polícia virá atrás de mim.

— Eu sei, eu vou estar aqui com você. Não vou deixar que fuja das suas responsabilidades e nem deixar você sozinha ao assumi-las. Você precisa contar a verdade para eles.

Ele deixa um beijo em minha cabeça. O que deu nele? Qual o motivo de estar sendo assim comigo? Ele é muito carente ou muito carinhoso ou os dois.

— Sim.

— Tem um advogado?

Rio com amargura.

— Não, acho que Enrico não vai pagar um advogado para mim.

— Eu vou providenciar isso.

— Por que está sendo bom comigo?

— Porque eu gosto de você — Me afasto dele. Eu não posso iludir Jandir. E por que ele gosta de mim? — Eu sei, nem eu entendo por isso não vou te explicar e antes de que comece com o seu discurso de que eu sou um pobretão melhor se acalmar, a polícia está chegando.

E como ele sabe? Ele parece saber, pois vai para a janela e eu não escuto nada.



CAPÍTULO OITO

D e m ô n i o s r e a i s - E l i e A n j o

Eu a beije. Não apenas isso, mas eu desejei que Islay fosse a minha e mesmo com todos os seus problemas eu desejei isso, estou assustado, pois me sinto confuso e se a minha fêmea aparecesse agora tendo Islay ao meu lado a minha vida seria uma tremenda bagunça.

Ouço o barulho dos carros cada vez mais próximo, tenho que ficar ao lado dela, apenas abro a porta e quando a viatura estaciona o delegado sai do carro com um papel.

— Senhorita Islay Anjo? — Encara Islay ao meu lado.

— Sim...

— Está presa pela tentativa de assassinato de...

— Eu sei, eu sei... — diz simplesmente — não precisa vir comigo, Jandir, eu me viro.

— Eu vou logo em seguida — a ignoro.

— Bom, embora a senhorita Penélope não tenha falecido, ela estava com suspeita de gravidez e por sorte era apenas uma suspeita da parte dela, ela não estava grávida ou teria perdido a criança — delegado fofoqueiro.

Vejo Islay ficar pálida diante da notícia.

— Eu não sabia disso.

Toco em seu ombro.

— Ei, se mantenha firme, ok? — Tento passar segurança para ela.

Eu não vou deixá-la sozinha, mas preciso encontrar o Ructon.

Ela entra na viatura acompanhada pelo delegado.

Eu ainda tenho as sensações de quando beijei Islay, foi um beijo muito bom, melhor do que eu esperava e que me fez ficar completamente balançado.

Olho da janela e a vejo se afastar cada vez mais na viatura, eu sou envolvido em um sentimento desesperador, algo não está certo em relação a nós dois.

Tudo aponta que quero essa garota e eu nunca senti isso antes pelas fêmeas humanas, imaginei que sentiria apenas pela minha, porém Islay não tem a marca em seu pescoço, portanto ela não pode ser a minha fêmea perdição.

Mas por que eu quero tanto que ela seja? Isso deve ser porque quero muito a minha perto de mim, se ela estiver em algum lugar do mundo tão perdida quanto Islay?

Mas a questão toda é... que eu desejei que Islay fosse ela enquanto a beijava. Sou um traidor! Um completo traidor. Não sou digno da minha fêmea.

Zapo até a antiga mansão do Rudá, onde atualmente Ructon mora. Tomou posse da mansão. A casa está abandonada e largada, Ructon abandonou a cobertura desde que Marlon se casou, isso porque ele não tem um lugar fixo para ficar, nunca fica parado e vive indo de casa em casa.

Uma hora está na casa da Grace, outra na casa da Desi, outra na casa da Dandara, mas essa mansão abandonada é onde tenho certeza que vou encontrar ele.

Ele abre a porta, a casa só não está em um estado pior porque Rudá ainda pede para cuidarem, isso porque sua fêmea tem a fazenda como seu trabalho fixo e realmente os negócios se expandiram nos últimos anos.

— Jandir, o que aconteceu?

— Eu preciso da sua ajuda novamente, sabe aquela garota?

— A problemática?

— Ela está com problemas novamente.

— Grandes novidades — ele me olha desconfiado — tem certeza que não é a sua fêmea? Pois ela tem um grande potencial para ser...

— Ela foi acusada de tentativa de assassinato.

— Me conte tudo a caminho, melhor eu ir de carro com você.

Eu o sigo até o seu carro e a caminho da delegacia eu explico tudo para ele, estou muito preocupado com o que pode acontecer com ela, pelo que entendi será bem difícil, ainda mais depois que descobriram que ela estava tendo um relacionamento com o marido da vítima.

Ao chegar eu a encontro triste apenas ouvindo o delegado falar, escuto ele fazendo inúmeras perguntas.

O delegado se cala ao ver Ructon que dá uma piscadinha para provocá-lo.

— Você de novo — ele joga suas anotações na mesa — o que é agora?

— Sou advogado da acusada — avisa Ructon usando um tom cínico — sabe como é, sou bom demais e sou bem requisitado.

Islay troca um olhar comigo e tento passar toda a calma. Está muito tensa.

— Não há nada o que defender aqui, ela não é apenas uma acusada, foi ela.

— E quem determinou isso? — Ructon cruza os braços — virou juiz agora delegado? Que eu saiba havia mais uma pessoa na casa, o marido da vítima. Então os suspeitos eram amantes, não pode concluir que Islay é acusada baseado no que o "outro suspeito" disse — o delegado faz uma cara de vencido, ele parece muito cansado — vamos na casa dele nesse exato momento, amadores sempre deixam rastros.

— Nesse caso a amadora é ela, sua cliente ligou para a ambulância informando que alguém foi envenenado, que coisa não? — Rebate o delegado ajeitando a gravata.

— Exatamente, quanta estupidez! — Islay faz uma cara feia para Ructon, mas fica calada — se ela queria sair dessa sem ser pega, se ela realmente tivesse dado a torta para a vítima comer, por que ela ligaria pedindo ajuda em seguida? Não faz sentido, algo não bate...

— Ela acabou de dizer que tinha se arrependido — completa o delegado.

— Mas não foi assim, ele pegou a torta, ele deu a torta para ela comer e tenho certeza que sabia que tinha veneno...

— Senhorita, acha que vai se safar por um detalhe de quem deu a torta para ela comer? — O delegado se levanta — vamos naquela maldita casa e depois você me deixa em paz.

Eu me aproximo de Isaly e seguro a sua mão fria.

— Ele tem razão, eu estou ferrada, eu fiz tudo — aperto a sua mão.

— Ructon vai encontrar um jeito de livrar você dessa.

— Ele parece ser jovem — rio e ela não entende — será que ele é bom mesmo? Eu contei tudo Jandir, os mínimos detalhes, contei até das drogas...

— Certo. Eu vou acompanhar Ructon.

Beijo a sua mão e saio da delegacia com um pesar em meu coração, eu posso sentir o seu medo e desespero, ainda bem que ela se deu conta do que ia fazer.

Uma garota ambiciosa que acha que sou um pobretão. Ela nunca vai gostar de mim... O que estou pensando meu bom Oric...

Vamos até a casa do casal e Ructon entra sem cerimônia. E ao ver o imbecil me controlo para não socar a cara dele, as coisas aconteceram recentemente então se há provas que Islay é inocente elas ainda podem estar aqui.

— O que está lendo? — pergunto para Ructon.

— O depoimento dela e dele, achei algo — Ructon sorri maliciosamente para o delegado e em seguida vai até o quarto — aqui diz que

Enrico saiu para fumar, certo?

— Sim — responde o delegado.

— Islay não é fumante... — Ructon se aproxima de mim e pergunta: — consegue sentir o cheiro aqui?

— Sim - respondo.

— É mais forte que lá fora?

— Sim...

— O que estão sussurrando? - pergunta Enrico.

O ignoro, porém Ructon não, pergunta:

— Então senhor Enrico, você voltou para casa depois de fumar? Confere?

— Sim...

— Depois do ocorrido você fumou novamente?

— Não, eu já disse que só fumei um cigarro essa manhã!

Ructon pede para o delegado ficar de olho em Enrico e me puxa para fora da casa.

— O que foi? — pergunto para ele.

— Há uma prova, a bituca do cigarro.

— Quê?

— Sim, Jandir, pois se ele estava fumando ele entrou para casa com a bituca, ambos deram depoimentos parecidos: Enrico confirma o que Islay disse sobre ele ficar fumando do lado de fora, mas ele disse que logo em seguida se distanciou da casa para fumar e quando voltou encontrou Islay e sua mulher envenenada — fala empolgado, ainda não entendo — e quando voltou ele apenas deu socorro, encontre a bituca do cigarro. Se realmente estiver distante da casa...

— Não está, não é?

— Não! Na verdade, está lá dentro, isso não é engraçado? — Ele ri — o delegado é tão distraído...

— Ele é distraído quando está perto de você - digo e retornamos para dentro da residência, Ructon chama o delegado em particular, a bituca estava

no chão ao lado da cama — bem que você disse que eram amadores...

— Se for confirmado que é dele, temos aqui mais um suspeito em potencial, além de mentir, ele estava na mesma cena do crime e se você nunca chegou perto da torta como disse, melhor verificar essa marca de chantilly em sua camisa. É de limão, não é? A preferida do meu senhor — Ructon toca no ombro do delegado — outra coisa também esse homem é acusado pelo Jandir por invadir propriedade com suas drogas!

— E por que ele não disse isso antes? - pergunta o delegado.

— Porque eu queria proteger a garota, ele estava a usando para manter a droga lá...

— Hm — diz o delegado pensativo — pensando bem, eu achei estranho o número que fez a denúncia e mandei investigar e essa manhã recebi o relatório, pertence ao senhor Enrico.

— Pois é, ele está envolvido na merda toda — confirma Ructon — mas por que ele denunciou a própria droga?

O delegado fica mais convencido e explica:

— Prendemos um traficante esses dias e ele seria o responsável por buscar as drogas, não sabíamos o local exato, mas seria questão de tempo chegar até o senhor Enrico. Então ele preferiu se livrar, fez a denúncia para parecer que o dono era o senhor. Agora tudo faz sentido.

— Então Islay está livre? — pergunto esperançoso.

— Não pode sair da cidade até que as investigações sejam concluídas — diz o delegado.

Suspiro aliviado.

E antes da minha raiva passar eu me viro e soco a cara do desgraçado. Me certifiquei que o soco tenha sido forte o suficiente para tirar sangue do seu nariz.

Pelo menos Islay terá a chance de se defender e não vai ficar presa injustamente embora ela tenha arquitetado o plano, ela desistiu no último momento e isso para mim conta muito.

Eu a busco na delegacia, fica feliz quando damos a notícia, mas logo isso é substituído por preocupação.

— Eu vou procurar um hotel para eu ficar.

— Por quê? — pergunto.

— Foi o Enrico que alugou a cobertura, com certeza ele vai querer me expulsar de lá.

— Como se não é dele? — Ructon troca um olhar comigo.

— Vocês conhecem o dono? — Islay pergunta.

Eu olho firme para Ructon calar a boca, mas ele diz:

—Não. Nunca vi o dono daquela boate e daquela cobertura, mas tenho certeza que ele não vai expulsar você.

— Isso soou um pouco estranho... — O pior é quando me analisa com esses lindos olhos — Jandir?

Não quero falar que é do meu irmão, não quero que ela saiba que tenho dinheiro. Não quero que ela fique perto de mim por esse motivo, eu estou me odiando por isso, mas quero que ela fique perto de mim porque gosta de mim. Então acho que estou ficando caidinho por essa fêmea.

— Se você quiser ficar na minha casa por um tempo... — Eu disse isso apenas para mudar de assunto.

— Isso seria ótimo!

Estou enrascado. Ructon coloca a mão na boca para sufocar o riso, mas consigo ouvi-lo dando uma risadinha irritante.

— Tudo bem, vamos pegar as suas coisas.



CAPÍTULO NOVE

D e m ô n i o s r e a i s - E l i e A n j o

Eu preciso conversar com os meus irmãos, pois me sinto muito perdido em relação a Islay. Com certeza eles vão achar que eu fiquei louco. Não quero usar Islay como uma substituta, mas também não quero me afastar dela.

É a primeira fêmea que eu deixo se aproximar de mim em todos esses anos. O engraçado é que ela é o oposto de mim e o oposto do que pensei que me sentiria atraído em uma fêmea.

Então embora ela seja jovem demais, imprudente e desesperada para ter uma vida de alto padrão, eu sinto que há algo mais nela, um potencial que ela não dá importância.

Eu quero muito conhecê-la melhor e esses dias que vamos dividir a mesma casa, eu vou dar o melhor de mim para conquistar a sua confiança.

Eu a deixei no quarto em que vai ficar hospedada e está arrumando as

suas roupas, acho que ela deve estar faminta então é melhor preparar alguma coisa para ela comer.

O que ela gosta de comer? Deve gostar de comida chique parecida com aquelas que servem nos eventos do Rudá.

E sinceramente não é o tipo de coisa gostosa que me atrai.

Ela é gostosa também: beijo gostoso, cheiro gostoso, riso gostoso;

Melhor preparar um cozido de carne com legumes.

Deixo tudo pronto e vou procurar por ela, bato no quarto algumas vezes e ela abre a porta apenas de toalha.

— Oi, eu senti o cheiro da comida daqui.

— Sim, fiz algo para você comer.

— Obrigada, daqui a pouco eu desço.

É melhor eu me controlar perto dela, pois ela não tem noção de o quanto é linda e cheirosa e eu sou um macho que está sem uma fêmea por muito tempo.

Saio para fazer uma caminhada embora eu esteja muito curioso para saber se ela gostou do meu tempero, vou até o meu tronco perto do rio para espairar um pouco. Fico por alguns minutos no silêncio até que Rudá zapa perto de mim.

— Sabia que o encontraria aqui — diz ele — fui até sua casa e senti o cheiro da humana.

— Sim, é a Islay. Vai ficar um tempo morando comigo.

— E está tudo bem? — ele não usa terno como de costume, sinto o cheiro doce e inocente da minha sobrinha Aurora que está em suas roupas e o da Dandara também, ele deve ter passado em casa para vê-las — não é comum trazer garotas para sua casa.

— Isso é verdade irmão — ele senta-se ao meu lado no meu tronco — acontece que ela é especial para mim.

— E não é a sua fêmea...

— Não — digo um pouco triste — eu não vi a marca em seu pescoço.

— Mas sente como se ela fosse sua — diz sério.

— Sim. Pareço patético, não é?

— Não — fala com sinceridade — você parece carente, mas isso acontece...

— Não é só isso irmão, eu realmente estou criando sentimentos por aquela humana e estou com muito medo que possa magoá-la, também tenho medo de magoar a minha fêmea. E se ela aparecer? — desabafo.

Rudá curva o corpo e se apoia em seus joelhos, seu olhar se torna distante admirando a paisagem do rio.

— Eu não vou pedir para você parar com o que está fazendo se quer saber, mas acontece que todos nós estamos com medo que você se magoe também, eu soube dessa fêmea e dos acontecimentos, na verdade, a essa altura do campeonato a família toda sabe — era de se esperar. Ructon fofoqueiro... — Só estamos preocupados.

— Eu entendo.

— Você vai continuar então...

— Sim, eu vou continuar. Eu vou pedir algo para vocês.

— Pode falar.

— Se mantenham afastado de mim por enquanto, Islay não sabe que tenho uma família e principalmente uma família rica e não humana, então eu prefiro que ela continue acreditando que sou apenas um homem das montanhas pobretão — solto um fraco riso — por favor, fale para meus sobrinhos e meus irmãos não me visitarem por enquanto. Sempre que possível eu vou vê-los.

— Jandir... — Rudá se levanta. — Você nem começou a se envolver com ela e já está tomando decisões fora do seu padrão, mas eu vou confiar em sua decisão.

— Obrigado, irmão.

Ele toca em meu ombro antes de zapar, ele sabe o quanto amo a minha família e estou acostumado com os meus sobrinhos na minha casa.

Eles me visitam todos os dias praticamente e algumas vezes dormem aqui, principalmente minha sobrinha Aurora e Gael, pois os gêmeos tem a companhia um do outro, mas também brincam muito com os primos.

Volto para casa e encontro Islay largada no sofá, folheando a minha revista de pescaria, ela está entediada e soprando o ar enquanto passa as páginas com raiva. Deve odiar isso tudo.

— Já comeu? — pergunto.

— Sim — fala me ignorando — não sei como aguenta ficar nesse fim de mundo, aqui nem tevê tem — tinha, mas minha sobrinha Aurora quebrou faz alguns meses, ela estava brincando de soltar do sofá em sua forma de tigresa e se enroscou no fio e derrubou a TV, tomei um susto dela ter se machucado, mas minha sobrinha zapou pela primeira vez e não consegue fazer isso com frequência. Ainda bem, ou a destruição seria pior, eu apenas me livrei da TV e não tive ânimo para comprar outra. — Depois de ver a sua revista de pesca, eu tenho medo de perguntar o que você faz para se divertir.

Tem tantas coisas para fazer por aqui, meus sobrinhos são bastantes criativos em brincar pelas redondezas, criam brincadeiras e fazem apostas correndo pelas montanhas; eles são aventureiros e até mesmo Rudá deu permissão para levar Aurora com eles, pois Gael é muito responsável e se senti o líder deles.

Já eu me contento em pescar, caçar, nadar, tomar sol, amolar as minhas garras na minha caverna... Realmente o meu estilo de vida parece ser chato para uma humana como Islay.

— Eu não sou muito de me divertir — digo — o que fazia para se divertir?

Sento-me na minha poltrona e ela continua deitada no meu sofá, com as pernas esticadas no braço dele.

— Muitas coisas, compras em shoppings, idas em clubes, spa, salão de beleza, casinos, joalherias, boates, festas, lojas de grifes, tirar onda com roupas de grife. O que mais gostava era de cantar em algum evento ou karaokê — suspira — como sinto falta disso. Já aqui... ninguém liga, ninguém dá a mínima para essas coisas — parece indignada.

É, se ela for a minha fêmea estou ferrado, mas um ferrado feliz.

— Então por que veio para cá?

— Por causa do Enrico. Achei que essa seria a chance perfeita para ficarmos juntos...

— E se livrar da esposa dele.

— Sim.

Apoio-me no braço da minha poltrona e repouso a cabeça em meus punhos fechados.

— Posso saber o motivo que fez você mudar de ideia? Por que desistiu de levar seus planos adiante?

Ela levanta-se repentinamente do sofá e joga a revista na minha mesa de centro.

— Ah, isso — fica sem jeito — eu lembrei sobre o que disse, sobre respeitar o meu limite emocional e eu percebi que não ia suportar viver com isso, matar uma pessoa é demais para mim.

Isso me deixa feliz.

— Bom saber que nunca matou ninguém antes — rio.

Fico um tempo olhando para ela, acho que a deixo desconfortável, mas ela é incapaz de ser tímida comigo, pois também me encara na mesma intensidade.

— O que foi?

— Não me disse o que eu queria ouvir, só fiquei triste — faço uma cara tristonha para ela.

— E o que seria isso?

— Se a comida estava boa ou não...

— Você é bem dono de casa, ein? — Ela ri— Desculpa, eu ainda não entendo o porquê te conto as coisas.

É bom que isso seja assim, pois posso saber o que se passa em seu coração.

— Eu não sou dono de casa.

— Não fica triste, estava ótima e eu comi e repeti, ninguém nunca tinha feito algo tão bom para eu comer.

— Sério? Me sinto lisonjeado.

— Sim, mas ainda estou entediada, vamos fazer algo diferente hoje.

— O que seria isso?

Me levanto e caminho para a cozinha. Islay me segue também.

— Sei lá, a casa é sua. Você não tem ideia?

Eu encaro a bagunça na cozinha e fico extremamente desanimado, ela não lavou os pratos e absolutamente nada.

— Tenha uma ideia sim, quer fugir da rotina?

— Sim.

— Que tal começar lavando os seus pratos? — Ela leva as mãos na boca e seu olhar continua risonho. Sapeca. — Nunca fez isso, certo?

— Tudo menos isso!

Ela tenta correr da cozinha, eu a persigo e seguro-a por trás, prendendo a sua cintura.

— Ah, mas vai, garota!

— Não, por favor, minhas unhas! — Ela começa a gritar e a rir ao mesmo tempo — minhas preciosas unhas!

— Você vai fugir da sua rotina.

— Eu sou digníssima demais para isso! — Eu rio com o desespero dela para lavar louça.

— Pois você que disse que queria sair da rotina e isso significa fazer tudo o que nunca fez, começa pelos pratos, querida.

Falo ao seu ouvido e ela para de rir.

— Tudo bem, farei isso...

— Eu vou te dar luvas também — me dou conta que estou lhe abraçando por trás, então ergo seu corpo do chão e a levo para perto da pia, ela é tão leve e pequena, mas a solto, pois alguma coisa debaixo das minhas pernas acaba de acordar — são um pouco grandes, mas não se preocupe que terá as suas luvas pequenas.

— Nem se elas fossem cravadas de diamante iria me animar a lavar pratos — faz um bico. Entrego as luvas e ela as calça, olha para os pratos:— Você é um homem cruel.

— E você é muito mimada — abro a torneira e l entrego a bucha ensaboada, pego um prato limpo e simulo uma lavagem — faz isso com o

prato sujo. Não é como se eu tivesse te torturando.

Ela me lança um olhar duro, mas apenas repete o que eu fiz em seu prato sujo, fico ao seu lado observando e querendo rir.

Ah, essa fêmea...

Depois que ela termina ensino a enxugar os pratos e onde guardar, apresento um pouco da minha cozinha para ela e as regras de limpeza.

— Acabou? — Se afasta de mim.

— Não.

— Como não? Já me ensinou tudo sobre essa cozinha, falta mais o quê?

— Só vou verificar se você enxugou o banheiro...

— Você é um demônio!

Sigo rindo ao subir as escadas, ela tenta segurar a minha camisa então me apresso em subir os degraus correndo, abro a porta do seu quarto e me deparo com uma tremenda bagunça, suas roupas estão jogadas na cama. E para quê? Para quê, Santo Oric! Se existir armários.

Essa fêmea desorganizada vai me enlouquecer.

— Seu caso é mais grave do que eu pensei Islay — o chão do quarto está molhado do seu banho e ao entrar no banheiro encontro a desordem, chão molhado e toalha embolada no box — você realmente vai sair da sua rotina comigo.

— Você é terrível — ela faz uma cara de choro ao ver a sua própria bagunça — como pode ser assim?

— E você é muito chantagista, vamos fazer assim — terei que tratar ela como trato os meus sobrinhos um tanto interesseiros e espertos — se limpar seu quarto e seu banheiro, eu também saio da minha rotina e faço o que você quiser.

— Sério?

— Sim.

— Por onde começo, seu ser humano demoníaco?

Demoníaco eu sou, humano não.

Ha! Vejo que vou adorar ter essa fêmea na minha casa e também será

um grande desafio.



CAPÍTULO DEZ

Demônios reais - Elie Anjo

— Não, eu não vou para esse lugar, Islay.

Jandir se recusa a sair da rotina, mas ele que se iluda achando que vai fugir de mim, pois me obrigou a limpar a minha bagunça. Eu, a digníssima Islay nunca fiz isso. Enrico pagava para alguém limpar e confesso que organização não é o meu forte.

— Você prometeu...

— Mas é barulhento e tem muitas pessoas, não quero entrar aí.

Estamos frente à boate. Ele deixa o capacete na moto e me segue. Bem feito. Para um homem que vive nas montanhas entrar em um lugar como esses deve estar sendo uma tortura, porém Jandir me acompanha.

Uso uma meia calça, saia curta de couro e uma camiseta estampada com decote V bem profundo.

Jandir está com as mãos no bolso da calça e parece completamente

perdido, seguro sua mão e o levo até uma das mesas no canto, ele não sabe, porém eu não estou aqui apenas para curtir uma noitada.

Mais cedo eu fiz uma ligação para o assessor do candidato opositor do pai do Enrico e consegui marcar um encontro com o próprio candidato.

Vou vender as informações que tenho da família problemática, informações que podem fazer Thúlio perder as eleições.

— Quer beber alguma coisa? — pergunto a Jandir.

— Não — responde — Vamos ficar aqui até quando?

Cruzo as pernas e digo:

— Até terminar alguns assuntos.

Esses homens são estranhos, é uma franquia de homens bonitos no mesmo lugar ao mesmo tempo. Essa cidade no fim do mundo é onde ficam todos os homens bonitos? Observo alguns motoqueiros e uma strip dançando para entreter os homens, há um palco sem músicos.

— Você gosta de lugares como esses, não é?

— Sim, devo admitir que fui surpreendida. Aqui é um lugar legal.

Observo o candidato entrar na boate, levanto a mão sinalizando, ele se aproxima de mim e sussurra para eu acompanhá-lo.

Peço para ele esperar por mim lá fora, faço uma cara inocente para Jandir, que aparentemente ficou irritado desde que o candidato apareceu.

— Jandir, eu tenho alguns negócios, você se importa de ficar aqui por alguns instantes?

— Sim, mas eu aguardo.

Levanto-me da mesa e antes de sair deixo um beijo em sua bochecha em agradecimento por ter me acompanhado até aqui, na verdade, eu tenho medo de andar sozinha e Enrico tentar se livrar de mim.

O homem que me encontro chama-se Pedro, ele abre a porta do carro para mim e entro imediatamente.

Pedro senta-se ao meu lado no banco de trás.

— Então? O que você quer em troca e qual a informação?

Ele usa roupas modestas, seu cabelo está tingido por alguns grisalhos e

desde que entrei no carro não tira os olhos das minhas pernas.

— Podemos conversar sobre isso em um jantar? — Vejo um sorriso presunçoso no canto da boca — é que alguém me espera lá dentro e não demora. Precisamos conversar com bastante calma.

— Seu namorado?

— Não! — Rio — não faz o meu tipo.

— É? E qual é o seu tipo? — Seu tom é mais descarado.

— Homens com dinheiro — sou direta.

Ele solta uma risada rouca.

— Vou pedir ao meu motorista para te buscar, eu ligo de volta.

Eu saio do carro feliz. Observo o carro se afastar e retorno para a boate, encontro Jandir na saída dela, com os braços cruzados.

— Vamos — apenas diz.

Eu voltei por ele e nem demorei tanto.

— Acho que você ficou chateado comigo.

— Ah, você acha.

Ele anda em passos firmes em direção a sua moto e me entrega o capacete. Senta-se esperando que eu me sente também e faço isso.

— Só estava resolvendo alguns assuntos.

— Se metendo em mais encrenca você quer dizer — passo os braços em torno da sua cintura.

— São apenas negócios.

— Você não vai deixar aquele cara em paz, não é?

— Não. Eu quero vingança.

— E sair com a concorrência é vingança? — diz chateado — acho que você está querendo a atenção dele de maneira desesperada, você quer fazer ciúmes nele....

— Claro que não! Você não sabe de nada. É melhor você não se iludir comigo. Eu tinha uma vida antes de conhecê-lo. Acabei de conhecer você. Mas essa sou eu.

Ele dá partida na moto, mas o ouço dizer:

— A questão toda é quem você é de verdade Islay...

Droga. Agora terei que pedir desculpa? Não, eu não vou. Melhor assim, pelo menos ele não vai criar expectativas sobre mim.

Ao chegar em sua casa eu sou a primeira a entrar, ele disse que ia dar uma volta. Fico esperando por ele e ando de um lado para o outro.

Ouçõ seus passos nos degraus da escada da frente, isso porque a madeira range.

Sinceramente eu acho que há algo de errado com ele. Eu não me uso de espelho para descrever como o caráter de alguém tem que ser. E ainda mais alguém que eu não conheço, não é porque sou toda errada que imagino que todo mundo tem quer ser como eu sou, porém, ninguém, absolutamente ninguém é perfeito. Eu sinto que há segredos. Ele tem segredos e esses segredos podem ser coisas boas ou ruins.

— Jandir, eu sinto muito por ter falado daquela forma — olha eu aqui pedindo desculpas...

— Tudo bem — diz com um sorriso gentil no canto da boca — você tem razão, não é como se eu devesse me meter em sua vida apenas porque criei sentimentos por você.

Eu ainda não sei lidar com a sua sinceridade.

Eu também sou sincera, mas a minha sinceridade vem acompanhada de coisas negativas. Porque eu sou má e na maioria das vezes inconveniente. Já ele não. Ele é sincero, mas a sua sinceridade vem acompanhada de gentileza.

Somos opostos em muitos aspectos.

Ele é como um urso gigante de tão fofo. *Oh, Merda*. Ela acabou de se confessar para mim?

— Jandir — aproximo-me dele — não é querendo te magoar e menosprezar seus sentimentos, mas da mesma forma que você foi sincero comigo, eu sou sincera com você. Até demais, né? Acho que até te assusto. Eu gosto da parte em que você é sincero, eu admiro pessoas assim, mas você não faz o meu tipo. E a lógica seria eu não fazer o seu tipo também...

— Seu tipo é homens com dinheiro...

— Não me julgue...

— Não vou julgar, você não é uma pessoa com falta de caráter...

— Não? Como não? É o que mais escutei durante a minha vida toda... Sou má e você cria asas perto de mim — bato as mãos imitando asas — um anjinho.

— Não, não é. Você seria mau caráter se matasse aquela mulher. Você tem falha de caráter, isso é diferente. Falha de caráter todo mundo tem. Incluindo eu. Eu não sou perfeito, Islay. Pensar errado, agir de maneira errada faz parte do comportamento de qualquer pessoa. Mas persistir na falha, causar prejuízo a alguém inocente, manipular, mentir e persistir neste ato, isso sim que é uma pessoa mau caráter. E por mais que você tente, você não é assim, você melhor do que ninguém sabe disso.

— Não sou? — Eu ainda nem acredito que não sou mau caráter.

Mas eu já reservei a minha passagem primeira classe e uma hospedagem em um hotel cinco estrelas, rumo ao inferno.

Toco em seus ombros. Estou tentando levar isso na brincadeira para não tornar as coisas mais tensas entre nós. Droga. Por que um cara como ele cruzou a minha vida? Eu estou acostumada a estar cercada de pessoas maldosas e não inocentes como ele.

Eu não sei lidar com Jandir, toda vez que falo algo tenho medo de machucá-lo. Não sei o que fazer porque a lógica é caras bons como ele passar longe de mim. Não terem interesse por mim.

Eu gosto dele, pois me faz lembrar de alguém especial para mim. E provavelmente alguém que nem existe, pura invenção de uma mente perturbada e traumatizada.

— Melhor não.

— Prefiro ouvi um não, se você me disser um sim agora não será com sinceridade. Se eu fosse rico e você dissesse sim, também não estaria sendo sincera. Isso porque em nenhuma dessas situações você me ama. Por isso peço uma chance para conquistar você, huh? — Ele é teimoso, mas eu sou linda e irresistível. Não posso julgá-lo. *Tá, e eu nem me acho...* — Islay, não está sendo fácil para mim tomar essa decisão...

— Por causa daquela mulher que você espera?

— Sim...

Espero que ela apareça logo, pois tenho certeza que é uma pessoa boa e que ele merece. Não quero iludi-lo, não quero magoá-lo.

Ele caiu de paraquedas na minha vida assim como cair de paraquedas na vida dele.

E sinceramente, ele é uma pessoa que não merece que eu faça um estrago na vida dele, portanto, não posso... Ele continua aguardando uma resposta, há tanta sinceridade e expectativas que não consigo dizer não:

— Faça o que quiser — pisco para ele — mas não posso deixar os meus planos de lado, ok?

Jandir concorda, por que ele age de maneira tão confiante? Para um cara das montanhas até que ele é bem interessante...

— Vou fazer você deixar esse preconceito de lado. Dinheiro não é tudo. Vou conquistar você, Islay.

Espero que com sinceridade e não com mentiras...

Espera, espera... Não posso.

Não vou conseguir acompanhar Jandir em suas aventuras nas montanhas, mas ele demonstrou ser uma pessoa muito inteligente, também achei que seria mais severo comigo, mas demonstra ser maduro e com amplas perspectivas.

Em nenhum momento tive a intenção de fazer ele gostar de mim. Pelo contrário...



Durante a noite eu sonho com um urso sentando em um tronco no rio onde eu tomava banho e depois com alguém lambendo o meu pescoço. Acordo com uma queimação no lugar, olho no espelho e não vejo nada.

Tomo um banho e visto uma roupa que uso para corrida, também calço tênis, desço para tomar café e sou surpreendida com uma mesa pronta, uma jarra de suco e frutas, torradas e queijos fatiados, caldas e granola, aveias...

Assobio, desse jeito ele vai me deixar mal-acostumada e pelo visto ele não desistiu da ideia de me conquistar.

Depois de tomar o meu café, eu saio para encontrá-lo onde ouço o barulho de algo se chocando, o encontro cortando algumas toras de lenha.

Ele está sem camisa, suado e com os cabelos presos em um coque. Lambo os lábios. Que visão! Pura gostosura o corpo desse homem.

— Bom dia, Jandir! — Bato os cílios.

— Bom dia. — Ele tem uma voz profunda. Adoro voz grossa e rouca, chega eu me arrepio — vai correr?

— Sim, tenho que ficar em forma e esse lugar é tão agradável — passei tanto repelente que espanto um mosquito a quilômetros de distância.

— Você está mentindo. Você odeia esse lugar.

— Tem razão. Não consigo ser feliz longe da civilização.

Falo antes de começar a correr na trilha, Jandir é uma tentação, mas não vou cair nela, pois essa tentação vem recheada de algo que odeio — pobreza.

Ele disse que vai fazer eu me apaixonar por ele e esquecer o dinheiro...



Não sei até onde essa trilha vai dar, mas confesso que a tranquilidade daqui é algo para se admirar, durante a minha corrida as copas das árvores fazem sombras na trilha. O chão barroso tem poças de água e é consequência da chuva que deu durante a noite.

Eu acordei com frio durante a noite, mas depois notei que Jandir tinha ajustado o aquecedor.

Ela faz o tipo cavalheiro. Se eu fosse uma boa garota, ele seria o cara ideal.

Somos tão diferentes, mas isso não impede de me sentir balançada pela declaração que ele fez para mim.

Fez o meu coração bater fora do normal. Isso é péssimo. Preciso sair dessa cidade.

Mas antes disso eu vou expulsar o Enrico e sua família podre daqui também.

Essas pessoas são felizes como são. Não merecem ter suas vidas arruinadas com os planos malignos que Thúlio tem para essa cidade caso se torne prefeito.

Elas merecem alguém que olhe para elas de verdade e façam alguma coisa.

Eis, o meu aprendizado nos orfanatos e na família que eu passei — as pessoas sempre buscam mais de você.

Eu sei o que é ser cobrada. Eu sei o que é ser rejeitada por não ser aquilo que as pessoas esperam. Não apenas na minha vida de cantora que eu queria ter, mas no fato de ser a filha adotiva perfeita que nunca consegui ser.

Corro cada vez mais rápido ao lembrar da minha infância. É ridículo pensar nisso. Sou uma mulher adulta e preciso parar de pensar naquelas pessoas.

Às vezes me pego perguntando como seria a minha vida se eu ficasse naquela família adotiva.

Seria uma garota aparentemente perfeita tocando violino, mas

extremamente infeliz. Não que eu seja feliz agora, mas aquilo era bem pior.

Paro de correr para descansar um pouco. Respiro ofegante e fico olhando para encruzilhada formada na minha frente. Qual caminho eu devo escolher?

Não importa. Os dois parecem péssimos e cheios de lama.

Escolho qualquer um e volto a correr.

Minha corrida é interrompida ao ver algo no meio da trilha. Demora um tempo para processar o que é. Nem posso acreditar. A ideia é absurda demais. Solto um berro tão alto ao ver uma cobra gigante em seu desfile matinal.

Corro para fora da trilha e me dou conta da burrice que fiz, o certo era apenas dar meia volta da trilha, agora estou correndo como uma desvairada para dentro da floresta.

— Oh, inferno! Quem deixou a anaconda solta?

Pernas para quem te quero, eu olho para trás só para ter certeza que ela não está correndo atrás de mim com a boca aberta e balançando as árvores — como naqueles filmes bizarros sobre cobras gigantes.

Pode ter certeza que não é esse tipo de cobra gigante que curto.

— Onde é que eu estou? — Estou perdida. No meio do mato com uma anaconda a solta — maravilhosa é você, Islay. Achou que estava dando voltas no Central Park? Como é que saio de casa sem um GPS... Sem um sinalizador, sem fósforo para fazer uma fogueira. Ninguém vai me encontrar aqui!

Caminho sem rumo praguejando esse lugar, os mosquitos estão à minha volta querendo fazer um banquete e é o efeito de repelente passar e vão encontrar o meu corpo aberto pelos mosquitos.

Continuo correndo e estranhamente sinto uma sensação de *déjà vu*, eu me arrepio, o clima parece que se tornou mais frio. Eu paro de correr e olho tudo à minha volta. De novo não...

Achei que já tinha me curado disso, passei por tanto terapeuta. Deve ser esse lugar. Ninguém mais sabe do meu medo idiota por lugares como esse.

Ouçó um barulho atrás de mim e adianto os passos. E nisso os meus pés colidem com a raiz de uma árvore e vou com tudo para o chão.

Afundo na lama.

Novamente estou correndo por uma floresta, está chovendo forte, ouço a ventania e a gritaria das pessoas.

Corro sem rumo, ao ver uma sombra se mover em torno das árvores, demonstra que não estou mais na realidade.

Qualquer sentimento de medo que eu sinta me traz de volta para esse momento. Eu sempre vejo esse ser com chifres, não consigo ver seu rosto, apenas o seu peitoral desnudo e uma calça preta. Me encara na escuridão da noite, posso ouvir sua respiração potente e ele sempre aparece com raiva.

— Islay? — Ouço a voz do Jandir. Mas ele me encontrou ou já morri? Abro os olhos lentamente. — Você, desmaiou, você está bem? Eu estava tentando te acordar...

— Eu estou, acho que fiquei um pouco tonta, mas estou bem.

— O que...

— Nem me faça essa pergunta.

Ele me ajuda a levantar. Ainda continua sem camisa. Ele estava me seguindo? Como chegou aqui tão rápido?

— Você está bem?

Ranjo.

— Vou ficar.

Seguimos em silêncio até ele dizer:

— Foi um baita banho. Achei que ia sair para correr e não para nadar na lama.

— Ha. Engraçadinho...

— Mas é sério, não vai me dizer o que aconteceu?

— Eu já disse só fiquei tonta...

— Não mente muito bem.

— Estou mentindo, mas quer saber a verdade? Eu não quero falar sobre isso com você.

— Vamos. Vou levar você de volta. Que tal tomar um banho no rio?

Não falo nada só sigo ele até o rio, cada minuto que passa a lama está

grudando no meu corpo, sinto coceiras em todas as partes.

— Por que saiu da trilha? — Jandir continua segurando a minha mão e me guia como se eu fosse uma criança.

— Tinha uma cobra tomando banho de sol nela.

Ele ri.

— Não precisa ter medo da Lucy, ela é inofensiva.

— O nome dela é Lucy? — pergunto sem acreditar.

— Sim... Relaxe, vou avisar para ela dar um tempo da sua excursão pelas redondezas.

— Você é doido. E diga para a Lucy que isso não se faz!

Droga...

Acabo rindo disso também.

Imagina eu viver com Jandir e ter uma cobra como amiga da vizinhança?

Eu nunca vou viver em um lugar como esse. Nunca!



CAPÍTULO ONZE

Demônios reais - Elie Anjo

Islay ainda se recupera do banho de lama. Ainda não acredito que fiz aquela proposta para ela. Hoje eu nem tive coragem de ir conversar com ela, a deixei fazendo suas unhas e dizendo que mais tarde vai sair para se encontrar com aquele cara.

Também não me disse o motivo de ter desmaiado no meio da floresta. Quando ela se sentir pronta para compartilhar estarei aqui, melhor não insistir mais no assunto.

Estou deitado em meu tronco, olhando para o rio e aproveitando o sol da manhã, queria poder me transformar em urso e amolar as minhas garras no teto da minha caverna.

Bocejo e estico mais o corpo.

Gael zapa na minha frente carregando a sua irmã mais nova, minha linda sobrinha Magali tem cabelos ralinhos e castanhos e a sorte de ter Gael

como irmão.

— Oi, tio — diz ele — como andam as coisas?

— Bem, mas eu pedi para evitar zapar por aqui...

— Por causa da sua namorada. A garota nova na cidade.

— Você anda bem informado, ein. Mas ela não é minha namorada, ainda... — Me sento no tronco e pisco para o bebê em seu colo, ela usa um gorro e um macacão que cobre todo o seu corpo — e como você está minha lindinha, você não é de visitar muito o titio, não é?

Ela me encara com os olhos castanhos, é um bebê fofo, agora temos duas fêmeas nascidas.

Eu me sinto muito atraído por Islay e gosto toda vez que ela me dá uma resposta sincera, sem esconder de fato quem é. Poucos humanos fazem isso, ao longo dos anos conheci pessoas que se escondem atrás de máscaras e aquela fêmea expõe suas falhas de caráter para o mundo, o problema não é esse, o problema é a sua relutância em querer corrigir algumas delas... Ela se apegou ao dinheiro como alguém desesperado em ter algo para se preencher.

Sei que há coisas sobre ela que ainda desconheço, também sei que até agora ela demonstra seu lado ruim na intenção de me manter distante dela. Mas isso não é possível, porque quanto mais ela faz isso mais eu a quero, mais quero conhecê-la.

Ela faz questão de ir contra os valores da sociedade, faz questão de fazer maldade e mostrar. Talvez seja apenas uma barreira que ela criou. Eu preciso saber o motivo dessa barreira. Ela é muito jovem e tem muito o que aprender sobre a vida.

— Eu só sinto falta de ficar aqui com o senhor, pois tenho que ficar mais tempo em casa sendo babá da Mag, sabe como é a mamãe...

— É bom que cria mais responsabilidade com a família, futuramente não terá problema em lidar com seus filhotes — me levanto do meu tronco — quero te perguntar algo Gael, o que as humanas gostam hoje em dia?

— Civilização?

— Outra coisa.

— Dinheiro?

— Pelo amor de Oric... Sobrinho não me decepcione.

— Mas elas gostam de dinheiro, não só as mulheres, como os homens.

Não posso inseri-la na família e apresentar para os demais. Isso seria péssimo, acho que ela vai entender que eu não sou "pobretão", não quero que ela se interesse pelo dinheiro primeiro, mas por mim.

— Mais alguma coisa? — pergunto.

Gael suspira forte, coloca Mag em seu ombro.

— Pode levar ela para um lugar especial...

— Aqui é um lugar especial para mim.

— Para ela. Não para o senhor...

— Acho improvável ter um lugar especial aqui, ela odeia esse lugar. Ah, ela gostou da boate do Raony.

— Pois então...

Levar ela para a boate? Mas eu fiz isso e odiei ficar lá com ela, não dava nem para conversar.

— Tudo bem, vou conversar com o seu pai — antes de zapar ordeno: — vá para casa, não quero que ela veja vocês aqui.

Zapo por fim, a essa hora a boate está vazia, mas sinto a presença do Raony em algum lugar, tenho certeza que ele sentiu a minha, pois zapa imediatamente até onde estou.

— Jandir... essa é a segunda vez que vem até a minha boate, a segunda vez em muitos anos. É bom ver você sair daquele lugar — ele cruza os braços — o que está acontecendo?

— Acho que você já sabe irmão, a família toda deve saber, nada acontece em minha vida e quando acontece eu não sei o que fazer. Estou com problemas.

Eu circulo as mesas com as cadeiras viradas e apoiadas nelas, os sofás estão limpos e cobertos, o ambiente cheira a álcool e a produto de limpeza.

— Bem-vindo de volta. Se você está com problemas é sinal que está vivendo e não vegetando como estava fazendo. Se eu puder ajudar em algo é só falar.

Fico um tempo olhando o palco vazio, eu nem imagino os tipos de músicas que entretêm tantos demônios.

— A fêmea que estou interessado gosta muito de lugares como esse — Raony está com a camisa desabotoada e dobrada nos cotovelos, acho que ele ainda não foi para casa. — Você e a Grace estão bem?

— Sim, estamos muito bem. Quer beber alguma coisa?

— Não, obrigado.

Ele caminha até o bar e pega uma cerveja, sento-me desanimado em um dos sofás e Raony faz o mesmo sentando-se ao meu lado.

— Além da minha boate tem mais alguma coisa que ela goste?

— Tenho uma lista, irmão, mas são coisas que realmente não vale a pena dar a ela.

— O quê por exemplo?

— Bolsas, joias, dinheiro, spa, roupas de grife, entre outras coisas...

Raony solta um riso grosso.

— Você quer agradá-la, mas não quer dar essas coisas. E por quê?

— Acho que é o que ela espera ter e sempre tem. Eu quero algo que a surpreenda e também a forma que ela ver essas coisas não parece saudável. É como se ela quisesse se preencher com coisas materiais.

— Tem certeza que ela não é a sua fêmea?

— Não vi a marca, mas estou muito a fim dela.

— Poxa, cara, sua situação é tão difícil quanto a de todos os machos dessa família que encontraram as suas fêmeas. Não tem mais nada que ela goste?

— Cantar. — Me apoio no braço do sofá — e ela faz isso muito bem, tem uma linda voz.

Raony me analisa com um brilho em seu olhar, arqueia a sobrancelha e um misto de satisfação e euforia paira em seu semblante.

— Então acho que posso ajudar agora, tem esse palco vazio precisando de uma linda voz — diz convencido — por que não traz a sua garota para soltar a voz por aqui? Se ela canta tão bem em algum momento a música fez

parte da sua vida, investigue mais sobre isso, quem sabe um dia ela dê mais importância a isso que todas essas coisas que você diz que não está fazendo bem para ela.

Como não pensei nisso? Eu não sei muita coisa sobre ela, mas se o que o meu irmão disse é verdade, ainda posso conseguir agradar a Islay.

— Eu nunca imaginei que esse lugar seria útil para alguma coisa.

— Assim você me ofende irmão. — Ele ri — eu dou duro para esse lugar ser útil para muita gente.

— Desculpa, não quis ofender. Deixe tudo pronto, ok? Vou convencer Islay, vou investigar mais sobre esse lado cantora dela.

— É... eu posso entendê-la, olha onde eu cheguei e lembre-se de quem eu era, todo mundo tem sua fase rebelde. Eu tive a minha e não era só rebelde como era soberbo e egoísta, eu era muitas coisas, muitas coisas que não sou mais. E sabe o que mudou?

— Não exatamente...

— Um motivo para mudar. Grace foi apenas o começo, depois veio Gael e agora a Magali. E todos os dias mudamos e nos adequamos aquilo que a vida nos oferece.

— Entendo, eu não tenho muito a oferecer para ela. Ela é uma garota da cidade...

— Paciência Jandir... é algo que Grace tem muito comigo e eu com ela, somos diferentes e você sabe, assim como a Desi é do Marlon e a Dandara é do Rudá... E sinceramente irmão, eu não acredito em contos de fadas e em vidas perfeitas e que o amor supera tudo. Isso é baboseira. Eu amo a Grace, mas as vezes tenho vontade de sumir no mundo, porém eu tenho mais motivos para ficar do que para partir — concordo balançando a cabeça — não é só o amor, com ele vem aceitação, paciência, sinceridade, empatia; entre outras coisas que usamos de muleta em um relacionamento para suportar um ao outro. Chega um tempo que você não consegue mais viver sem elas... Convivência é isso.

— Mas você está feliz.

— Claro que sim. Felicidade e amor passam longe da perfeição.

— Você realmente cresceu irmão.

— Um dia você chega a esse nível — brinca.

— Nem parece que é mais novo que eu.

— Você parou no tempo, Jandir, se isolou, não convive com outras pessoas e aquela floresta é seu lugar de solidão e lamentação. É deprimente. E o pior é você achar que está feliz com esses hábitos, com essa rotina. Então antes de se preocupar com o comportamento que você considera que não é saudável para Islay, olhe para o seu também. Não é saudável e não vou passar pano para você e seu comportamento. — Passar pano? Huh? Não entendi essa parte, mas não interrompo, pois ele fala adotando um tom mais severo, ele está me dando um sermão. Ele cresceu e virou pai e agora me trata como seu filho, gosto do meu irmão assim também — seu erro é essa margem de comodismo que te cerca, acho que ela vai te ensinar a ir além. A evoluir. Todos nós precisamos disso.

— Você tem razão... Preciso me adequar a ela também. Eu vou tentar.

— Tente. E a melhor forma para fazer isso é se colocando no lugar dela. Você disse que ela é uma garota da cidade. Então pense nela como uma garota vivendo numa montanha no meio do nada, sem wifi, sem contato com a civilização e a única opção de amizade é a Lucy, a propósito, se livre daquela cobra.

— Pobre Lucy, terei que mandar a Lucy tirar férias.

— Sim...Tenha paciência com ela. Digo, com a Islay e não com a Lucy. Rimos.

— Obrigado, irmão, eu preciso ir.

— Estou aqui para o que precisar. E eu a Grace estamos ansiosos para conhecê-la...

Ouçõ ele dizer antes de eu zapar de volta para a minha casa, estou com esperança. Raony tem razão. É mais fácil alguém enxergar nossos defeitos do que nós mesmos. Eu não vou desistir de Islay.



CAPÍTULO DOZE

Demônios reais - Elie Anjo

Me sento na mesa onde Pedro me aguarda e no jantar mantive uma conversa aberta com ele, fazendo-o sentir confortável, tudo estava indo perfeitamente bem até o meu ex-amante entrar no restaurante acompanhado por Penélope.

A raiva está explícita na cara deles, e acho que na minha também. Eu ainda me pergunto o motivo dela ainda estar com ele depois de tudo, agindo naturalmente ao lado de um assassino. Eu sempre soube que ela era burra e eu mais burra ainda por confiar no Enrico. E quer saber? Dane-se.

— Eu vou ao banheiro — digo antes de me levantar da mesa — abro a minha bolsa e tiro o meu batom para retocar, Penélope também entra no banheiro e fica de frente ao espelho, ela usa um vestido preto, ela coloca a sua bolsa ao lado da minha. — Como você está?

— Para quem quase morreu envenenada, eu estou sabendo lidar com

tudo.

— Está mesmo? E por que ainda está com ele? — Reviro os olhos.

— Ah, sua obsessão pelo meu marido, você quer apenas que eu deixe o caminho livre para você. Coisa que não vai acontecer.

Guardo o meu batom na bolsa e deslizo os lábios um no outro.

— Escuta Penélope, eu nunca gostei de você e tentei te envenenar, isso foi errado, sinto muito, mas eu peguei a torta para jogar fora e quem lhe deu foi o seu marido, pois ele sabia o que tinha dentro — olho bem em seus olhos — Era para ele está preso e você livre desse crápula.

Ela ri incrédula.

— Eu retirei qualquer acusação, esse evento nunca ocorreu em nossas vidas — fala — vou ficar ao lado do meu marido, vamos recomeçar e fique longe de nós, sua vadia.

— Sabe o que mais odeio? A parte em que um dia invejei você. Mas eu vou te dar um conselho: um dia ele vai arranjar outra mulher e vai se livrar de você, então caia fora antes disso acontecer.

Diferente de Penélope, eu faria Enrico pagar bem caro por tentar me matar, porém eu não vou tomar as dores dela.

Estou aqui porque farei Enrico pagar caro por me acusar e tentar me destruir me colocando atrás das grades.

Retorno e invento uma desculpa para Pedro, digo que não estou me sentindo muito bem.

Ele me leva de volta para casa em seu carro e me despeço dele sem deixar ele me tocar. Quando saio do carro reviro os olhos.

Ainda nem acredito que estou morando no fim do mundo com um completo estranho, embora Jandir seja um docinho.

Tenho a sensação de que ele não vai me decepcionar, não devia confiar tanto nele, mas ele é tão sincero e gentil que é impossível criar alguma ideia errada sobre ele.

Mas algo me diz que Jandir também tem os seus segredinhos, por exemplo essa mulher estranha que ele tanto espera.

A Luz da sua garagem está acesa.

— Jandir?

Ele responde baixo, o chão está coberto por serragem e Jandir serra um pedaço de madeira, mas o que me surpreende mesmo é que está um frio do cacete e o homem está sem camisa e ainda por cima com o peitoral suado.

— Precisa de alguma coisa? — Me encara de volta.

Ele parece chateado, eu dou a volta na mesa grande no centro da garagem, estou cercada por ferramentas, a Luz é bem fraca no ambiente,

— Eu só quero dizer uma boa noite antes de ir dormir.

— Boa noite. — Ele para o que está fazendo para me olhar. Eu estou acostumada com esse tipo de olhar, mas não com o desconforto. Não com esse coração estúpido batendo desse jeito — durma bem Islay.

Volta a serrar depositando toda sua atenção a ele, e eu nos seus bíceps enquanto movimenta o serrote — sobe e desce, Sobe e desce...

Não controlo a minha imaginação.

— Durma bem você também...

Na verdade, eu queria ficar mais um pouquinho com ele, estou curiosa com o seu trabalho. Mentira, eu estou mais interessada no carpinteiro.

Eu passo o dedo na serragem sobre a mesa e desenho um coração, um coração meio torto, pois a mesa está balançando com o esforço que Jandir faz. Desenho outro e mais outro.

— Tudo bem Islay, o que aconteceu? — Ele joga o serrote na mesa e se afasta.

— Nada...

Ele pega sua camisa pendurada em um gancho na parede, sacode ela, mas não veste, pois tudo está coberto de serragem.

— Então se não tem nada a dizer, por que ainda está aqui? — pergunta sem ser grosseiro — se tem algo incomodando você e quiser compartilhar... sou todo ouvido.

— Sim, tem algo — uno as mãos — foi o encontro...

— Aquele cara fez algo que você não queria?

— Não foi ele. Eu encontrei o Enrico e a Penélope e eles estão juntos,

ela me disse que não vai haver mais acusação, isso quer dizer que me livrei dessa.

— E...? — Cruza os braços me analisando.

— Você acha isso normal? O cara tentou matar ela e ela ainda está com ele! Eu nunca gostei dela, mas isso...

— Isso não tem nada a ver com você, Islay. Na prática é assim, você segue o seu caminho e eles o caminho que escolheram — passa o dorso da mão na testa para limpar o suor, — mas não vai funcionar assim, certo? Você simplesmente não vai deixar de se envolver com essas pessoas.

— Não antes da minha vingança — eu falo.

— E depois? — Jandir apaga a luz da garagem — já terminei por aqui, vamos.

Eu o acompanho para fora.

— Depois acabou.

Ele apenas deixa a porta da garagem encostada.

— Não vai ser assim, não vai acabar.

— Claro que sim...

— Não se iluda com isso querida, sempre vai ter alguma coisa ruim que você vai querer fazer, porque quando começa a plantar sementes do mal, você continua o plantio...— Parece que ele me conhece, parece que ele sabe da minha história. Isso me assusta um pouco — vai ficar cobrindo seus próprios erros, retardando a colheita. E quando você quiser parar vai olhar para trás e dará conta do que fez, aí vai ser tarde demais, você só vai colher aquilo que plantou.

Eu me adianto para casa um pouco chateada.

Eu sei o que é isso, a verdade nua e crua nas suas palavras. A verdade que dói. Eu comecei com algo que era pequeno, agora tudo parece ter fugido do controle.

Jandir me segue em silêncio, o cheiro da madeira ainda está com ele.

— Eu não posso abusar da sua hospedagem, preciso pelo menos pagar a minha estadia aqui.

— Já disse que não precisa se preocupar com isso.

— Huh, vamos conversar sobre isso depois, boa noite...

Antes de alcançar o degrau da escada ele segura o meu ombro. Ficamos frente a frente. Eu ainda não me acostumei a ver esse homem sem camisa.

— Eu falei para uma pessoa sobre você cantar bem e ele é dono daquela boate que você foi, então, se você quiser pode se apresentar lá e ser paga por isso...

— Você encontrou um emprego para mim? — questiono um pouco chateada — música é um hobby e não quero fazer disso uma obrigação.

Acho que isso não foi o que ele esperava ouvir.

— Não é uma obrigação, se quer ter isso como hobby que seja.

Acho que o magoei, reviro os olhos. Eu não estou chateada com ele, mas só o fato de lembrar daquela época me deixa frustrada.

Não tem nada pior do que ter seus sonhos frustrados, também me sentir um covarde por correr dos palcos, depois disso dei mais atenção ao Enrico e a minha única conquista. Mas no fundo eu sabia que era falso, Enrico foi uma falsa conquista. Aquela vida foi uma falsa conquista.

Com o tempo me acostumei: é melhor ter algo falso do que não ter absolutamente nada.

De qualquer forma é melhor esclarecer a situação para ele, ou vou dormir me sentindo culpada com essa carinha confusa em minha mente.

— Acontece que eu sou assim, uma vez eu tentei trabalhar com isso e não deu certo, nada do que eu faça por obrigação dá certo, principalmente cantar, eu fujo de obrigações desde então.

Não conto tudo a ele, terá a mesma imagem que ele tem que é de garota desinteressada e me deixará em paz sobre esse assunto.

— Por quê?

Como ele insiste eu preciso responder.

Umedeço o lábio inferior e respondo:

— As pessoas são cruéis, elas não se contentam com o seu melhor, mas sim com aquilo que elas querem — abraço o meu corpo me lembrando das vezes em que tentei ingressar na vida de cantora — talento não é o suficiente Jandir. Você nunca entenderá isso, as exigências tornam tudo mais pesado de

carregar.

— Quer falar mais sobre isso? Vem... — Ele segura a minha mão e me leva em direção à cozinha — quer um chocolate quente?

— Pode ser..

— Espere aqui que vou me lavar.

Ele me deixa sentada em uma cadeira, coloca a bolsa em cima da mesa, meu estômago se agita um pouco quando ele retorna cheirando a sabão e vestindo uma camiseta. E no final, senta-se ao meu lado com duas xícaras de chocolate quente, sorvo o cheiro agradável e doce, isso me traz uma sensação tão boa.

Uma situação inocente até. Minhas mãos se aquecem na xícara..

— Então, o que eu quis dizer é que as cobranças que me faziam não tinham nada a ver com aperfeiçoamento, pois como eu disse eu sempre dava o meu melhor, sempre tentei melhorar, tinha mais a ver com gostos pessoais — engulo em seco — então eu tinha que cantar para agradar a eles e não aquilo que eu queria. Eu tinha passado por algo parecido antes de ingressar na carreira de cantora, achei que tudo ia se repetir então a decepção seria em dobro...

— Eu entendi, está com medo que isso se repita.

— Sim. Como eu disse... aconteceu uma situação parecida quando eu era criança, mas é algo que não quero compartilhar.

Sopro antes de provar o chocolate. E está muito bom, o melhor chocolate quente que já provei.

— É por isso que sempre faz coisas desagradáveis? Tem a ver com a sua infância?

— Não quero falar sobre isso.

— Islay..., eu ouvi você cantando e me agradou muito, você tem um talento muito bonito e se as pessoas não gostam da forma que canta o problema não está em você, como você mesmo disse só estavam tentando moldar o tipo de cantora perfeita aos olhos delas. Seria mais fácil se elas pegassem o microfone e cantassem.

Moldar pessoas perfeitas. Foi o que tentaram fazer comigo. Eu me

recuso a ficar triste perto dele e por causa de um assunto que não diz respeito a ele. Então retorno para me bolha e respondo:

— É o que eu dizia, até a forma de me vestir tinham que escolher...

— Você está falando da sua carreira ou da sua infância?

Ele não vai desistir de tentar descobrir as coisas.

— Eu fiquei com raiva e quando eu recusei e tentaram me sabotar a todo custo.

— Seus fãs? Ou as pessoas responsáveis por você quando era criança?

— Jandir...

— Desculpa, mas é natural querer saber mais sobre você.

— Meu empresário era um cara escroto e machista — digo.

Quero que ele tire o foco da minha infância.

— Eu me tornei seu fã número um quando ouvi você cantar.

Eu rio.

— Tudo bem.

— Eu gosto de você. Você, a digníssima Islay.

Tum, tum, tum

Tum, tum, tum...

Meu coração está muito mole esses dias.

Jandir termina o seu chocolate quente e se debruça na mesa, tem um sorriso largo em seu rosto, porém sem mostrar os dentes e suas bochechas estão apertando o canto dos seus olhos iluminados. Fofo.

— Eu também gosto de você, Jandir, como amigo, claro — limpo a garganta.

— Já é um começo, você está sendo amiga do Tarzan pobretão aqui. E agora eu sei quem é Tarzan.

— Sério que não sabia quem ele era?

— Não, mas agora sei que além do rei da selva ele se apaixonou por uma garota da civilização, ela era linda, talentosa e inteligente assim como você. Tarzan aprendeu muitas coisas com Jane, incluindo como viver na sociedade...

Eu acho que é só impressão minha, mas acho que ele ficou um pouco triste com isso, ele está me vendo como a Jane?

Eu?

Eu sou uma cobra criada.

Mas acho que entendi o que ele quis dizer, — as nossas diferenças.

— Olha só Jandir, ultimamente eu não me importo tanto que você não seja um cara da cidade...

— Verdade? — Um sorriso se forma no canto da sua boca.

— Sim. Talvez se você fosse diferente não se tornaria meu amigo. Eu nunca tive um amigo tão próximo como você está se tornando, eu posso não ser a sua Jane, mas podemos ser amigos, como eu disse...

— Sinceramente Islay esses dias eu estou confuso em relação a muita coisa, mas não em relação ao que eu sinto por você, então eu não vou declinar e vou continuar firme em meu propósito de conquistar você.

Oh, merda. Que delícia de homem.

Espera, espera!

Não.

Não vou ceder.

Não posso fazer isso com ele, pois vou magoá-lo, eu sou uma garota espírito louco, com um estilo de vida duvidoso, eu não vou morar numa montanha longe de tudo aquilo que gosto, também não posso fazer o que eu quero agora que é dar um beijo nele, pois respeito os seus sentimentos e sei o quanto ele vai levar esse beijo a sério. Diferente de mim que vou agir por impulso e para satisfazer o meu desejo.

— Eu sinto muito Jandir, não quero te magoar, mas ainda quero ser a sua amiga — nem consigo olhar nos olhos dele.

— Então seremos amigos Islay, tudo para não te perder — ele suspende meu queixo me forçando a olhar para ele — eu vou aprender a lidar com isso, não vou mais tocar nesse assunto, ok?

Isso tudo para me manter por perto?

Ninguém nunca fez algo do tipo por mim, isso me deixa sem reação e me faz levantar da mesa.

— Obrigada pelo chocolate quente, eu vou dormir, boa noite.

Que coração filho da puta

Esse caralho não está normal. Estou com arritmia cardíaca?

Subo as escadas às pressas.

Tum, tum, tum...

Tum, tum, tum...

Tum, tum, tum...

Eu nem consigo pregar os olhos, coloco as mãos no peito que colide descontroladamente e estou passando mal. Minutos se passam assim, me reviro na cama ciente que o inferno do meu coração está maluco.

Começo a suar frio e que calor!

— Eu acho que estou tendo um ataque cardíaco.

Falo tão baixo avançando até a porta, está tão tarde da noite que ele deve ter dormido. Os calafrios se tornam intensos, meus olhos nublam ao alcançar a maçaneta.

Jandir...

Ouçó o trinco da porta se movimentando e não sou eu que está fazendo isso, penso se Jandir colocou alguma coisa em meu chocolate quente. E se me enganei sobre ele?

Tanta generosidade, tanta bondade em uma pessoa só...

Ah, não. Não quero acreditar nisso.

— Islay?

Jandir abre a porta e segura o meu corpo, como sabia que eu não estava nada bem?



CAPÍTULO TREZE

Demônios reais - Elie Anjo

— **Tem algo errado comigo, Jandir.**

— Me diga o que sente.

Ele apoia o meu corpo e me leva até a cama, me coloca deitada nela e ajeita o travesseiro, toca em meu rosto me analisando preocupado.

A culpa é dele. Deve ter colocado alguma coisa no chocolate quente.

— O meu coração não para de bater forte — choramingo e acho que piorou com a aproximação dele — você colocou alguma coisa no meu chocolate quente?

— Não — ele ri e acaricia meu cabelo — só coloquei amor. Sente mais alguma coisa além disso?

— Acho que descobrir que sou alérgica a chocolate, porque também estou sentindo uma coceira irritante na minha nuca, um antialérgico já resolve. Pode me trazer, por favor?

Faço uma cara amarga e começo a coçar a nuca com as unhas. Meu

Deus. Que noite, ein? Tudo isso por culpa de uma xícara de chocolate.

— Eu posso ver? — pergunta.

Por que diabos ele parece feliz com a minha situação? O que deu nesse homem!

— Por quê? — questiono — não acredita em mim? Aqui que coça Jandir... — Faço uma voz dengosa para ele se apressar e trazer um antialérgico.

Ele afasta os fios rebeldes do meu cabelo e sinto o calafrio piorar quando seus dedos percorrem a minha nuca.

Tum, tum, tum...

Tum, tum, tum...

— Aqui? — Faz círculos com o dedo em meu pescoço.

— Sim.

— Não há nada aqui além da sua pele irritada pela coceira.

Eu preciso cair fora daqui, há algo errado com Jandir e com tudo isso que estou sentindo. Se eu acreditasse em bruxaria pensaria que ele lançou um feitiço em mim,

— Eu vou pegar alguma coisa para você beber.

Calmo, ele está calmo demais.

Quando ele sai do quarto consigo respirar intensamente como eu queria, parece que escalei uma montanha correndo e as batidas continuam, rolo na cama transtornada com as reações estranhas do meu corpo: é como se eu estivesse perdendo o controle dele.

— Está ardendo...

— O que está ardendo, querida?

Como ele consegue chegar tão rápido? Eu nem o vi entrar, ele simplesmente apareceu em meu quarto. Pronto. Agora eu estou alucinando.

— Eu estou drogada?

— Não, se acalme — me entrega um copo com água — não há remédios aqui, beba apenas água.

— Tem amor aí também? — Resmungo e pego o copo d'água — tem

certeza que é só água que está me dando? Poderia ter colocado um pouco de ódio só para equilibrar as coisas.

E ele continua rindo.

Eu bebo. Eu estou morrendo.

— Tente descansar um pouco.

— Amanhã eu vou ao médico, mas por hoje, fique aqui comigo. Tenho medo de passar mal...

— Eu fico aqui — faz a volta na cama e deita do outro lado, encara o teto. Eu não confio muito nele nesse momento então me viro na cama e fico encarando ele que permanece imóvel olhando para o teto — eu quero olhar para você nesse momento.

— Quem te proíbe?

Ele também fica de lado na cama, esse riso no canto da boca dele está me irritando. Tem algo acontecendo e ele sabe disso.

— Islay acho que algo importante aconteceu hoje. — Estamos perto um do outro, nossos rostos quase alinhados, ainda bem que ele está vestido uma camisa e uma calça de algodão, o que não ajuda muita coisa, pois ele continua sendo muito atraente com esses cabelos loiros esparramados no travesseiro. Esteticamente falando, eu não mudaria nada nele — está me ouvindo?

— Claro — mordo o lábio — o que disse?

— Eu ia começar a dizer, mas você parecia distraída — eu gosto da sua voz — eu não quero incomodar você com os meus pensamentos...

— Pode falar Jandir, ouvir você é melhor do que ouvir o meu coração bater desse jeito, isso é um inferno.

Respiro e inspiro.

— Acho que estamos destinados a ficarmos juntos.

— Ai, meu Deus, cale a boca! — Rio e enfio a cabeça no travesseiro e tapo os ouvidos.

Sua mão toca em meu ombro e eu arqueio as costas.

— Eu sinto muito, quebrei a promessa...

Tiro a cara do travesseiro e volto a encará-lo. Ele está com uma cara de arrependido, com esses lindos olhos verdes refletindo a fraca luz do abajur, eu vi que ele tinha feito esse abajur como boa parte da mobília da casa, e os lugares onde fica os eletrodomésticos, tudo perfeitamente planejado.

— Piora quando você fala essas coisas — confesso — eu me sinto muito estranha.

— Quer que eu saia?

Balanço a cabeça negando, me aproximo dele.

— Vamos ficar em silêncio e tentar dormir.

Me viro na cama e aperto os olhos, me cubro dos pés à cabeça e faço exercício de respiração. Jandir dorme primeiro e isso me acalma um pouco, eu paro de focar em meu coração batendo forte para dormir ao som da respiração dele próximo de mim.

Eu finalmente durmo.

Sonho com um inseto mordendo o meu pescoço, mas então percebo que não é apenas um sonho, há alguma coisa arranha meu ombro, meu pescoço.

Os braços de Jandir estão em volta de mim e sua barba grossa ralando em minha pele. Merda. Como vou sair dessa se ele parece estar dormindo profundamente?

Estou imobilizada por esse homem, me sinto muito pequena perto dele.

— Jandir... — Sussurro para ele acordar. Ele revira e cheira o meu pescoço, sinto a jiboia cutucar a minha bunda, tudo o que nos separa é a camada grossa do edredom, ainda assim o tamanho da jiboia me assombra — Jandir!

Ele torna a me cheira, suspira profundamente e parece que está acordando, me abraça mais forte.

— É você, Islay, só pode ser você, eu quero que seja você.

— Ainda está sonhando?

Começo a me mover da cama.

— Tive um sonho bom — novamente ele toca em minha nuca com seus dedos calejados — eu sonhei que havia um sinal aqui.

— Sua tara por sinal está indo longe demais. Não tem sinal nenhum.

Ele se espreguiça.

— Eu já estou em um ponto que isso já não importa mais! — Beija o meu ombro — estou quebrando a promessa, certo?

— Oh, percebeu?

— Tudo bem — sai da cama rapidamente, seus cabelos estão bagunçados e acho graça, mas a graça termina quando vejo a jiboia querendo dar o bote. Caralho de ereção! — Não me olhe assim, eu estava dormindo e dormindo ao lado da mulher que desejo, não me olhe como se eu fosse um perverso.

— Ok, estou feliz que me sinto melhor — ainda bem que as batidas não estão mais como antes — eu vou na cidade a procura de um médico.

Saio da cama e vejo um rastro de sangue nela. Fico constrangida. Estou toda melada de sangue, descem até as minhas pernas. Eu quero morrer! Na verdade, acho que estou morrendo.

— Islay? — Ele vem até mim — você está naqueles dias, quer ajuda com isso?

— Isso não era para estar acontecendo! Eu suspendi a minha menstruação por alguns meses, eu fiquei com anemia e minha menstruação era um rio — avanço até o banheiro deixando um rastro de sangue — ainda por cima eu não tenho um caralho de absorvente, mas do jeito que estou acho que uma fralda geriátrica resolve! — grito do banheiro.

— Você quer um absorvente ou uma fralda geriátrica, Islay? — pergunta Jandir do lado de fora — eu vou providenciar isso...

— Sério, Xuxu? — Já pelada coloca a cabeça para fora da porta — isso tudo é culpa do chocolate, você lançou um feitiço naquele chocolate.

Entro para pegar mais papel higiênico. E um pano de chão para limpar a meleira que eu fiz.

— Espere aí!

Eu coloco a cabeça para fora e não o vejo mais. Espero que ele entenda que falei brincando sobre a fralda geriátrica e não me apareça com uma.

Por enquanto uso uma das toalhas limpas entre as pernas, só depois de um tempo ele retorna com as coisas. Absorvente noturno. Ufa, serve, tomo

um banho bem longo e fico alguns minutos no chuveiro deixando o sangue escorrer.

Visto a minha muda de roupa limpa, uma legging preta bem apertada e um cropped listrado e de alcinha.

Fico um tempo secando os meus cabelos e no final deixo soltos para terminar de secar e ao sair, sou pega de surpresa ao ver Jandir limpando minha bagunça.

— Você não está com nojo disso tudo?

Quero me enterrar em algum lugar ao vê-lo espremendo o pano de chão no balde, sangue e mais sangue, ele já até trocou os lençóis.

O cheiro de desinfetante predomina no ambiente. Eu sinceramente eu não sei o que está acontecendo com o meu corpo.

— Você ficou muito tempo no banheiro — Ignora totalmente minha aversão ao que ele está fazendo — você toma alguma medicação?

— Eu tomava para anemia, mas já não tomo mais. Agora mais do que nunca preciso ir ao médico.

— Sim. Eu levo você.

— Obrigada.

— Pode aguardar lá embaixo, eu já estou terminando aqui, depois eu vou tomar um banho se quiser pode me esperar para tomar café...

— Eu vou esperar.

Eu o aguardo na cozinha e vejo uma sacola plástica com coisas do supermercado e uma torta com o nome "Adocica" na embalagem.

Eu não sei nem passar um café para ajudá-lo, mas abro a geladeira e encontro suco de caixinha, ainda bem que eu sei despejar eles em um copo. Rio.

Dois copos de sucos, dois pratos.

E nada de Jandir.

Eu estou com fome, e vendo essa torta...

Nada.

Eu prometi que ia esperar.

A torta e eu entramos em uma luta travada, ela está me seduzindo a enfiar o dedo nesse mousse que cobre toda ela.

Uma tentação. E eu senti o mesmo quando vi a jiboia do Jandir querendo dar o bote..

— Demorei muito?

Finalmente ele apareceu na cozinha, eu fiquei tão distraída? Não ouvi o som dos seus passos descendo a escada.

— Ufa! — Me sento reta na cadeira — vamos comer.

— Sim.

Ele está cheirando a sabonete e os cabelos estão presos em um elástico, agora que vejo que seu cabelo tem uma aparência melhor que o meu. Meu Deus. Onde foi parar a minha vaidade... Esse lugar está me destruindo.

Eu corto um pedaço de torta e ele olha surpreso para a mesa montada.

— Foi o melhor que pude fazer — bato os cílios.

— Está ótimo, obrigado.

— Seu café da manhã costuma ser sempre farto...

— Não esquite com isso — ele também pega um pedaço da torta — foi tudo às pressas, mas não acho que isso seja saudável para você, por isso trouxe frutas também...

— Eu vi na geladeira, mas não quero, esse lugar está me deixando doente.

— Huh.

Essa minha afirmação o deixou magoado, ele é uma pessoa fácil de magoar? Ou isso é só comigo? Acho que ele está depositando muitas expectativas em "nós".

— E o que você faz Jandir? Não trabalha?

— Sabe essa mesa que você está debruçada? Esse chão polido que você está pisando? Esse teto bem-acabado que cobre sua cabeça? Esse é o meu trabalho.

— Só isso? — rio — estou brincando, mas tipo você sai por aí construindo casas?

— Não. Só a minha.

— E como ganha a vida?

— Eu não ganho a vida, a minha vida já está ganha e tudo o que faço é porque gosto e nisso somos parecidos.

Uau. Faria todo sentido para mim se ele fosse podre de rico, mas o que um homem podre de rico faria nas montanhas?

Não...Ele não é. Então como ele sobrevive e mantém essa vida?

Deve ser algum aposentado, sofreu um acidente de trabalho, bateu com a cabeça, virou lelé da cuca, ganhou a causa trabalhista e investiu dinheiro nessa casa. Agora vive por aí achando que é o Rei da selva e criou tara por sinais nos ombros das mulheres. Resolvi o caso. É isso. Só pode.

— Por que está me olhando assim?

— Nada não, Xuxu.

— Eu levei todo esse tempo construindo essa casa, quando me mudei demoli a anterior, e refiz tudo como eu queria, cada mínimo detalhe...

— Você fez isso tudo sozinho?

— Sim.

— Que trabalhadeira...

— Nem tanto.

Tá bom, nem tanto. Tô falando que ele é doido. Ou esse lugar deixou ele doido e deve estar acontecendo o mesmo comigo.

— Eu vou ao médico.

— Você já disse isso.

— Cada minuto que passa eu sinto que preciso ir ao médico.

— Nós vamos, Islay. Se acalme.

A fome passou e a preocupação não.

Meu coração voltou a bater forte de maneira insuportável.

Jandir me leva ao médico e fui atendida de imediato, para alguém que mora no meio das montanhas ele tem boas influências.

Não estou com anemia e não souberam explicar o motivo da menstruação descer sendo que eu disse que não fazia muito tempo que

suspendi. Eu pedi para suspenderem, mas não me deram novamente a injeção trimestral.

Fodida estou.

Nos exames não deu nenhuma anormalidade em meu coração, mas foi constatado que meu coração está realmente batendo de maneira anormal.

— Você vai usar esse aparelho por vinte e quatro horas, ok? — Diz uma mulher ao colocar o aparelho em meu peito.

Há vários fios ligados a uma única peça.

— Amanhã você volta aqui, ok?

— Sim.

Ao sair do consultório, encontro com Jandir do lado de fora e sinceramente estou com um pouco de raiva dele por não permitir suspender a minha menstruação. E isso me acompanhou o caminho todo.

E o meu coração continua *para lá de Bagdá*.

— Vamos conversar? — Ele começa.

— Sim. Precisamos conversar, Jandir.



CAPÍTULO QUATORZE

Demônios reais - Elie Anjo

— **Você não pode me proibir** de cuidar do meu corpo! — Islay berra ao chegar em casa.

— Não está cuidando, não está mais com anemia, o que você tem é outra coisa.

— Virou médico agora?

Impossível conversar com ela nesse estado, ainda mais usando esse aparelho que com certeza terá mais preocupações sobre sua saúde. Coisas desnecessárias, pois ela é saudável e o que está acontecendo com ela pode ser...

Acho que Islay está se transformando em minha fêmea, acho que a marca está querendo nascer nela. Eu posso estar exagerando, mas é isso que penso, acima de tudo é isso que eu desejo.

Mas eu não posso falar nada para ela. Além de não entender se ela vai

me odiar, eu desejei isso porque eu estou apaixonado por essa fêmea barulhenta e encenqueira, a partir do momento em que a marca aparecer a vida dela vai mudar completamente.

O seu corpo está reagindo a mim, sinto isso todas as vezes que estou ao lado dela.

Eu ainda não compartilhei isso com os meus irmãos, e nem vou. É um assunto meu. Vão achar que enlouqueci, mas não.

Eu sei que ela é minha fêmea.

E ela não tem problemas no coração, eu ouço as batidas aumentarem toda vez que ela está perto de mim, porém não posso falar isso e deixá-la constrangida, mas a ideia que Islay está desenvolvendo sentimentos por mim faz me deixa feliz.

— Agora virou médico...

Senta no sofá com a mão no peito e segurando o aparelho.

— Não. Eu sinto muito, me equivoquei, amanhã você vai lá e se quiser suspender a sua menstruação... faça isso.

Embora eu saiba que nenhuma medicação vai bloquear as transformações dela, a minha criatura mística está desesperada por ela e pelo visto quer que ela seja imortal e com um filho meu, mas eu tenho que me controlar e respeitar as escolhas dela.

Cruza os braços, desde de ontem a noite eu só foco no som do seu coração batendo forte por mim.

Mas por que a marca dela ainda não apareceu?

Eu a desejei, a quis acima de qualquer coisa, talvez isso tenha sido o primeiro passo, o segundo passo seja ela me querer.

Ela está lutando contra isso?

Eu não vou deixar e desistir dela.

Como fazer Islay me amar?

Eu quero que ela me ame. E se isso nunca acontecer? E se ela não quiser viver ao meu lado. Ela vai condenar nós dois a um destino de solidão.

— Eu vou preparar alguma coisa para comer, algo mais saudável do que o nosso café da manhã.

— Obrigado por pagar as contas no hospital — Islay está sentada no sofá e de braços cruzados assim como sua perna que balança de maneira inquieta. Ela está com raiva — mas eu quero devolver tudo, eu vou aceitar a proposta de cantar na boate.

— Se for para me devolver o valor não precisa...

— Precisa sim, olha só para hoje. Você já se acha dono de mim! — Foi assim que ela viu as coisas? Por Oric! Só estava tentando cuidar dela, evitando que faça coisas desnecessárias, mas é claro Jandir, como ela pode saber disso...— Eu sei muito bem como as coisas funcionam Jandir, eu não quero que seja assim com você — percebo os seus batimentos alterarem. Tadinha. A vejo segurar o peito — e tem essa droga de coração agora!

— Eu sinto muito.

— Para de falar isso! Achei que você era diferente, mas aí está você me ajudando e se achando no direito de controlar a minha vida!

Não quero ir atrás dela agora e piorar as coisas, ela está chateada e assustada com o que está acontecendo. Eu a entendo. Para uma humana ela precisa de uma explicação para seus batimentos estarem dessa forma, tão sem controle, e a única explicação é que ela está doente. Ela está com medo...

Fico na cozinha preparando o almoço ouvindo o som do seu coração se acalmar. Realmente o problema é eu estar por perto. Não sei se isso me deixa feliz ou triste.

Faço uma salada bem farta para ela, um frango grelhado, um arroz bem soltinho e grão de bico.

Um suco de maracujá.

Depois eu zapo até o corredor bato na porta avisando que o almoço está pronto, e digo que vou dar uma volta.

Ela vai se sentir melhor sem me ter por perto. Vou deixá-la comer em paz.

Zapo para o meu solitário tronco na floresta.

Agora que eu vejo...

Minha rotina é solitária, já não vejo as coisas como antes, essa mata não tem mais graça, nem os sons que elas produzem.

Gosto de ouvir as batidas do coração dela.

E tudo fica mais bonito com a sua voz doce. Ah, e o som da sua risada é algo que me acostumei. Somos diferentes, não a conheço tão bem, mas não posso evitar de estar tão apaixonado por ela.

Eu fico o restante do dia no meu tronco, espero anoitecer para me transformar, vou para minha caverna amolar minhas garras no teto dela.

Estou tentando relaxar.

Solto um bramido que ecoa no interior da caverna.

Ao retornar para minha casa vejo a silhueta de Islay pela janela, ela anda de um lado para o outro.

Mas o seu coração bate forte mesmo eu não estando por perto, entro de imediato na casa.

— Você está bem? — pergunto e a sua preocupação se transforma em alívio.

— Onde você estava? — Chora, e ver a digníssima Islay chorando me preocupa, o que me faz ir até ela e abraçá-la.

— O que aconteceu?

— Isso se chama TPM. Eu sinto muito por ter falado aquelas coisas.

Minhas mãos estão envolvidas em sua cintura é um alívio poder abraçá-la, ficamos em silêncio e percebo que as batidas estão voltando ao normal.

— Eu peço desculpas por mais cedo, queria te explicar mais coisas, mas tenho medo de perdê-la, mas entre perdê-la e ver você assim, eu preciso confessar Islay.

— Jandir...

— Eu estou apaixonado por você e isso desencadeou várias outras coisas, acho que é minha culpa por você está assim...

— Que tipo de coisas? — Se afasta de mim e sussurra: — Jandir, você fez alguma bruxaria?

— Eu apenas desejei que fosse minha garota.

Ela bufa e rir incrédula.

— E daí? Agora virou o Mestre dos magos? Anda praticando sua magia

em mim? Você é tão fofo, eu só estou doente.

— Você sabe que não...

— Melhor ir dormir um pouco.

— Tudo bem.

Não posso continuar insistindo.

Eu vou me deitar tarde da noite e sei que Islay ainda não dormiu, mas se recusa a sair do quarto. Me deito na minha cama e me controlo para não ouvir o que está acontecendo no quarto ao lado, consigo cochilar por pouco tempo até ouvir o som do trinco da minha porta e sentir o cheiro dela.

— Jandir?

— Oi, aconteceu alguma coisa?

Ela se aproxima mais da cama, essa fêmea quer me enlouquecer vestida assim, um shortinho que mais se parece às minhas cuecas e uma blusa que só cobre os seios.

— Nã... quer dizer sim, eu não consigo dormir, eu posso dormir aqui? Ou você pode dormir lá comigo como da última vez?

— Pode deitar aqui — bato no lado vazio do colchão...

Eu tento não olhar tanto para sua bunda redonda enquanto se ajeita no colchão suspiro, desvio os meus pensamentos, mas não adianta muito, pois estou ficando excitado.

— Eu não vou poder beijar você se eu quiser, certo ? — Ela pergunta, e que conversa é essa agora? — Tipo, já que você disse que gosta de mim isso seria errado, eu vou acabar magoando você.

— Você quer me beijar?

Ela é uma garota dura na queda, ela sente atração por mim, mas acho que é tudo o que ela vai poder sentir, já que seu amor ao dinheiro deixa ela cega para o restante das coisas.

— Sim.

— Islay, está difícil entender você.

Ela se ajoelha na cama e fica me encarando, seu aparelho está preso na sua blusa.

— Tem razão, não é uma boa ideia.

— É uma boa ideia porque eu vou adorar te beijar, mas não sei se vou conseguir ficar só nisso...

Ela morde o lábio.

— Podemos tentar, sabe...

— Eu aceito seu beijo se me dizer o motivo de querer fazer isso. Você se sente atraída por mim?

— Acho que mudei de ideia...

— Mas eu não.

Antes que ela realmente mude de ideia, eu a beijo, gosto do formato da sua boca e do sabor dela. Carrego seu corpo pequeno para cima do meu e nos aprofundamos no beijo. Eu ouço o coração dela bater tão forte e isso me deixa fora do controle, eu quero poder dizer para ela que o meu também bate tão forte quanto o dela, isso porque eu gosto dessa pequena indecisa, teimosa e diabólica, mas ela só deixou um espaço pequeno para mim no coração dela. Sou ciumento e espaçoso.

Quero Islay só para mim.

O calor do seu corpo sobre o meu é perfeito, tento tocar nos lugares mais adequados, sua cintura e sua nuca, sua pele é tão macia, minhas mãos simplesmente derrapam em suas curvas. Curvas maravilhosas, por sinal, para mim ela é perfeita. Amo a cor morena da sua pele e a cor castanha com tons esverdeados dos seus olhos. Ela é como uma deusa com várias faces.

— Linda... — Mordisco seus lábios sem exceder, pois o meu pau está agitado entre minhas pernas — vamos parar...

— Só mais um pouco.

Ela toca em meu rosto e partiu dela me beijar dessa vez, eu retribuo com toda a minha fome, não consigo controlar a minha mão que desce até sua bunda apalpo e solto um murmuro. Nosso beijo passa para algo mais voraz, acho que ela também perdeu o controle, nos reviramos na cama com a nossa boca grudada uma na outra, com a nossa língua faminta duelando e se saciando.

— Jandir...

Pronuncia meu nome com a voz meiga e isso é o meu fim. Amparo seu corpo no meu a deixando novamente por cima.

— Vamos parar. — Acaricio seu rosto, faz tempo que não faço sexo e estou subindo pelas paredes — você sabe que vou ficar aqui esperando você tomar a sua decisão — beijo seu queixo.

— Ok, vamos dormir.

Gentilmente guio seu corpo para ficar ao lado do meu, cubro com o edredom achando a noite muito fria.

Ela dorme mais tranquila, diferente de mim que tive que ir ao banheiro me aliviar. *Ah, essa garota...*



CAPÍTULO QUINZE

D e m ô n i o s r e a i s - E l i e A n j o

Trouxe Islay para a clínica. Aguardo ela do lado de fora e quando sai não usa mais aquele aparelho.

— E então? — pergunto.

Ela está pálida e desnorteadada.

— Aquilo que aconteceu ontem nunca mais pode acontecer — diz simplesmente.

— Não deu nada nos seus exames, certo?

— Você já sabia, não é?

— E você também, só que quer continuar negando que sente algo por mim.

Abro a porta para ela entrar no carro, no entanto, não entra.

— Acontece Jandir que não quero isso. Eu não posso viver assim...

— Assim como? Como uma pessoa normal? Ah, sim com um caro pobre...

Percebo que ela está chorando novamente e isso não tem a ver com o fato que está menstruada

— Eu não posso, minha vida e meu lugar não é nas montanhas fazendo piquenique com a Lucy.

— A Lucy saiu de férias, Islay...

— E estamos conversando sobre as férias de uma cobra. — Eu queria poder dizer para ela que eu posso dar tudo o que ela deseja, que dinheiro é o que não me falta, mas ao contrário dela não é o dinheiro que me satisfaz — esses dias que passei na sua casa me fez perceber que eu não nasci para isso, eu quero a minha vida de volta.

Não é como se nesse momento eu fosse o cara pobretão, se ela não percebeu nada falta naquela casa, comida e conforto não é o suficiente...

Tenho que pedir ajuda aos meus irmãos, as fêmeas deles têm de tudo não é que eu não queira que a minha não tenha. Quero dar tudo o que ela quiser, absolutamente tudo, mas...

Não assim. Não desse jeito.

Não até eu ter certeza que ela me ama mais do que ama o dinheiro.

— Meu lugar não é aqui, eu vou partir assim que possível. Eu não quero sonhar pequeno.

— Se ter sentimentos por mim é sonhar pequeno que seja, se a ideia de conviver comigo é sonhar pequeno que seja — paro na sinaleira. Estou com o carro que peguei emprestado do Ructon, — mas eu não quero que vá embora, me escute bem Islay: não vou mais insistir, continue com seus planos para enriquecer e eu não vou interferir, apenas assistir.

— Eu sinto muito, eu realmente odeio o fato que estou machucando você. Você também me assusta...

— Como assim?

— Por trás de tanta perfeição pode ter uma grande decepção. Geralmente pessoas aparentemente perfeitas são as que mais guardam segredos.

E eu não tiro a razão dela.

Eu estou mentindo para ela.

Não vou mais atrapalhar seus planos, mas não posso deixá-la solta no mundo com a dúvida de que ela pode ser a minha fêmea. Se isso for mesmo verdade, não importa o quanto ela tente sempre vai acabar voltando para mim da mesma forma que sempre vou estar aqui por ela.

Pesquisei sobre o Mestre dos Magos e ele disse: algumas vezes o melhor jeito de convencer alguém que está errado é deixá-lo seguir o seu caminho.

Algo me diz que em breve ela vai mudar de ideia sobre tudo, então deixa as coisas acontecerem, ela ainda está se iludindo sobre o significado da vida e do amor.

— Eu vou falar com o cara da boate sobre cantar lá, eu tenho um plano e acho que vai funcionar.

— Te desejo sorte — estou sendo sincero, sou incapaz de desejar que ela tenha seus sonhos frustrados.

Apenas zapo para o meu tronco na floresta, onde tudo começou. Parece que voltei à estaca zero.

Não posso nem usufruir da companhia da minha família. Sinto falta deles, espero que em breve consiga visitá-los.

Eu foco na minha rotina e às vezes a ouço ensaiar em seu quarto e em qualquer lugar que eu ande pelas redondezas a sua voz me acompanha, a minha casa precisa de alguns reparos, a pia está entupida e preciso trocar o telhado da varanda.

Hoje, eu acordo cedo para ir na cidade comprar alguns materiais e aproveitar para pegar a minha picape na oficina, Islay saiu mais cedo em uma moto táxi.

Eu zapo na loja da Grace e como não há ninguém no balcão eu aguardo ela sair da cozinha apenas para dar um olá.

Minha cunhada está com o seu sorriso radiante, em seguida Raony sai da cozinha também, então entendo o motivo da sua alegria. Bom ver como meus irmãos cresceram e se tornaram o que são hoje, tanto o Raony como o Marlon eram dois encenqueiros e agora são pais de família assim como meu

irmão mais velho.

— Bom dia — digo.

— Bom dia Jandir! — Grace vem até mim e me dá um abraço.

— Como vai a Mag e o Gael?

Cumprimento o meu irmão com um olhar, em seguida ele zapa.

— Gael está cuidando da irmã, hoje ele não foi ao colégio. E você? Como anda as coisas com a garota? — Todo mundo sabe que pedi um tempo para eles — ela é sua fêmea mesmo?

— Ainda não tenho como comprovar, mas ela não tem a marca, mas quanto mais tempo eu passo com ela mais certeza eu tenho que ela é minha fêmea.

— Eu acredito em você e nós estamos na torcida para que ela seja.

— Obrigado, manda um abraço para o Gael e espero em breve ver minha sobrinha de novo — me despeço dela.

Quase sempre uso a loja da Grace como ponto para zapar, pego a minha picape preta e passo na loja de material de construção, compro o que eu preciso e organizo dentro dela.

Hoje a cidade está movimentada, pois está havendo um comício frente à prefeitura que não passa de um prédio pequeno e menor que a boate do meu irmão.

E agora tem a construção da cidade, os prédios são gigantes, Rudá não brincou quando disse que seria mais bonita que Dubai.

Um homem mais velho fica frente ao palanque e toma o microfone e do lado eu reconheço o desgraçado do Enrico, sua mulher está sorrindo com o braço apoiado em seus ombros.

Clicks e mais *clicks*, fotos são tiradas para o jornal local, há uma aglomeração frente ao palanque, promessas e mais promessas e tenho certeza que ele não irá cumprir nenhuma delas.

Não gosto de política.

Unf.

Deixo de lado essa bagunça, minha montanha é mais interessante que isso aqui. Espero o candidato terminar a sua última fala, porém ele é

impedido com alguma coisa que é arremessada em sua cara. Um tomate bem maduro está esparramado na cara do candidato.

E a minha fêmea encenqueira está segurando uma sacola de supermercado no meio da multidão, ouço a gargalhada familiar do Ructon mais adiante e eu nem tinha percebido que ele estava no comício — claro, pois onde tem um furdunço, Ructon está no meio.

Alguns riem enquanto o candidato se limpa do tomate.

Clic, clic, clic...

Todos tiram fotos da Islay.

Que agora com certeza virou celebridade na pequena cidade de Santa Maria.

Os seguranças avançam na multidão para impedir Islay de continuar a lançar os tomates, mas a pequena usa suas pernas para correr e continuar com seu massacre de tomate.

Por Oric!

Eu nunca sei o que se passa na cabeça dela.

Ando até Ructon com a mão na cabeça.

— Ructon — chamo por ele, mas ele me ignora, está entretido com a algazarra formada.

— Eu também quero tomates! — Ructon grita — oi Jandir, sua querida está arrasando, mas acho melhor você pegar antes que ela vá parar atrás das grades de novo e eu serei obrigado a defender o tomate, coitado, ele não merecia ser esmagado na cara daquele cara.

Continua rindo.

— É sério, ligue o carro que vou pegar Islay — lanço a chave para ele.

Corro até um grupo de seguranças que cerca a pequena, acho que ela conseguiu se livrar de todos os tomates restando apenas sua sacola plástica e o sorriso de satisfação.

— Deixem ela comigo rapazes — digo para os seguranças — não se preocupem

— Leve ela daqui! — Um deles fala.

Seguro a sua cintura e a guio para longe da multidão.

— Sua mente insana não pensa em outra coisa além de arrumar confusão?

— Eu não sei do que está falando — diz com cinismo e pisca para mim — eu passei na boate mais cedo e consegui o emprego e não resisti quando vi o comício, por sorte tinha tomates maduros no mercado.

Levo-a até o carro Ructon ainda está frente a ele, me devolve as chaves e diz:

— Bate aqui!

Ambos se cumprimentam batendo as mãos.

— E aí, meu advogado.

— Sinto muito querida, mas sou advogado de família, meus serviços são caros — olho para ele e o repreendo — ah, desculpa tinha esquecido estamos de segredinhos, mas o meu voto está definido, eu voto no tomate. Vou até pedir para fazer algumas camisas.

Eu dou uma risada grossa com o que Ructon disse, desde que essa garota chegou na minha vida, ela não é mais a mesma, não sei que é ter sossego.

— Não há ninguém para competir com esse mentiroso — fala Islay revoltada — eu estava pensando, eu vou me candidatar a prefeita.

— Danou-se — diz Ructon.

É claro que ela está brincando, sua carinha traquina denuncia isso.

— Sim, pois imagina a campanha "votem na digníssima Islay"...

Ructon ri.

— Votem, votem, além de digníssima ela sabe lançar um tomate!

— Mas estou falando sério... — Islay cruza os braços e finge estar inconformada.

Abro a porta do carro para ela entrar, porém uma mulher com a farda do supermercado vem correndo em nossa direção. Islay disfarça e cobre o rosto com as mãos.

— Merda. Eu não paguei pelos tomates, só saí correndo do

supermercado.

Ructon não para com a sua risada descontrolada.

— Ructon paga pelos tomates. Vamos linda, chega de bagunça por hoje.

Pego as chaves na mão do Ructon.

— Essa garota é mais perdida que minha vida sexual. Adoro. Sério Jandir, se você não casar com ela, eu caso, por seis meses depois peço o divórcio.

Ructon vai se encontrar com a mulher do supermercado que nos observa à distância. Ela está tímida em cobrar pelo dinheiro do tomate.

Depois Ructon se mistura com os eleitores.

Se eu conheço o Ructon, ele não vai deixar esse assunto morrer tão cedo. Ele vai ficar com o celular na mão espalhando a notícia e se vangloriando por ver a cena ao vivo e a cores.

Ructon é fofoqueiro demais.

Eu rio.

— E como foi com a sua contratação? — pergunto já distante do barulho.

O meu carro está um pouco pesado por causa dos materiais e os quebramolas dessa cidade não perdoam, são muito altos.

— Melhor impossível. E é um gato o dono da boate e nem acredito que me tratou tão bem — meu irmão mais novo... — Você conhece ele? Ah, sim seu amigo, certo?

Vou acabar ficando com ciúmes desse jeito.

— Quando vai começar?

— Domingo! Vou voltar a ensaiar, quero que seja um arraso! Tem muitas coisas que preciso fazer, preciso me encontrar com Pedro, merda....

— O que foi?

Ela faz uma carinha de desgosto.

— Esses dias que estive nas montanhas esqueci até do meu plano de vingança, estou mais focada em ficar rica...

— Eu sinceramente prefiro que você foque na segunda parte, garota.

— Claro, espero que essa carreira musical me dê uma graninha.

Pisco para ela e estou feliz por estar empolgada, ela ainda não percebeu que também está empolgada com o fato que vai começar a cantar, pois seus ensaios se tornaram mais frequentes e se seguiu até o dia da sua primeira apresentação.



CAPÍTULO DEZESSEIS

D e m ô n i o s r e a i s - E l i e A n j o

Votem no tomate!

É o que se espalha pela cidade, filmaram a cena e o vídeo *viralizou* na internet. Islay disse que virou *Meme*, basta ela sair nas ruas que alguém fala com ela, suas fotos com a sacola de tomates estão espalhadas pela cidade e saiu no jornal e até mesmo tem um outdoor.

O que me deixou chocado foi ver uma pintura que fizeram em um dos muros da prefeitura. Pintura não. Pichação! Embora eu goste mais de como a parede está agora me falaram que pintar no muro da prefeitura é coisa de vandalismo. Pronto. Agora a minha garota é a musa dos vândalos.

Ela é popular. Ela me disse que isso se chama engajamento e mesmo sendo algo negativo tem que ser algo que chame atenção.

Que a faça ficar na mente das pessoas de alguma forma. Ou até mesmo seja, compartilhado e comentado. Islay fez um discurso para mim sobre isso e

ela parece entender do assunto.

— Senta aqui e tome café antes de qualquer coisa — ela está ansiosa com a apresentação de hoje à noite, por isso preparei um banquete no café da manhã.

— Eu estou nervosa, sou famosa mesmo antes de mostrar o meu talento.

— Lançar tomates também é um talento.

— Engraçadinho...

Ela está linda como em todas as manhãs.

— Você vai hoje à noite, certo?

— Eu não perderei por nada — respondo com determinação.

Eu também convidei a minha família para ir e eles gostaram do convite, apenas Gael não gostou, pois ele que vai ficar responsável para cuidar dos primos mais novos enquanto os pais se divertem.

Eu fiz isso porque quero que conheçam a Islay. Entretanto, eu disse para eles continuarem a me tratar como estranho.

Islay chega à boate como uma estrela e a quantidade de pessoas esperando-a é maior do que imaginava. Sem contar que ela está deslumbrante usando um vestido preto, deixa muita coisa aparente, porém eu não serei hipócrita em não achar que está perfeito nela.

Eu carrego a bolsa enorme que ela trouxe, me pergunto o que tem aqui. Espero que não sejam mais tomates.

— Veja Jandir, meus fãs! Eu sou a primeira celebridade dessa cidade, aposto!

Ela acena para eles, me coloco em sua frente fazendo um bloqueio até chegar na boate, pois alguns exageram na dose de euforia e tentam tocar onde não devem, Islay também tira fotos com eles.

A boate do Raony está lotada. Minha família reservou uma parte das mesas para eles. Não fico perto deles, sorrio e aceno para eles.

Há muita gente em pé, o palco ainda está com as luzes apagadas e acompanho Islay até o camarim.

Como ela pode virar celebridade de um dia para o outro?

Realmente os tempos mudaram. E eu preciso acompanhar se eu quero ficar com ela.

Quando as luzes no palco se acendem percebo que ela mudou de roupas, explicado a bolsa enorme que ela trouxe.

Agora ela usa um vestido vermelho, e adivinha?

Numa mão segura um microfone e na outra um tomate.

Seus cabelos estão mais ondulados e volumosos deixam seu rostinho de boneca não tão escondidos. Ela está linda. Como uma deusa.

— Quero falar algo para vocês, e quem disse foi a rainha Odetta Holmes que admiro muito — Islay diz e o ambiente se torna silencioso — nosso maior medo não é o sermos inadequados, nosso medo mais profundo é descobrir que somos muito mais poderosos do que pensamos. É nossa luz e nossas trevas aquilo o que mais nos assusta. Vivemos nos perguntando: quem eu penso que sou para ser brilhante, lindo, talentoso, fabuloso? Na verdade, quem você pensa que é para não ser tudo isso?

Parece que vou entrar em colapso ao ouvir sua linda voz mencionar isso, aplaudir agora parece ser inevitável, mas não consigo fazer isso, acho que ninguém, não até ela terminar de dizer. Sua pausa é seguida por um longo suspiro, ela rodeia o palco e continua:

— Esconder seus talentos não vai ajudar em nada. Não existe iluminação alguma em se diminuir apenas para que os outros não se sintam seguros ao nosso lado... Quando deixamos a nossa luz brilhar, inconscientemente, damos permissão para que outras pessoas façam o mesmo! Quando nos libertamos do nosso medo, nossa presença automaticamente liberta os outros! — Ela levanta o tomate — essas palavras não são minhas, como eu disse, é de Odetta Holmes e eu gravei durante a semana para mencionar aqui. Porque agora que cheguei a esse palco, vou deixar a minha luz brilhar!

Islay joga o tomate para um dos seus fãs no palco e uma onda de aplausos e gritaria começa quando ela termina de falar.

— Vamos dominar o mundo! — Um cara da plateia grita e percebo que é Ructon.

Então ela começa a cantar:

Esta minha pequena Luz

Eu vou deixar brilhar...

E como a maioria conhece a música cantam com ela, depois ela faz uma transição para:

Brilhe intensamente como um diamante

Da Rihanna.

Eu sei, pois ela me disse o que ia cantar e também ouvi ela ensaiando, mas o discurso foi uma grande surpresa, não a ouvir ensaiar embora ela tenha tomado banho no rio como mais frequência durante a semana, acho que ela ensaiou por lá. Eu estou orgulhoso dela. E me apaixonando cada vez mais.

Ela tem ideia de quando é muito mais do que demonstra ser?

Acho que sim.

Mas ela não faz o tipo que faz as coisas para agradar, ela é espontânea e errei se em algum momento eu a subestimei, porque Islay é especial. Ela não tem medo de mostrar quem é, ela é a mulher mais confiante que já conheci, seguindo o discurso que ela fez: ela não tem medo de ser inadequada. Ela não tem medo de viver conforme as suas regras. Ela não tem medo de viver.

Ela é a minha estrela em ascensão.

Na verdade, ela já brilha, não só brilha, mas a sua luminosidade produz luz para o meu universo.

Eu estou caído de amores. Apaixonado. Não sei como vou me manter perto dela sem demonstrar meus sentimentos.

Depois do Show eu a levo de volta para casa. Nunca tive uma noite tão divertida na minha vida, nunca imaginei que aquela boate seria algo tão divertido, ouvir Islay cantar e dar atenção ao seu público foi algo que eu gostei de presenciar.

Fiz até alguns amigos na plateia, nunca mais tinha conversado com outros demônios ou outras pessoas. Eles me deram seus números e pediram para eu ligar e marcar algum programa, um deles me convidou para um churrasco. Enquanto ela cantava, eu ouvia histórias entre eles e o que eles fazem para se divertirem.

Também recebi um convite para participar de um clube de motoqueiro. Muita coisa aconteceu em uma noite. Raony tinha razão, eu não estava vivendo, estava vegetando. Estava me isolando e chateado por não ter a minha garota e agora que a minha garota está aqui, ela me trouxe tudo isso, trouxe uma vida que eu posso me acostumar.

Eu estou adorando experimentar coisas novas.

— Você está muito caladinho, Jandir. Não gostou do show?

— Você estava perfeita.

Já estamos em casa e fecho a porta atrás de nós, ela se joga no sofá e eu coloco sua bolsa ao lado dela. Islay se dedica em tirar seus saltos altos.

— Eu tenho muitos seguidores nas redes sociais e depois de hoje terei mais — ela adota um sorriso diferente, mais convencido — tudo está saindo como planejei.

Meu Oric. Claro, ela não desistiu da sua vingança.

— O que pretende Islay?

— Eu já estou conseguindo, não vê? — Prendo os cabelos com um elástico — o apoio da população é muito importante para derrubar um candidato, não preciso me candidatar, basta eu, a celebridade, apoiar outro candidato qualquer e aquele merdinha do Enrico vai se arrombar.

— É um bom plano. Mas quem você vai apoiar?

— Quem me der mais dinheiro para apoiá-lo, claro, nada é de graça, Jandir. Aprenda isso. — Ela gesticula com o dedinho apontado para mim.

Jogo a cabeça para trás e rio.

— Você me surpreende com sua astúcia, garota má. Eu sou a favor de você apoiar um bom candidato.

— Farei isso e espero que esse bom candidato me pague bem também.

Novamente dou risada.

Parece que me embriaguei, e nem toquei em uma bebida.

Ela arranha a garganta e me encara mais séria, segura o peito e empalidece. Ouço o coração dela bater mais forte. Por Oric. Quero ir até ela e beijá-la, não apenas isso, mas quero levar Islay até o meu quarto e virar a noite fazendo amor com ela.

— Você está muito charmoso nesse terno.

— Ah, você reparou...

— Eu não sou cega...

Rio e ela também. Estou feliz por causar essas reações nela, mas o engraçado é ela não admitir isso. Islay não vai admitir que está interessada em mim.

— Você ficou bêbado?

Embriagado de felicidade e de amor também.

Ela se levanta pronta para me deixar na sala sozinho, mas eu sou mais rápido em me levantar e segui-la, quase esqueço e zapo na frente dela.

— Boa noite — digo e pisco para ela.

Ela vai para o seu quarto resmungando e rindo.

Tomo um banho e visto um calção para dormir. Livre de cueca, eu nem perguntei se ela estava com fome, mas eu deixei comida na geladeira, numa marmitta e basta ela esquentar no micro-ondas.

Os batimentos cardíacos de Islay não voltam ao normal e eu quero ir até ela. Será que ela vem até mim como naquela noite?

Eu adormeço.



CAPÍTULO DEZESSETE

Demônios reais - Elie Anjo

Quando acordo encontro apenas um bilhete na mesa da cozinha:

"Vou tratar de alguns negócios na cidade. Você bem que poderia ter um celular, ein?"

Posso até imaginar o que seja; aposto que ela foi atrás de algum candidato para apoiar. Me apronto para sair também.

Eu zapo para a loja da Grace, mas eu não falo com ela. Vou até uma loja e compro um celular com tudo o que tem direito. Eu tinha um, mas por falta de uso não lembro onde o deixei.

Acho que é a melhor forma de falar com ela quando não estiver por perto.

Zapo de volta para casa e fico na garagem terminando de fazer um armário, para guardar algumas ferramentas.

Está muito quente e geralmente eu não uso camisa quando faço esse trabalho. É o caso de agora.

E também um empresário de lojas de móveis estava no show, ele é fã da Islay e enquanto ela cantava o peguei dizendo: *garota quente e maligna. Faz o meu tipo.*

Não vou mentir, eu me aproximei dele depois de ouvir seu comentário. Eu ia dar uma bronca nele. Mas depois ele pediu desculpa e não sabia que ela era a minha garota.

Seu nome é Kemuel, e é o líder do clube de motoqueiros, conversamos e ele me pediu alguns móveis. Eu nunca parei para conversar com ele, acho que vou convidá-lo para passar o natal conosco.

Quando fui à cidade mais cedo deixei meu novo número com o Kemuel e logo ele tratou de me ensinar a mexer em meu aparelho. Agora tenho um amigo e ele me colocou no grupo onde posso conversar com boa parte dos demônios que conheci ontem.

Por volta do meio dia termino o serviço e vou preparar alguma coisa para comer: faço uma salada vinagrete e feijão tropeiro, com tudo o que eu gosto dentro, também faço um arroz bem solto e suco de maracujá.

Tomo um banho e deixo a comida na panela esfriando. E antes mesmo de sair do banheiro ouço um carro estacionar em frente à casa, e o cheiro de Islay atravessa o meu nariz. Me apresso em me enxugar, uso o secador para secar o cabelo.

Visto uma calça Jeans e camiseta, desço para vê-la. Ela nem me nota, pois está distraída com o celular, está encostada no balcão e com um copo vazio ao seu lado.

— Alguém mandou uma mensagem para o seu celular, você disse que não tinha celular.

— Agora tenho. Quer meu número?

— Não...

— Sei que quer... — Pego meu celular — anota aí, linda.

Ela ri.

— Conseguir um candidato, comecei a divulgar ele nas minhas redes

sociais e o povo está atrás de mim.

— Hun... — Pego os nossos pratos e começo a montar a mesa.

Ela me olha com um biquinho, coloca a mão na cintura e diz:

— O que quer dizer com esse: hun? Eu conheço você o suficiente para saber que aí tem coisa.

— Ah, você me conhece — ela é tão fofa — então deve saber que eu sou um cara justo.

— E...?

— E... — imito-a.

Prendo os cabelos antes de distribuir a comida nas cubas de porcelana... Droga. Eu não me livrei da minha prataria. Porque tudo na minha cozinha é caro, relíquias, meu jogo de talheres é de prata.

Ela abriu o armário?

Me viro para ela um pouco assombrado, como fui idiota e descuidado. Ela pode suspeitar que tenho dinheiro. Mas pela sua reação, ela não suspeitou de nada.

Claro né Jandir, são apenas talheres e utensílios domésticos. A única coisa que ostento. Que garota vai reparar nisso? Não uma garota como Islay.

— Jandir?

— Ah, desculpa, linda.

Limpo a garganta. Por Oric. Se ela soubesse que fiquei desesperado com medo dela descobrir isso.

— O que ia dizer? Surtou do nada? Tá me escondendo alguma coisa, Jandir?

Em cima da mesa tem peças do meu conjunto de porcelana. É azul e branco, uma belezura. Esse aqui eu paguei quase vinte mil reais. E não é de longe o mais caro que tenho, pois tem coisas que acumulo e foi feito por pessoas que nem estão mais vivas. Ructon disse que sou louco.

Mas veja bem...

Sou admirador da arte do porcelanato e do Cristal. E sim, eu comprei tudo do mais caro para essa cozinha.

Ela não reparou em nenhum momento?

— O que quero dizer ... — Limpo garganta, engulo em seco e me aproximo dela, seguro seus ombros e a obrigo a me dar atenção, ela fica surpresa, também ouço o coração dela acelerar. Eu estou me sentindo uma pessoa má em usar a atração dela para desviar o seu foco — preste atenção, a questão não é você apoiar um candidato, mas quem você vai apoiar. Pesquisou os projetos dele?

— Não é tudo a mesma bosta? Mentiras e mentiras — dá de ombros.

— Isso, mas pelo menos pesquise para apoiar o menos bosta.

— Ah, droga eu esqueci... Eu vou fazer isso agorinha.

Ela pega o aparelho e passa a dar atenção a ele.

— Eu vou tomar um banho.

— Tudo bem.

— Ah, e... — Ela encara a mesa. Eu gelo. — Um dia desses eu quebrei um dos pratos desse conjunto, não deu por falta? Sinto muito.

Ufa. Por um momento achei que ela sabia.

— Tudo bem, querida. Isso pode ser substituído.

Quando ela sai me apresso em tirar o meu conjunto de porcelana da mesa. Eu realmente espero que ela não tenha percebido

Infelizmente não pude fazer o mesmo com os talheres, pois eu só tenho de prata.

Quando tudo está finalmente nos conformes; e isso quer dizer que a mesa está pronta para o nosso almoço... A ouço gritar:

— Estou sendo atacada!

Não penso duas vezes em zapar até frente ao seu quarto, abro a porta e me deparo com Islay usando apenas sua roupa de baixo, não há ninguém no quarto.

— Por Oric!

— Quem é esse?

Viro a cara de imediato ao me deparar com a sua nudez.

— Primeiro de tudo se vista.

Não acho que seja algo grave.

— Estou sendo atacada por haters, porque eu estou apoiando um candidato homofóbico, eu não sou homofóbica e não sabia que aquele traste era — ela tem a carinha mais triste que eu já vi, nunca vi Islay com essa carinha tão triste.

Senta na cama com o semblante abatido e parece não acreditar no que está acontecendo.

— Vai ficar tudo bem, linda — pego o seu lençol na cama e a cubro — não tem como apagar?

— Tem mais o estrago já foi feito. Ah, como sou burra, Jandir — começa a se lamentar.

— Não é, por isso tenho certeza que vai conseguir sair dessa, errar é humano. Esclareça isso para seus fãs.

— Será que vão entender? Eu não tenho nada contra a orientação sexual das pessoas...

— Então diz que não sabia, que errou em não pesquisar sobre o candidato.

— É... tem razão. Ainda há esperança, farei um vídeo, primeiro vou apagar todas essas malditas publicações.

— Sim, e desce para almoçar — beijo a sua bochecha.

— Sim.

Ela foca no seu celular, eu fico esperando por Islay um bom tempo e a comida esfriou mais do que devia. Fico olhando para a prataria na mesa...

É... eu preciso comprar talheres normais.

Mas para comer a minha comida tem que ter bons talheres.

Eu não passo um bom tempo caprichando na cozinha para servir de qualquer jeito...

É um processo e até mesmo a Aurora pediu para Dandara comprar talheres de prata e pratos como pintura bonita como os meus.

Quando Islay finalmente dá as caras, a comida está morna, mas comemos tranquilamente.

Islay é gentil em elogiar a comida, às vezes me pego admirando ela comer com gosto.

Tão diferente de quando chegou aqui.

Será que ela não percebe?

Mesmo pedindo para ela deixar o celular de lado, ela não deixa.

Também me convence a ir até a cidade com ela, quando pergunto o motivo ela não diz, mas a levo no meu carro.

A sigo pela cidade até chegarmos em uma rua, que é considerada a rua das pessoas com condições na pequena cidade.

Islay tira um envelope da sua bolsa e diz:

— Jandir, quero que faça algo por mim. Quero que segure o meu celular, porque eu quero filmar o que vou fazer.

— E o que você vai fazer? — Meus pelos ficam eriçados, na verdade, temo pela resposta.

— Nada demais, confiem em mim.

— Islay...

— Tá bom, o que você quer em troca?

Ela me deu direito de pedir algo em troca? Isso é interessante...

— Quero que saia comigo em um encontro.

Ela inclina a cabeça e coloca o dedo indicador no canto da boca, demora demais para dar a resposta. Ela pode até tentar me enganar que não está a fim, mas seu coração acelerado não mente.

— Tá bem — liga o seu celular e me entrega e então percebo que está ao vivo em uma rede social. — Oi, pessoal esse é Jandir — Tiro o celular da minha cara e miro nela — Eu estou aqui frente à casa do candidato que eu "apoiei" por algumas horas antes de saber que ele era homofóbico, estou segurando o contrato que ainda não havia assinado — ela mostra o papel para a câmera — viram?

— Acabou? — pergunto.

Nisso o portão da casa é aberto e o candidato se mostra, como está com o celular na mão imagino que esteja vendo a si mesmo ao vivo e a cores

através da tela.

— O que pensa que está fazendo, garota?

Islay rasga o papel na sua frente e joga no chão.

— É para filmar isso, Jandir.

— Você é muito barraqueira — falo esquecendo que todos podem me ouvir.

— E não acabou, eu trouxe um presente para você! — Ela tira algo do bolso do moletom, já posso imaginar o que seja, um tomate, arremessa rapidamente na camisa branca do candidato — corre! E dessa vez eu não roubei o tomate, peguei ele da sua geladeira.

— Eu acabei de participar de um ato de vandalismo! — falo alto — pegou um tomate na minha geladeira?

— Se for te confortar... o tomate estava meio podre. E isso São práticas saudáveis de rebelião. Nunca participou de uma?

— Não, eu...

Antes de dizer alguma coisa ela tira o celular da minha mão e encerra a chamada, eu fico parado no meio da rua, sem reação.

Meu Deus.

Meus irmãos viram isso.

Todo mundo viu isso!

— O que foi Jandir? Só corre!

Islay volta correndo e segura a minha mão, estou me permitindo ser guiado por ela e corremos pela cidade de volta até onde estacionei o carro. O carro está no estacionamento do supermercado. Ao entrar no carro, sinto meu peito acelerar movido pela adrenalina e o que essa garota causa em mim.

Ela está tendo uma crise de riso ao meu lado, passo a mão na cabeça.

— Viu a cara dele? A melhor.

Ligo o carro e a levo para longe, estaciono no meio da estrada rural.

— Eu acho que sou vândalo, acho que já pratiquei vandalismo.

— Qual?

— Mijei nas portas dos meus vizinhos para marcar território.

Ela gargalha, sua risada é tão gostosa que contagia. Amo as covinhas nas suas bochechas e os olhos lacrimejando.

— Adorei, preciso aderir. Por favor, pare em alguma casa no meio do caminho para eu marcar território também.

Volta a gargalhar.

Ela repousa a cabeça no banco do carro e eu também, ficamos rindo por um tempo. Depois o silêncio se estende e ficamos assim, encarando um ao outro.

— Nunca fui numa praia de nudismo como você, mas adoro tomar banho pelado no rio ou em uma praia deserta.

— Eu sabia, seu comportamento taradinho te denuncia.

— Talvez eu seja um tarado também.

— E agora virei seu confessor, vamos lá, coloque tudo para fora — rimos — mas por que você é um tarado?

— Daquela vez você me perguntou se andasse pelada pela floresta se eu a impediria, naquele momento eu queria dizer não. E desde que falou aquilo não consigo parar de projetar essa imagem na minha cabeça.

— Eu fico pelada na floresta...se um dia você for na praia de nudismo comigo.

Rio.

— Só se estiver deserta — seguro a sua mão e ela acompanha o que eu faço e não se afasta — tem outra coisa também.

— O quê?

— Eu também sou um cara mau — ela ficou mais séria, não levou o que eu disse na brincadeira, então continuo: — diferente de você que não teve coragem de machucar uma pessoa, no passado eu machuquei muitas, algumas delas morreram...

— Mas você se arrepende?

— Sim, e não consigo me perdoar também.

— Você não é má, Jandir, você só tem falha de caráter — repete as minhas palavras. Ela é adorável — você errou, todas as pessoas cometem erros, sou a última pessoa no mundo que vai te julgar.

— Eu sei, por isso te contei. Por isso sinto que posso compartilhar as coisas com você, algumas pessoas só enxergam apenas um cara simples e bom, é aquilo que eu deixo sobressair, mas não é bem assim...

— Entendo. As pessoas só enxergam meu lado ruim, é aquilo que eu deixo evidente também. Eu gostei de saber sobre você, é a prova que temos os dois lados. Como Yin- yang.

Ela estende o pulso e mostra a tatuagem nele. O símbolo do Yin-yang.

— Essa tatuagem é linda, gostei — eu acaricio o seu pulso — esse símbolo representa todos os opostos que se completam: sol e lua, dia e noite, escuridão e luz, bem e mal... Ah, e...

— O quê? — Islay está muito focada no que eu digo.

— *Eu e você*. Yin-yang. Eu gosto de você. Eu gosto de nós.

— Eu também gosto de você, nunca imaginei que se tornaria o meu melhor amigo.

— Você também é minha melhor amiga — beijo a sua mão — uma das pessoas mais próximas a mim e que consigo ser eu, ser mais livre. Consigo confessar os meus pecados. Eu achava que liberdade estava relacionado ao ambiente em que eu vivi todos esses anos, a minha rotina e ao meu comodismo, mas não: você é a minha liberdade, Islay.

Eu quero poder dizer que a amo. Mas ainda estou esperando por ela. Islay se aproxima de mim e dá um beijo em minha bochecha e em seguida em minha boca.

— E se eu estragar tudo?

— Não vai estragar — devolvo o beijo na boca — eu quero você.

— Também te quero, mas a questão toda é que isso que nós temos é tão bom, se dermos um passo e nos arrependermos?

— Só vamos saber se tentarmos...

— Ok... Vamos para casa...

Ela suspira forte antes de passar o cinto de segurança.

Antes mesmo de sair da cidade, ela começa a ler os comentários dos seus fãs em voz alta para mim:

— Quem é esse bonitão? Uma garota perguntou. Uau.... Você já tem

fãs. Você tem irmãos? — Ela me pergunta.

— Como?

— O povo aqui está dizendo que você é irmão do cara da boate.

Meu Oric...

Bem-vindo ao século XXI, Jandir.

— Não. Não tenho família.

— Então somos parecidos nisso, eu também não tenho família.

Ela deixa isso para lá, ao chegarmos em casa ela diz:

— Vou descansar.

— Nosso encontro...

— Claro que sim. Hoje?

— Amanhã...

— Combinado.

Ela vai para o quarto.

Tenho o número dos meus irmãos anotados na agenda, mas não adicionei ninguém no meu celular, eu ligo para minha cunhada Grace.



CAPÍTULO DEZOITO

D e m ô n i o s r e a i s - E l i e A n j o

Está cada vez mais difícil ficar perto dele sem ceder à tentação. Que homem...

O meu coração bate mais forte quando estou perto dele e também me pego pensando nele mais do que devia.

O último lugar em que eu tinha como lar de verdade foi quando eu morava com os meus pais, antes do acidente, e antes de viver em um orfanato.

Estar aqui com Jandir me faz sentir todas essas sensações de ter um lar.

Sinceramente, eu adoro a nossa amizade. Adorei conhecer o seu lado rebelde. Nunca me diverti tanto na vida.

Hoje peguei a minha parte da grana com outro candidato que vou apoiar, ele tentou jogar uma conversa fiada para cima de mim: como as coisas não deram certo com outro candidato eu o procurei desesperada.

De fato, a proposta do outro candidato foi melhor que a dele, mas não vale a pena e ele que enfie no rabo o seu dinheiro homofóbico.

E ainda disse que além de apoiá-lo na campanha, eu vou abrir o leque sobre todos os podres do seu oponente.

Jandir entra na cozinha com uma sacola imensa de compras, me lança um olhar e... Sim, trocamos um olhar daquele cheio de segundas intenções.

Volto a contar a minha grana com a cara fervendo ao ser observada por ele.

Toda vez que vejo Jandir vejo algo lindo nele. Essa boquinha dele é uma tentação e da vez em que nos beijamos não queria desgrudar, até sentir a sua jiboia no meu ventre e aí, lascou-se.

E ontem trocamos beijinhos doce.

Fiquei com um baita tesão.

Não sentir tesão por Jandir é o mesmo que dizer que aderir ao celibato.

— Então Jandir, já fez suas compras de dona de casa? — Provoco.

Adoro ele.

— Fiz as compras do nosso Jantar.

Jandir se encosta na pia e cruza os braços fortes, ele usa uma calça jeans preta e camiseta de maia branca. E seu casaco de lenhador quadriculado que costuma usar.

— Como assim?

— Será uma surpresa, então querida você pode ir lá para cima e contar seu dinheiro, e quando descer será para o nosso jantar. E não conte mais dinheiro na mesa da minha cozinha, não é higiênico.

Rio. Ah, esse homem...às vezes parece um velhinho rabugento.

E nisso ele abre uma das gavetas do armário para pegar o álcool e uma flanela.

— Então tudo bem — digo.

Eu estou morrendo de curiosidade.

Pego o meu dinheiro nas presas. E subo para o meu quarto.

Em pensar que esse monumento de homem vai fazer algo só para mim,

faz meu estômago revirar, um sorriso meio bobo fica na minha cara pelo resto da tarde.

O que eu vou vestir?

Tenho muitas opções, me falta mesmo é a escolha certa. Eu tenho um vestido transparente que usei uma única vez.

Eu também tenho um vestido vermelho de seda, com um decote que deixa parte dos seios expostos, uma fenda na lateral que percorre toda a minha coxa, a melhor parte é que não precisa usar sutiã.

Acho que esse está bom.

Eu deixo os meus cachos bem soltos.

Fecho com um batom vermelho e saltos. Mas acho que o jantar será aqui mesmo.

Ouçõ Jandir perguntar se eu estou pronta para o jantar, o cheiro da comida está ótimo, porém mais cedo eu o vi indo até seu carro e levando algumas coisas.

Jandir não usa terno e não está tão arrumado assim, o que me faz revirar os olhos para ele por me fazer parecer uma boba vestida desse jeito.

— Você está linda.

— Eu acho que exagerei — respondo.

— Desculpa, é que fiquei mais preocupado em agradá-la em outros aspectos que não dei atenção ao que vestir — desço o olhar até seus pés e subo novamente — está tão ruim assim?

— Um pouco...

— Então eu tenho que trocar de roupa?

Ele não parece chateado, mas esse é o estilo de Jandir, uma camisa branca dobrada nos cotovelos, algumas pulseiras que ele costuma usar, calça preta de algodão e botas grossas.

— Se não quiser trocar, não precisa...

— Precisa sim, olha como você está linda. Eu não imaginei que se vestiria assim para jantar comigo...

— Hum... Ok.

— Eu não vou demorar.

Ele passa por mim. Bom, pelo menos está cheiroso, muito cheiroso...

Fico na sala esperando ele vir. E ele não demora muito, além de retornar apenas com um terno por cima da camisa de malha, o que me faz rir.

— Você só colocou um terno...

— Isso, mas trouxe isso para você.

Ele mostra o que a sua outra mão escondida carregava:

Um arranjo com uma rosa.

O miserável do meu coração disparou de novo e parece que ele percebe, pois Jandir passa a me olhar de maneira mais convencida.

Eu já percebi isso várias vezes.

É como se ele pudesse ouvir as batidas do meu coração acelerar.

Eu pego a rosa de imediato e pergunto:

— Vamos jantar?

— Sim, mas não aqui...

Ele vai até a porta e abre dando passagem para eu sair primeiro.

Então fomos de carro por uma estrada de barro que nunca havia visto, Jandir conhece muito bem esse lugar.

Mesmo estando de noite imagino que tudo em minha volta seja mato.

Ele estaciona e não me movo, pois lá fora tudo o que eu vejo é o que o farol do carro permite — e é só mato.

— Você passou repelente?

— Óbvio que não Jandir... Pensei que o jantar era no conforto da sua casa.

— Não se preocupe.

Ele desce do carro e abre a porta para mim, acende uma lanterna e clareia o chão, clareia os meus pés. Eu não desgrudo da minha rosa, solto um risinho quando ele segura a minha cintura para me apoiar.

— Acho que posso andar sozinha.

— Sêrio? — Pode estar escuro, mas pelo seu tom, ele está de gozação.

Andamos alguns metros, depois descemos um terreno íngreme e então percebo que estamos em uma trilha — chegamos.

— Chegamos onde?

Jandir se afasta de mim e me deixa no escuro, vai até uma árvore e toca nela.

Várias luzes se acendem revelando o restante da trilha, elas estão penduradas nas árvores iluminando todo o nosso caminho, com isso eu também escuto um barulho torrencial.

— Que lugar está me levando?

— Uma cachoeira.

Chegamos nela alguns minutos depois. Há uma mesa de madeira, ela é quadrada e com duas cadeiras, um jarro vazio no centro dela.

Não é exatamente ao ar livre, pois tem uma estrutura feita de madeira e coberta por palhas. Jandir construiu uma choupana.

Não tem paredes, o chão é de madeira, tem um pequeno armário com alguns cobertores e uma lareira externa com o fogo crepitando.

Me apoio no umbral da choupana que nos separa do penhasco e me sinto grandiosa ao ver as águas fazendo camadas nas pedras, Jandir também colocou algumas luzes ao redor da cachoeira.

É tão lindo...

Eu não sei o que dizer. Ninguém nunca fez nada assim, nunca imaginei que algo simples pudesse ser tão grandioso ou eu nunca dei uma chance para conhecer.

— Você fez isso tudo?

— Eu estou há alguns dias construindo ela, desde que chegou.

— Mas... tão rápido...

Eu ainda estou de boca aberta.

— Oh, um detalhe, linda, terei que voltar para pegar o nosso jantar que deixei no carro, ok?

Ele puxa a cadeira para mim e me sento, o jarro sobre a mesa está com água e então entendo que até nisso ele pensou, coloco a rosa dentro dele.

— Eu vou ficar aqui sozinha...

— É seguro, já volto.

— Mas e se a Lucy aparecer?

— Eu já disse, ela saiu de férias.

Ele corre até a trilha e eu fico observando até não poder mais, ele desaparece na parte da trilha que não está iluminada.

E realmente ele não demora muito.

E quando retorna pede para eu suspender o vaso com a rosa, ele forra a mesa com uma toalha branca, e começa a montá-la.

Ele vai até o armário e fecha. E o armário de rodinha é arrastado até perto da mesa e acaba virando um carrinho de comida, como daqueles de restaurante.

Eu o ajudo a forrar o armário com outra toalha branca, ele coloca um balde de gelo com vinho, duas taças e o nosso jantar.

Salada, porém bem colorida e com folhas que nunca vi nada vida. E olha que de salada chique eu entendo, mas esta parece muito exótica e apetitosa, também tem bruschettas de queijo com tomates marinados...

— É conchiglione recheado com cream cheese e bacon ao molho vermelho; e também temos costelinha de porco com chutney de maçã — termina de explicar, ele se senta ao meu lado — vamos jantar, eu já fiz você esperar demais.

— Eu não acredito que você fez isso tudo...

— Você merece muito mais Islay, o que eu puder fazer para demonstrar que gosto de você, eu farei.

Assobio. O homem é um fofo de um romântico.

Eu me sirvo salivando, não apenas o cheiro, mas ele caprichou na estética também. Ele monta seu prato de maneira tão delicada e eu só observo o prato se tornar uma obra de arte.

Jandir monta uma flor com o conchiglione — e vendo a bagunça do meu prato... Olho para o dele, olho para o meu, olho para o dele e olho para o meu que é... uma negação.

Não sei fazer bonito como o dele. Ele percebe e ele ri.

— Aqui, esse é o seu — troca o meu prato com o dele.

Oh, meu Deus.

— Obrigada...

Antes de usar o garfo para desfazer algo tão lindo que ele fez para mim, suspiro e fico admirando o prato. Pareço uma boba, mas estou com pena de comer e desfazer tudo. Olho para Jandir..

— O que foi?

— Obrigada.

— Você já agradeceu — ri, e ele leva a costela até a boca e mastiga em silêncio apenas me observando, dá uma piscadinha para mim e depois que engole pergunta: — Não gosta disso?

— Eu adoro.

Passo a comer com vontade, com uma baita pena por desfazer algo tão lindo.

Está tudo uma delícia, eu nunca havia provado comida tão saborosa, ainda está tudo morno e no ponto ideal para comer. Eu ainda não sei se estou sabendo lidar com o carinho que ele colocou em tudo.

Jantamos, tomamos vinho e eu sempre passo a admirar o cenário e o céu aqui é tão estrelado que é como um tapete de estrelas. Diferente de um tempo atrás eu até gosto do som ambiente.

Depois de jantar eu bebo mais uma taça de vinho enquanto aguardo Jandir levar as coisas do nosso jantar para o carro, quanto ele retorna para me buscar eu digo:

— Quero ficar mais um pouco — ele parece surpreso: — Na verdade, eu quero passar a noite aqui.

— Tudo bem, vou deixar as coisas mais confortáveis para você — ele se apressa em tirar o cobertor — você vai adorar ver o nascer do sol daqui de cima, é incrível...

Ele forra o chão com os cobertores.

— Você não entendeu Jandir... Não é por causa do nascer do sol que quero ficar — coloco a taça vazia no armário e enlaço o seu pescoço — quero ficar com você.

Acho que agora ele entendeu o que eu quis dizer.

— Hun, bom, então ok...

— Tem camisinha...

— Não, eu não imaginei..

— Tem doenças?

— Não!

— Eu também não.

Ele sorri.

— Eu não estou preocupado com nada disso — Jandir segura o meu queixo, ele é alto para cacete, mas com os saltos eu consigo ficar ao seu alcance, — mas se de fato é isso o que quer ou quer fazer porque se sente obrigada...

— Não, você sabe, eu quero ficar com você essa noite, não quero que isso termine de imediato, vamos pensar sobre mais coisas pela manhã. Ok?

— Ok.

Jandir me beija, sinceramente eu espero que essa noite demore para terminar, pois para mim está perfeita.



CAPÍTULO DEZENOVE

Demônios reais - Elie Anjo

Jandir ainda parece muito surpreso com a minha proposta. Mas agora ele está deitado por cima de mim, depois dele forrar o chão com os cobertores eu o conduzi até aqui.

Sinto a minha respiração se tornar mais agitada, os bicos dos meus seios estão sensíveis e noto o quanto estão empinados também.

Eu confesso que estou extremamente excitada, os olhos verdes dele estão em um brilho luxurioso, quando ele termina de tirar a camisa eu umedeço o lábio. Eu já tinha me dado conta o quanto seu corpo é perfeito, ele deve malhar embora nunca o vi fazendo isso.

A saliência do seu abdômen é algo que posso admirar a noite toda, não apenas admirar como tocar e é exatamente isso que eu faço agora, minhas unhas estão pintadas de vermelho e o tom sobressaem em sua pele de avelã salpicada com algumas sardas marrons.

Meus joelhos estão em volta do quadril dele. Jandir arruma o seu cabelo para prender, mas antes que ele faça isso eu peço:

— Deixe-os soltos, ok?

Ele concorda com um sorriso travesso em seus lábios, e é inegável que quero provar do seu beijo de novo, pressiono os meus lábios aos seus e é incrível como o sabor e as sensações que sinto desde a primeira vez que nos beijamos continuam a mesma coisa.

Sua mão se move na minha coxa e estou encaixada nele, eu exijo mais do seu beijo e amo a pressão que seus lábios fazem nos meus, a sua barba arranha levemente em meu rosto cada vez que sua boca faz fricções mais que perfeitas. Ele suga, toma a minha boca, provoca com a língua e parece querer me comer viva.

Eu estou ficando sem conseguir respirar direito, mas acho que nenhum de nós quer interromper esse beijo gostoso. O melhor de tudo é sentir sua ereção em meu ventre, está muito dura, mas Jandir de maneira delicada separa a fina alça do meu vestido dos meus ombros.

Quando ambas as alças estão caídas ele passa a admirar os meus seios.

— Você tem uma tatuagem aqui no meio deles — constata ele.

— Às vezes uso piercings neles.

Ele mergulha neles, eu não resisto em enroscar a mão em seus cabelos macios, é fofinho como ele. Eu arquejo no grosso edredom quando a sua língua quente toca no bico dele.

Eu juro que nunca tinha ficado tão sensível e meu corpo nunca correspondeu a um homem como corresponde a Jandir, eu estou molhando a minha calcinha cada vez mais, seus olhos transmitem carinho e sinceridade o que me faz ficar boba.

Pois ninguém nunca me olhou como ele me olha.

Meu vestido está enrugado na minha cintura, Jandir desce os seus beijos carinhosos até o meu umbigo. E dessa vez puxa o meu vestido de vez até os meus joelhos, parece estar desesperado para me ver completamente despida. Eu gosto disso. Gosto do seu desejo por mim.

Eu acompanho seus olhos se transformarem em algo mais animalesco, não parece o mesmo Jandir, sua pupila cresceu e posso me considerar louca,

mas há algo que não reflete humanidade nele. Nesse momento mais se assemelha com uma fera faminta.

— Jandir?

Sua respiração é forte, o que me leva a entender que esteja se controlando. Eu estou considerando essa visão a mais sexy que já vi — o céu atrás dele, seu peitoral desnudo e uma ereção enorme apontando para mim.

Jandir não diz nada, se apressa em tirar a minha calcinha de renda também. Eu geralmente sou uma mulher que gosta de ficar no controle durante o sexo, mas como é a nossa primeira vez, não quero assustá-lo com as minhas loucuras sexuais.

Jandir separa mais as minhas pernas e gemo alto ao sentir sua língua se afundar em minha boceta, ele está me lambuzando e a volúpia está tomando conta de mim. Já não consigo pensar com clareza quando ele insere um dos dedos e ele continua fazendo isso, até que o seu processo de preparação se torna algo torturante porque o quero dentro de mim.

— Vamos Jandir, coloque dentro de mim...

Eu me esfrego em sua ereção, ele tira a calça, mas quando Jandir tira a sua cueca que as coisas ficam bem claras na minha mente — seu pau não vai caber em mim. Há alguns pelos loiros, ralos e finos contornando.

Acho que ele nota a minha apreensão, confesso que estou com medo do estrago que isso pode fazer. Sim. Amo pau grande, mas nunca me deparei com um tão grande. Esse cara não é humano.

Para tentar me relaxar, Jandir distribui beijos tênue em meu pescoço descendo até meus seios e novamente insere dedos dentro de mim, e eu estou excitada a ponto de me mover em seus dedos e gemer com eles dentro de mim.

— Você é linda, perfeita aqui dentro também, é quente e apertado.

E o homem é dono de uma voz grossa e nesse momento com um teor de rouquidão, que é apenas o reflexo do quanto está excitado.

— Eu não vou aguentar...

— Vai sim linda, vou preparar você para isso.

— Não é isso... eu não vou aguentar esperar.

Dou uma risada e ele também.

O seu polegar faz flexão no meu clitóris e isso foi o auge para liberar em seus dedos, eu gozo.

Sinto um calor descomunal, que faz o frio da madrugada sucumbir. Me enlouquece ter esse homem de cueca perto de mim, lanço um olhar apelativo para ele.

Jandir é um tanto cruel em apenas tirar os seus dedos e levar a sua boca. Provar de mim. Isso foi cruel e sexy, sorrio e ele também, me esparramo nos cobertores puxando ele comigo, nos beijamos de maneira insana, ele tira a cueca, interrompe o beijo por breves momentos para concluir essa árdua tarefa.

Gemo pedindo manhosamente para ele vir com tudo, e ele faz isso ao encontrar o ângulo perfeito por cima de mim e conseguir me penetrar de uma vez. E como esperado fez um estrago.

— Islay... — chama por mim. Seu cabelo quase cobre o seu rosto, Jandir beija o meu pescoço e o mordisca — sabe que eu te amo minha linda.

Achei que num momento como esse, se ele fizesse uma declaração para mim ia me fazer recuar, mas o efeito está sendo outro, meu coração me denuncia.

Eu me sinto muito preenchida; e não me refiro à parte em que ele está dentro de mim, mas em todo o meu ser. Isso parece ser pleno. Sim, isso é plenitude, algo que nunca senti.

Jandir me faz sentir segura e amada, faz eu me sentir a mulher mais especial do mundo.

Quando ele se movimenta, usa de todo o cuidado para não me machucar, porém na medida em que ele enterra mais e mais, ele vai ganhando ritmo, se acostumando e se tornando um pouco mais bruto.

Ele está com os olhos fixos em mim, porque Jandir não está fazendo só sexo, ele está fazendo amor comigo.

Meus seios saltam acompanhando o movimento que ele faz dentro de mim, assim como o meu quadril inquieto, seu pau pulsa dentro de mim a cada movimento.

— Islay — repete o meu nome enquanto parece estar perdendo o

controle cada vez mais — eu quero ser mais bruto, quero que me sinta mais fundo.

Oh, Deus... E ele não colocou o seu pau todo? Olho para baixo e vejo que não. Jandir tira o seu pau e segura a minha cintura para me mover na coberta, entendo que ele me quer de quatro. Talvez essa posição facilite a sua estocada mais funda como ele quer.

Independentemente de qualquer coisa, sei que ele não é egoísta a ponto de me machucar apenas para se satisfazer. Arqueio minhas costas quando sua mão se move na minha espinha, chega ao meu quadril e me posiciona.

Estou sobre os joelhos, apenas olho para trás e o vejo se preparar para entrar novamente e dessa vez bem mais fundo, de primeira ele encontra o meu ponto perfeito, então antes era só um ensaio, Jandir estava me estudando.

— Ai... Assim é perfeito.

— Assim? — pergunta um tanto travesso, a ideia de me agradar parece realmente mexer com o ego dele — vamos linda, responde...

— Isso aí, não para.

Rebolo em seu pau, e ele usa as mãos para me manter imóvel logo em seguida solta um som rouco, seu pau pulsa dentro de mim e algo jorra em seguida, ele está gozando dentro de mim e eu não sei porque eu estou tão sensível a isso, como se sentisse cada gotícula da sua semente.

O calafrio que percorre o meu corpo me assusta, até mesmo começa a ventar forte.

— Jandir?

Chamo por ele um pouco assustada, olho para trás e vejo seu rosto transformado em algo mais feroz.

Não é mais Jandir, mas uma fera com olhos amarelos me olhando como se eu fosse sua refeição hoje à noite, não apenas isso, seu pau continua rígido dentro de mim e nem parece que o homem gozou tanto que sinto jorrar em minhas pernas.

— Você tem que ser a minha perdição, eu não aceito outra, pois já estou perdido por você, querida.

Eu não entendo o que ele está falando, mas esqueço da sua figura obscura quando ele estoca com força dentro de mim. O que me faz gemer alto.

Ele ganha um ritmo e tudo o que escuto além dos meus sons é o "ploc, ploc," de Jandir me fodendo com mais ousadia. Eu não achei que ele chegaria a esse ponto mais animalesco.

É um tipo de transa que aprendi a admirar, minha boceta pinga nos lençóis e não é apenas o seu jato quente derramado, acredito que meu gozo também esteja causando essa meleira. Me sinto mais febril, mais viva, algo está nos cercando e não sei identificar o que é.

Mas não estamos exatamente a sós nessa montanha, me sinto tresloucada, o universo pode nos assistir dando um show na foda. Oh, porra. Gozo novamente com os espasmos mais fortes, desmoronando o meu corpo no edredom, Jandir me acompanha sem sair de mim.

Ele controla o peso em cima de mim, sua mão separa o cabelo da minha nuca, Jandir deixa uma mordida e eu gemo por um lado sinto um ardor, mas a mordida faz o meu corpo reagir.

— Eu ainda quero ficar dentro de você — Jandir se movimenta dentro de mim — porque não é o suficiente para mim, quero mais Islay, eu esperei por você por tanto tempo, sei que é você.

Ah, inferno. Esse homem está me deixando doida.

— Pode continuar...

Ele beija a minha bochecha, e se movimenta dentro de mim. Ele me acolhe em seu colo e me trata com carinho, fazemos amor em posição de flor de lótus de maneira mais lenta, Jandir ainda não cansou. E confesso que estou amando seu carinho e seus toques.

E cada vez que ele faz isso me sinto marcada e apegada demais a sua forma de amar e de me tratar. Nessa nossa última posição gozamos juntos, ele me abraça e aperta a minha bunda, gozando o mais fundo dentro de mim.

— Fique comigo Islay, eu posso te dar tudo o que você quer...

— Eu sei, mas...

— Ainda pensando no dinheiro? Eu não negarei nada para você e nem isso...

Eu sei que ele não é rico e a essa altura eu não me importo.

— Jandir, você já me deu algo mais valioso. Algo que nunca tive. E para mim dinheiro é mais fácil de conseguir do que isso que estamos vivendo que é raro e precioso demais.

Nós dormimos de conchinha e seu corpo grande me aquece, antes de amanhecer ele se levanta e coloca mais lenha na fogueira. Depois desaparece por completo. E quando retorna fica em frente a fogueira por um tempo, depois deita novamente ao meu lado.

— Eu já disse que adoro essa tatuagem de urso? — Sussurra em meu ouvido.

Sua pele está mais fria como se estivesse tomado um banho, seu cabelo está úmido, mas depois disso consigo pegar no sono.



CAPÍTULO VINTE

D e m ô n i o s r e a i s - E l i e A n j o

Tum, tum, tum...

Tum, tum, tum...

Tum, tum, tum...

Meu coração está descontrolado ao vê-la repousar tranquilamente, não é apenas isso, o seu cheiro está diferente. Algo mais agradável, se é que isso é possível, algo mais meu, mais próximo daquilo que faz dela ser de fato minha fêmea perdição.

— Bom dia, linda... — Falo com o corpinho dela enroscado no meu — você acordou depois do nascer do sol.

— Por que não me acordou antes?

Ela boceja e senta-se na coberta, encara a montanha, mas o sol já está alto.

— Você parecia cansada — me levanto e estendo a mão para ela, estou completamente despido e com o pau duro — quer ir para a cachoeira comigo?

— Sim.

Seus cabelos estão selvagens e a vontade que eu tenho é de zapar junto com ela para dentro das águas mornas.

Mas apenas acompanho-a, ela está pelada e sua bunda redonda na minha frente está me deixando louco, mas eu seguro sua mão com medo dela se machucar na trilha, e também o fato dela está descalça me incomoda, não quero que ela machuque seus lindos pés.

Eu a carrego e ela solta um gritinho com a minha atitude repentina, entro no rio com ela em meus braços, beijo sua testa antes de deixá-la ir se lavar.

Islay mergulha primeiro e eu vou logo em seguida.

A nossa noite foi maravilhosa, e quanto estava dentro dela não tive dúvida que Islay é a minha fêmea destinada.

Juntos nadamos para mais perto da cachoeira, seguro firme sua cintura e a mantenho perto de mim. Sei que aconteceu, mas ainda é difícil acreditar que passamos a noite juntos

— O que foi?

— Foi maravilhoso, Islay simplesmente maravilhoso.

Foi difícil me controlar, pois faz um tempo que não tenho uma fêmea e não queria deixar o meu lado fera dominar completamente a situação, perder o controle sem Islay saber quem eu sou dificultaria mais ainda a minha conquista.

Eu quero falar para ela. Entretanto, tenho medo de como ela vai reagir.

— Foi sim... — ela passa a mão na nuca — você me mordeu.

— Ah, isso...

— Veja o estrago que você fez Jandir. — Ela coloca o cabelo para o outro lado e me mostra a sua nuca. Há uma marca de mordida bem leve, mas o que me deixa abismado e até mesmo congelado é ver um sinal que não estava ali antes — está tão ruim assim?

— Não. Está da forma que tem que ser.

— Ei, se deu conta que eu andei pelada na floresta e agora estamos tomando banhos pelados?

Rio.

— Em outras palavras, estamos praticando nudismo. Como falamos que íamos fazer.

Beijo a sua bochecha. Obrigado meu Oric. Ela é a minha fêmea perdição, a minha garota.

Como as coisas vão ser daqui para frente? Eu preciso conversar com ela, ontem nós não apenas transamos como criamos um vínculo. Eu acho que a marquei, a marca em seu pescoço nasceu o que me leva a crer que como eu sou o último macho da família real a encontrar a sua fêmea as regras do jogo mudaram, isso quer dizer que um macho pode simplesmente marcar a fêmea que ele se apaixonar?

Ou a marca só nasce se ela corresponder aos meus sentimentos ou Islay pode ser o primeiro caso...

Isso é algo que preciso compartilhar com os meus irmãos.

Ficamos mais um pouco na cachoeira e me entristece saber que não trouxe nada para ela comer no café da manhã, mesmo sobre seus protestos eu a levo de volta para casa.

Islay estranha o meu silêncio e assim que chegamos em casa preparo alguma coisa para nós comermos.

— Você está calado, Jandir. Se arrependeu? — pergunta enquanto circula o dedo na mesa.

Ela terminou de comer deixando apenas o suco, eu reparei que ela gosta de comer o sólido primeiro.

— Claro que não, minha linda. Eu preciso ter uma conversa com você. Quando eu chegar, ok? Tenho que ir a um lugar primeiro.

Meu telefone toca e vejo um número desconhecido. Atendo a ligação do Raony informando que mais tarde vamos nos reunir para conversar.

Islay não me perguntou mais nada e eu aguardo as horas passarem para me encontrar com eles.

Começa a chover forte uma chuva com trovoadas e relâmpagos, a ventania agita as árvores, Islay fica da janela vendo o estrago da tempestade do lado de fora.

Estou receoso em deixar a minha fêmea sozinha para encontrar os meus irmãos, mas é algo que tenho que fazer o quanto antes.

— Eu preciso sair, eu não vou demorar — aviso para ela.

— Aqui tem algum abrigo?

— Tem no porão, mas fique tranquila, não é nada demais e eu já volto.

— Tudo bem.

Corro debaixo de chuva até o meu carro e dirijo para uma trilha na floresta, estaciono e logo em seguida eu zapo do meu carro para a casa do Rudá que é na mesma vizinhança dos meus irmãos. Claro que fiz isso para Islay achar que fui de carro.

Eu encontro eles reunidos na sala, as garotas não estão aqui, ainda bem porque no momento me sinto inseguro e preciso da ajuda dos meus irmãos.

— Pela sua cara as coisas andam indo bem — conclui Marlon.

— Sim. Ela acordou com a marca, ela é minha fêmea.

Meus irmãos comemoram fervorosamente, a reação não poderia ser outra, pois eles me ajudaram a passar por esse momento de solidão não apenas ele como suas esposas e meus sobrinhos.

— E já contou para ela sobre nós, sobre quem de fato você é? — pergunta Raony me analisando.

— Ainda não por isso estou aqui, preciso que me ajudem nisso, eu nem sei por onde começar... Não sei se Islay vai me aceitar, não sei se ela gosta de mim o suficiente.

— Quer dar mais um tempo? — pergunta Rudá — para ser sincero acho melhor você ser honesto com ela a partir de agora.

— Tem razão irmão. Estou imensamente feliz — confesso.

— Eu concordo em contar a verdade para ela... — Diz Raony.

— Eu também — em seguida Marlon. — Ela vai aceitar você como é, não tenho dúvidas.

Eu tenho muitas dúvidas sobre isso, mas não quero preocupá-los.

Eu retorno para o carro largado no meio da floresta, no bolso meu celular apita, pego ele e vejo muitas chamadas perdidas e mensagens de Islay.

O sinal aqui é péssimo e para completar o caminho está com muita lama. Meu retorno para casa é mais lento.

Estaciono e corro para casa, minha roupa está molhada. Encontro a minha fêmea andando na sala roendo as unhas e com medo.

— Eu sinto muito por não atender você, fiquei sem sinal. — Justifico — você tem medo de tempestade?

— Tenho medo do que ela pode causar — coça a nuca — eu vi uma mancha na minha nuca enquanto lavava o meu rosto, preciso ir ao dermatologista, pois eu nunca tive isso.

— Islay, precisamos conversar...

— Você já falou isso então, por favor, só é falar... Se for sobre o que aconteceu ontem e você não quer repetir eu entendo — diz insegura e não entendo o motivo de tanta insegurança. — Você saiu para encontrar outra pessoa?

— Sim... Mas isso não vem ao caso Islay, é que...

— Você parece mais feliz, está diferente. Por acaso a mulher que estava esperando retornou? — indaga um pouco chateada.

— Sim, ela está aqui e é você. Preciso explicar que...

Um raio forte seguido por uma ventania arrasta o meu telhado, Islay solta um grito e eu subo para ver o estrago que foi feito, o telhado da sacada do quarto dela foi comprometido.

— Ai, droga, algumas telhas foram quebradas — ela diz atrás de mim.

— Eu vou consertar isso, não se preocupe.

— É melhor esperar a tempestade passar.

— Isso não será um problema, fique tranquila.

— O telhado está caindo aos pedaços? Jandir se você estiver precisando de dinheiro, eu posso te dar...

— Não, não preciso e isso acontece as vezes.

— Ok.

É a minha casa e essa tempestade audaciosa ousa destruir. Meus esforços, meu trabalho. Isso me deixa muito chateado e até esqueço de continuar a conversa com Islay.

Vou até o meu depósito atrás da garagem e pego as ferramentas necessárias, amaldiçoo bem baixinho quando vejo a escada que terei que usar, pois se não fosse pela Islay eu apenas zapava para o meu telhado.

Sem contar na meleira que faço ao entrar em casa, estou ensopado de água e com as botas com lama. Islay se oferece para me ajudar e eu ignoro, ela fica o tempo todo me olhando através da porta de vidro que separa seu quarto da sacada.

Desço algumas vezes para pegar as telhas novas para repor, e depois de algum tempo consigo fazer o trabalho satisfatório, Islay não tira seus olhinhos de mim — bom saber que se preocupa comigo.

E eu não quero deixar seu quarto descoberto. Que tipo de macho eu serei se deixar minha fêmea desconfortável, ou dormindo no relento?

O vento continua forte e a escada range toda vez que piso no degrau para descer, faço isso com cuidado para não escorregar. Eu não a uso e ela está com pouco reparo o que faz o apoio esquerdo se partir com o meu peso, a escada se inclina de vez e o vento faz a sua parte de me levar para fora da sacada, direto para o chão de terra.

Islay grita e eu por instinto penso em zapar, mas lembro que ela ficará muito assustada, então apenas caio revirando os olhos, sinto o impacto ao cair no chão. Acho que quebrei a minha perna, não penso em amortecer a queda, nada que pareça suspeito.

Dói e sinto um grunhido. Agora estou sujo de lama e com raiva, porém tudo parece passar quando a vejo se jogar na lama com os olhos cintilantes cheio de lágrimas.

— Eu estou bem, eu estou bem...

Me sento e passo a mão na perna, vai levar alguns minutos para ela voltar ao normal.

— Meu Deus, Jandir, você é doido! — Ela bofeteia o meu peitoral — idiota! Eu disse que era perigoso, que era para deixar a chuva passar...

Chora.

— Eu sinto muito, não chore, eu já disse que estou bem — Acho que se eu zapsse ela estaria sentindo mais medo e confusão. Como será que ela vai reagir ao saber que não sou humano? — Vamos entrar.

— Consegue levantar? Tem certeza que está bem? Como isso é possível? Vamos ao hospital — eu a puxo para mim e calo sua boquinha com um beijo. Ela afasta o beijo e diz: — Sem beijos!

Vai marchando até em casa e eu rio. Ela gosta de mim, nunca fiquei tão feliz por ter levado uma queda. Não sou como o meu irmão mais novo que tinham um espírito suicida, adorava se jogar dos lugares e se machucar de várias maneiras possíveis para testar sua capacidade de regeneração.

— Hun, Islay eu vou tomar um banho...

— Vai que eu limpo essa bagunça.

— Oi? Eu ouvi direito? A digníssima Islay vai limpar uma bagunça por conta própria? Sem querer nada em troca?

Levo a mão ao peito e faço uma cara chocada para ela.

— Ah, vai a merda!

Eu subo as escadas rindo, ela é uma fofa, uma linda. Minha fêmea.



CAPÍTULO VINTE E UM

D e m ô n i o s r e a i s - E l i e A n j o

Islay deu o seu melhor limpando a meleira que deixei na casa, isso me deixou muito orgulhoso — saber que posso contar com ela — saber que ela se importa comigo.

Como a noite está fria eu acendo a lareira. Vou até a cozinha preparar uma sopa para jantarmos, algo quente para nos aquecer.

Islay usa um sobretudo bem grosso e fica em pé na cozinha de braços cruzados me encarando, a chuva lá fora não para.

— Você parece muito bem para quem caiu daquela altura. — Ela estreita os olhos, seu olhar aguçado não desgruda de mim.

— Sorte de principiante na próxima vez que eu cair daquela altura, terei um osso quebrado.

— Não fale besteira.

Rio.

— S rio, estou bem...

— Bom... — D  uma volta na cozinha para se aproximar de mim que estou dando atenção ao fogão — eu ia fazer uma surpresa para você, mas não sei se você está bem para isso — seus dedos pequenos começam a provocar o meu ombro, mesmo vestido com o moletom grosso eu imagino esse dedo através do tecido tocando em minha pele.

— Eu quero essa surpresa. Pode ter certeza.

E assim jantamos e ela está cheia de mistérios debaixo desse sobretudo preto e estou amando o seu empenho para me seduzir, olha que não precisa de muito.

Estou ficando louco a cada segundo, ela insinua que tem alguma coisa debaixo do seu casaco. Por Oric.

Após jantarmos ficamos frente a lareira recebendo um pouco de calor, seu corpo pequeno e cheiroso está enroscado no meu, ralo o meu rosto no seu e beijo sua bochecha, estamos sentados no tapete bebendo vinho.

Minha ereção está alfinetando suas costas, Islay está sentada entre minhas pernas e com a cabeça apoiada em meu peitoral.

— Eu fiquei com medo quando vi você caindo daquela altura, acho que até rezei pela primeira vez.

Aperto o meu abraço em volta da sua cintura.

— Vou ter mais cuidado, prometo. Tudo para não ver mais lágrimas nesses lindos olhos.

— Jandir, eu gosto de ficar aqui com você — ela confessa e move a cabeça para me olhar —   muito bom ficar aqui com você, mas sinto que há algo errado comigo.

— Mas isso não está ligado ao fato que sente algo por mim?

— Sim, eu sinto algo muito forte por você, algo que eu nunca senti, mas é mais que isso. Sinto que além dos meus sentimentos há algo a mais que me conecta a você...

— Eu sinto o mesmo — seguro o seu rosto com as mãos — isso é bom, porque eu amo você. E quero a minha surpresa...

Ela ri.

— Vai ter... Agorinha.

Islay se põe de pé e começa a tirar o sobretudo, eu fico parado apreciando as suas belas curvas, já tinha reparado em sua meia calça e nos saltos pretos que ela usa. Achei graça vê-la de salto alto dentro de casa, mordo o lábio inferior considerando a minha fêmea a mais linda e sexy deste planeta.

Islay tem esse ar confiante, e que sabe o que está fazendo, passa as mãos nos seios para que eu foque nisso. Evidente que acompanho suas mãos deslizar no tecido, em seguida ela desamarra. Solto um grunhido de aprovação e a todo tempo seu olhar risonho parece se divertir com as minhas reações.

Meu pau pulsa ao ver seus seios soltos e empinados, porém... há algo a mais, há duas pequenas argolas de metal em cada um dos seus seios e na ponta delas um adereço em formato de estrela, isso faz o meu sangue ferver.

Faz minha imaginação ir a mil por horas.

— Linda...

Não consigo parar de olhar para os metais se balançando juntamente com os seios quando ela desfila até mim.

— Senta no sofá — ordena.

Me levanto um pouco atrapalhado e me sento no sofá, a calcinha que está sobrepondo a sua meia calça é apertada e ousada, é um conjunto preto de lingerie de muito bom gosto.

Eu me surpreendo quando Islay fica de joelhos na minha frente, desce a minha calça por conta própria e me masturba. Nosso contato visual só se quebra quando ela se curva para tomar o meu pau em sua boca.

A sua boca macia é cuidadosa e ao mesmo tempo ousada, gemo e respiro erráticamente com os meus pelos arrepiados, sentindo o tesão se aflorar cada vez mais.

Ela lambuza e a cada enterrada que dá com a sua boca os metais em seus seios produzem sons sucintos o que me faz focar em tudo, da sua bunda redonda e cheia empinada, para a curva do seu quadril, as costas arqueadas e seus cachos estão esparramados em seus ombros.

— Islay, eu quero estar dentro de você o quanto antes.

Ela sorri com malícia e me ignora, afasta a boquinha e enche suas mãos com os seus seios, envolve o meu pau neles e movimenta para cima e para baixo.

Ufs...

Por Oric...

Que tesão...

Jogo a cabeça para trás, mas volto de imediato, fixo a imagem por completa na minha cabeça, porque eu não vou conseguir esquecer tamanha perfeição.

— Você pode gozar em mim, querido, e me melar de porra eu sei que quer isso.

Eu quero. Quero muito derramar a minha semente nela e dentro dela. Não conseguindo mais aguentar tamanha tortura eu me deixo levar para um orgasmo fora do meu controle.

Solto um som rouco do mais profundo da minha garganta, Islay lambe a meleira que caiu em seu rosto. Limpa o rosto com o dorso da mão. E eu fico sem acreditar que fiz isso, também ela colocou fogo em tudo.

Agora penso em ficar dentro dela a noite toda.

— Venha aqui...

Chamo por ela, senta-se em cima de mim e eu termino de limpar a meleira em seu rosto com a minha camisa, nisso tiro a camisa rapidamente.

Nos beijamos insanamente, nosso beijo arde como todo o meu corpo, eu tiro a parte de baixo do seu conjunto de lingerie de maneira brusca e ela gosta, mas a meia calça fica em sua coxa, emaranhada na calcinha.

— Eu não quero estragar, mas estou com pressa. — Ela concorda. Islay se levanta e eu protesto, mas então percebo que ela quer tirar o restante da lingerie, depois disso volta se sentar despida em meu colo. Passo a mão em seu quadril e observo os seus seios e os metais — isso ficou perfeito em você, perfeita.

Ela sorri e remexe o quadril em cima da minha ereção, mas para não a machucar ao penetrá-la me certifico que ela esteja pronta. E minha incrível garota está molhada, enfio dois dedos em sua boceta e gemo com o seio dela

na minha boca, brinco o metal gelado entre a língua enquanto ela solta fracos gemidos.

Ela fica inquieta com os meus dedos dentro dela, chama o meu nome quando goza e sem perder mais tempo eu me coloco dentro dela, e assim ela cavalga em mim adotando um bom ritmo, seguro o seu quadril para manter nossos corpos unidos e quanto ela cansa, é a minha vez.

Apoia meus pés no chão e dito um ritmo rápido, a cada enterrada ela solta um gemido mais alto, carregado de luxúria assim como eu.

Quando Islay goza dessa vez contrai com força e aperta o meu pau, me levando junto com ela. Estamos com dificuldade para respirar, mas apoio seu corpo no meu. Ficamos em silêncio ouvindo o som do crepitar do fogo e a chuva lá fora.

Beijo o seu ombro, sua nuca, perto onde está a minha marca.

— Não dá mais Jandir — ouço o som da sua voz falhar e isso me preocupa, seguro seu rosto e noto que está se desmanchando em lágrimas — eu tive medo de perder você e me desesperei, me dei conta que não tenho ninguém que diz que me ama, ninguém como você, eu só tenho você para amar neste mundo.

Ela acaba de confessar que me ama? Isso tudo parece um sonho, finalmente minha fêmea se confessou.

— Eu vou ficar com você, Islay, eu não vou a lugar nenhum quando você é tudo o que sempre quis, é o que tenho de mais valioso.

— Sério? — Limpo suas lágrimas — não vai mais cair da sacada?

— Não senhora.

— Porque meus pais falaram a mesma coisa para mim, eles falaram que eu era tudo o que eles tinham de mais importante, mas depois eles se foram...

— Eles a abandonaram?

— Eles morreram, eles eram cantores, mas não tão famosos, era uma dupla e nós não tínhamos um lugar fixo para ficarmos, meus pais tinha um ônibus e viajavamos de cidade em cidade. Eu sempre via eles ensaiando e cantando, eu gostava disso, são as melhores lembranças, mas um dia em um show teve um acidente, eles sempre me deixava aos cuidados de alguém de confiança na plateia, eu assistir meus pais morrerem. Foi o show mais bizarro

que já vi.

Eu a abraço fortemente.

E isso me lembra de algo. Algo que me deixa triste.

Desvio os pensamentos disso.

— Sinto muito, eu prometo ser mais cuidadoso, sabe Islay, eu sou imortal.

Ela ri.

— O dia em que eles morreram foi um dia chuvoso, uma tempestade e não gosto de ficar sozinha nesses dias.

Faço carinho em seu rostinho molhado.

— Eu nunca mais vou deixar você sozinha em dias chuvosos. — Beijo a ponta do seu nariz — estamos juntos Islay, estamos juntos para sempre.

— Isso quer dizer que somos namorados?

— Me daria a honra de ser a minha namorada?

Ela ri novamente.

— Ok. Só se me prometer cumprir tudo isso que falou para mim.

— Eu vou honrar cada promessa. Depois que seus pais morreram, o que aconteceu?

— Uma vez eu fui adotada, foi minha primeira e única adoção. Os meus pais adotivos me trataram como seu novo bichinho de estimação, queria que eu fizesse tudo o que eles queriam e de forma perfeita. Eu odiei aquilo porque era como se eles passassem na minha cara todos os dias que era para eu ser agradecida por ter sido adotada. Eu ainda me lembro da forma que eles me tratavam, eles eram ricos. Eu queria ser cantora, então eles me falaram que eu não ia manchar a reputação deles me tornando uma cantora de estrada como os meus pais...

— Pessoas cruéis. E depois?

— Eles me colocaram em aula de violino, falaram que relacionado a música era tudo o que eu podia ser e que eu honrasse sendo a melhor, só que era torturante, eu não tinha vida e nem diversão, tinha professores particulares, passava horas praticando violino. Algo que claramente não tinha vocação, mas eles não acreditavam nisso, diziam que eu não era boa porque

não colocava meu esforço. Mas eu juro que estava me esforçando, porque eu queria ter um lar. Eles me vestiam da forma que eles queriam e me apresentava para seu grupo de amigos. Então eu percebi que aquele não era o meu lugar, eles nunca iam aceitar as minhas escolhas, nem como eu era. Eu ia me tornar sua filha adotiva modelo como sinal de agradecimento por ter sido adotada...

A tristeza está presente em seu olhar, a abraço forte, mas eu quero saber mais, saber tudo sobre ela. Beijo com carinho o seu ombro e digo:

— Eles não mereciam você, como se livrou deles?

— Eu coloquei fogo no closet da minha mãe adotiva — rio — eu sabia como era ter pais de verdade e aquelas pessoas não eram pais, depois disso eu não quis ser mais adotada, então passei a ser a diabinha do orfanato. As chances de eu ser adotada novamente era grande. Então eu agir com comportamento duvidoso, odioso, fazia tudo ao contrário. Ninguém mais me adotou. Eu tenho certeza que algumas daquelas pessoas poderiam ter sido bons pais, mas eu não queria arriscar, tinha medo daquele inferno acontecer novamente.

— Ah, querida, eu não sou o único solitário da história. Eu vivo numa floresta e isolado de todos, você também criou a sua própria floresta, se escondeu por tanto tempo fazendo coisas desagradáveis. Você sempre foi solitária, amor...

— Não se iluda. Eu gosto de ser má...— fofa... — é o que eu sei fazer de melhor.

— Não é não, sabe que não é, eu sei que não é, mas a partir de agora não precisa se esconder de mim. Eu estou aqui. Não seremos mais solidão.

— Eu sei, por isso quero que dê certo entre nós, porque eu também te amo.

Eu a levo até o meu quarto e tomamos um banho. Não dormimos de imediato, ficamos conversando na cama e nos beijando e nos tocando com frequência.

Eu finalmente a tenho e isso quer dizer que posso contar tudo para ela. Islay me ama mesmo acreditando que não tenho dinheiro, isso me faz ser mais importante que o dinheiro.

Antes dela dormir eu traço o dedo em sua cintura e pergunto:

— Eu reparei faz tempo, o porquê dessa tatuagem de urso...

— Porque ursos são heróis...

Meu coração se aperta. Não pode ser ela.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

Demônios reais - Elie Anjo

Anos antes...

— **Obrigado por me** ajudar nessa! — diz Ructon, ele corre ao meu lado.

Eu estou na minha forma de urso e ele não se transformou em raposa. Acontece que Ructon se meteu em mais uma confusão e agora envolvendo um dos seus amantes.

Estamos em um parque e está acontecendo um evento com os humanos, escuto as vozes deles cantando, alguns gritam. Acho que é algum tipo de show em um acampamento meio hippie.

Ainda bem que é cercado por uma reserva e posso correr livremente até o meu alvo.

E o encontro, não muito longe de onde acontece o Show, um touro

preto e maior que eu, dos seus chifres gigantes saem cargas elétricas, como raios. Solta uma profunda fungada e acho que a raiva dele é maior do que eu imaginava.

— A minha conversa é com Ructon! — Cava o chã com uma das patas dianteira.

— O que você fez para ele? — Eu nem fiz questão de perguntar, só estou aqui porque Ructon apareceu dizendo que um de nós estava o ameaçando.

Ele não ia saber lidar com isso sozinho...

— Não ia imaginar que ele ia ficar zangado, pois ele já tem dois chifres um a mais não faz diferença.

— Não é hora para piada Ructon! Não o provoque mais! — O touro está pronto para atacar — podemos deixar isso passar, pois eu não vou deixar que você machuque essa raposa.

— Uma piranha, traidora, vadia, manchou o meu nome...

— Achei que tinha concordado com o relacionamento aberto!

— Seu mentiroso! — Lança um raio dos seus chifres para Ructon que pula se desviando dele — vou te ensinar uma lição!

— Não vai, não! Vamos colocar um ponto final nisso e cada um segue as suas vidas.

— Isso não vai acontecer! — Ele se prepara para atacar Ructon.

Santo Oric... Onde fui me meter.

— Então eu acho que vou ter que intervir.

— Quem é ele? Outro macho seu?

— Ele é só o meu anjo da guarda — cínico.

Depois de hoje eu vou dar uma bronca no Ructon. Nunca mais eu vou ajudá-lo com seus amantes. Nunca mais!

Quando ele tenta atacar Ructon, eu tomo a frente. Acontece que não quero machucá-lo, mas ele é forte e terei que usar os meus poderes.

O demônio orgulhoso cria uma tempestade, o que faz o show dos humanos se tornar um caos.

Ele não é tão forte como Rudá, mas é bastante poderoso.

Pingos pesados de chuva molham os nossos pelos e quando ele tenta me acertar com um raio, eu me defendo unindo as gotas formando um escudo.

— Não vai ser uma briga fácil... — Admito.

Ficamos no meio da floresta causando caos, algumas árvores derrubadas, algumas crateras formadas e solo destruído, e na medida em que o demônio percebe que não vai ganhar a luta tão facilmente, ele começa a liberar mais da sua raiva e dos seus poderes. O que faz a tempestade se tornar algo insuportável para os humanos.

Ouçó um forte barulho e a gritaria se alastra. Paramos de brigar ao perceber que alguma coisa aconteceu no show.

Eu sinto medo, desespero, angústia, ansiedade, pavor... Tudo isso vindo dos humanos.

Algo de ruim aconteceu com os humanos e acho que fomos o causador disso.

— Temos que parar! Vá embora! Já causamos danos demais! — Eu ordeno.

Ele nega... Como o corpo dele está completamente molhado, apenas o congelo, eu crio uma grande barreira de gelo em volta do seu corpo deixando apenas seus chifres, focinho e olhos do lado de fora.

Corro para o acampamento dos humanos e Ructon me segue, começo a zapar deixando Ructon para trás.

Ao chegar no acampamento me deparo com uma tremenda desordem, pessoas correm de um lado para o outro. Não imaginei que seria tanta gente e aquele demônio não cessa a tempestade.

Muitas pessoas machucadas sendo arrastadas pela ventania.

Não há mais palco, ele desabou. Um tornado leva o que restou do palco.

Algumas pessoas se seguram no que podem para não serem levadas pelo forte vento. Não posso salvar todos eles. O estrago já foi feito. E além disso... não posso me expor.

No meio de todo o caos há uma mulher e uma garotinha tentando se

manterem firmes para não serem levadas pelo vento, mas a mulher não consegue segurar a mão da garotinha e ela é a única criança no lugar.

A ventania leva a mulher e apenas a criança fica se segurando fortemente em um cabo grosso.

Por que há uma criança em um lugar como esse?

Ela está amedrontada e chorando. Minha cota de interferir na vida dos humanos estourou, afinal de contas eles estão nessa situação por minha causa e eu não pensei neles enquanto correspondia às provocações do demônio.

Zapo até ela. A criança se assusta, mas ela não tem muita opção para onde correr no meio desse caos.

— Venha comigo, sobe!

Ela é pequena, se tiver sete anos de idade é muito.

— Você fala?

— Vamos!

Jogo o meu corpo no chão e ela deita em cima de mim, zapo com ela para longe daquele caos.

O demônio touro não vai desistir tão fácil. Só atrasei ele.

Minutos depois, Ructon corre até onde estamos.

— Precisamos sair daqui! Vamos encontrar algum caminho na floresta. Não posso partir e deixar esse demônio furioso por aí...

— Certo — Ructon concorda e olha a garotinha — você salvou essa garota?

— Vamos! — Não o respondo.

Corremos floresta adentro, a garotinha segura firme em meu pescoço quase me sufocando, Ructon está em sua forma de raposa carregando sua cueca na boca. E eu nem sei onde deixei as minhas roupas, ou seja, terei que ficar na forma de urso até tudo acabar.

Quando ganhamos certa distância, ultrapassamos a tempestade. Paramos para descansar. Eu não sei quem é essa garota e não posso levá-la comigo.

A pobrezinha está tremendo de frio. Ructon se deita para descansar e eu sou encarado pela garota. Ela está pálida e totalmente perdida.

Acho que ela não tem medo de mim.

O que vou dizer?

Olá, eu sou um demônio... Não, vou assustar a pobre criança.

— Eu quero os meus pais...Eles ficaram lá, senhor urso.

— Nós vamos encontrá-lo. Prometo — balança a cabeça concordando, ela bate os dentes do frio que sente, vai acabar ficando doente — eu vou fazer algo e não se assuste, ok. Não vou machucá-la.

Mais do que ela está assustada...

Uso os meus poderes para secar suas roupas, seus cabelos têm cachos e ela usa uma touca colorida na cabeça. Um casaco jeans e bota azul.

A garota se senta ao meu lado, nada diz, se encolhe e acho que ela está completamente traumatizada com tudo. Acho que depois disso ela nunca mais será a mesma.

— Qual o seu nome? — pergunto.

— Xuxuzinho...

Ela não quer falar o nome dela. Está confusa. Na mente dela pode imaginar que nada disso seja real. Talvez ela pense que esteja em um pesadelo.

— Por que Xuxuzinho?

— Papai e mamãe me chamam assim.

— E como você chama eles?

— Xuxu é a mamãe, Xuxuzão é o papai — explica.

— Uma família de legumes, ou seria frutas? Interessante — diz Ructon.

— Daqui a pouco vai encontrar com eles — afirmo.

Eu estou cansado.

— E qual é o seu nome? — Me pergunta.

— Ursão — me reviro no chão com o corpo grande de urso e ela ri — já viu um urso desse tamanho?

— Não... — boceja.

— *E eu sou a raposinha, adorei os codinomes.*

— *Venha aqui, descanse um pouco, pequena, que daqui a pouco você vai estar ao lado da sua família.*

Ela se senta ao meu lado e timidamente encosta a cabeça em mim, eu acabo adormecendo profundamente, infelizmente estou na época de hibernação e como gastei energias é difícil segurar a vontade de apagar.



Apaguei e quando acordo a garota não se encontra mais ao meu lado. Ructon dorme. Eu sinto o cheiro da garota e do demônio aqui por perto. O seu grito faz eu zappar até ela.

O demônio está em sua forma humanoide, usando apenas uma calça preta.

— Um malvado... — ela está com tanto medo que seu coração está pulsando forte no peito.

Não consegue nem se mover.

Definitivamente ela está em choque...

— Você está quebrando todas as regras! — digo para ele — você sabe quem eu sou? — Minha voz ecoa na floresta — sou filho de Mathayus, os primeiros da linhagem, sou da linhagem real, não ouse me desafiar, até agora eu fui paciente com você. Sei que está com o coração ferido. Mas essas pessoas inocentes não têm culpa. Esse é meu último aviso. Vá embora!

Ele zapa.

Olho para o lado e a garota está desmaiada. Tenho que levá-la para longe disso tudo antes que ela acorde.

Conseguimos chegar numa pousada, Ructon foi de cueca até uma loja e conseguiu roupas, ele alegou que foi assaltado.

O aguardo no quarto, a garota está ardendo em febre e deitada na cama.

— Ela vai acordar e achar que isso tudo foi um pesadelo — diz Ructon.

— Espero que sim, precisa levá-la até uma delegacia e encontrar os pais dela.

— Sim, farei isso.

Deixo-a sobre os cuidados de Ructon.

Eu espero que ela consiga se recuperar disso. Espero que encontre os seus pais e que seja feliz.



Dias atuais...

Aquela garota era a Islay?

Encaro o seu corpo dormindo ao lado do meu. Agora que vejo seus cabelos cacheados e pele morena, olhos castanhos. Aquela garota inocente era a Islay. Preciso que Ructon confirme isso para mim.

Toco na sua cintura, nessa tatuagem de urso que ela fez. Ela me disse que os ursos são heróis.

Eu ainda não acredito.

Lágrimas descem dos meus olhos, acho que ela não será capaz de me perdoar. Por minha culpa tudo aconteceu.

Seus pais não sobreviveram, foram eles que estavam debaixo do entulho daquele palco. E era ela aquela garota traumatizada no meio daquela bagunça. E ainda por cima teve que lidar com as outras coisas. Teve que sobreviver a esse mundo.

Se não fosse por mim, ela teria seus pais ao seu lado. Teria uma vida diferente.

Ou melhor, ela teria a vida feliz que estava tendo.

Nós causamos aquilo. Nós interferimos na vida dos humanos. E eu tentei não levar a culpa adiante, apenas continuei a vida com o único objetivo de encontrar a minha fêmea e agora o destino me trouxe exatamente a humana que eu prejudiquei.

Sinceramente eu desejei saber o que aconteceu com aquela garotinha, queria ajudá-la de alguma forma.

Mas Ructon disse que não era bom nos envolvermos mais no destino dela.

Depois de tanto tempo aquela garotinha apareceu como uma mulher completamente diferente.

Desejei saber como aquela garota tinha crescido, se ela estava bem.

E agora ela está aqui. E eu a amo tanto.

Ela nunca vai me perdoar quando souber que não foi um acidente causado por alguma catástrofe ambiental, foi algo criado por um demônio.

Eu convivi com esse meu erro por muito tempo. Se eu pudesse voltar no tempo, encontraria um outro meio de parar aquele demônio longe dali.

Longe daquelas pessoas inocentes.

Islay poderia ter uma vida completamente diferente, eu mudei o seu destino. Eu já não gosto tanto dessa tatuagem de urso, eu não sou o seu herói. Acho que sou o grande vilão da sua vida.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

D e m ô n i o s r e a i s - E l i e A n j o

Hoje terei um evento com o meu candidato e Jandir se ofereceu para ir comigo, eu me confessei para ele e quem diria Islay? Você se apaixonou pelo homem das montanhas?

Como não amar Jandir sendo ele tão lindo e fofo? Jandir segura a minha mão enquanto caminha nas ruas ao meu lado, eu noto que ele chama atenção das garotas.

Peguei ele um pouco distante e triste.

Não sei o que está acontecendo, desde que tivemos aquela conversa sobre o meu passado ele ficou assim.

Eu fui sincera com ele e espero que ele esteja sendo sincero comigo também. Tiro algumas fotos com o candidato no meio da rua, ele está apertando as mãos de algumas pessoas e tudo o que tenho que fazer é ficar ao seu lado com um sorriso convincente de "vote nele, ele é o cara".

— Precisa ficar tão perto dele para tirar fotos? — pergunta Jandir, ficou chateado com alguma coisa — e por que ele tem que abraçar você?

Ele é ciumento e a sessão de fotos deve estar sendo uma tortura para ele. Depois da sessão de fotos Jandir me leva até a lojinha cor de rosa e compra uma torta.

A mulher do balcão da loja parece se conhecerem, pois conversam amigavelmente e ela é uma mulher bonita, com traços exóticos e bastante atraente. E me pergunto se ela e Jandir tiveram algum relacionamento.

Eu nunca pensei que teria ciúmes desse jeito, mas eu sei tão pouco sobre ele.

Se teve alguma mulher importante em seu passado?

Sim, ele havia mencionado sobre uma mulher e parecia muito importante a ponto de esperá-la.

Eu sinto um aperto em meu coração e na volta para casa fico remoendo o assunto. Jandir me pergunta várias vezes se está tudo bem comigo.

E quando finalmente chegamos em casa ele não suporta mais e pergunta:

— O que há de errado Islay? — Nesse momento ele está servindo um pedaço da torta que cortou para mim. Faço uma cara feia para a torta. — Não quer comer a torta?

— Quem era aquela mulher, Jandir? Vocês pareciam se dar muito bem...

— Ah... — Ele coça a nuca e aí tem coisa. Óbvio, Jandir é um cara muito lindo, não apenas por fora, mas por dentro também e com certeza é cobiçado por muitas mulheres, é de se esperar que tenha se relacionado com algumas delas e essa ideia não me deixa feliz — uma conhecida — responde apenas isso.

— Conhecida? — Repito e deixo em evidência minha insatisfação com a sua resposta — você troca risos com todas as suas conhecidas?

— Hun... Na... — Me observa. — Minha linda, você está com ciúmes?

Ele parece feliz com essa ideia.

— Não. Mas acho que você sabe muita coisa sobre mim e sei tão pouco

sobre você...

— Eu entendo, e sobre mim...Vou revelar tudo, o meu medo é que possa assustá-la a ponto de me abandonar aqui...

— Isso não vai acontecer — falo com firmeza — que tal começar a falar?

— Islay... antes de qualquer coisa quero saber se existe a possibilidade de você viver aqui comigo?

— Existe.

Mesmo eu não gostando tanto de florestas. Eu acho que se eu me esforçar mais um pouco supero a minha raiva por lugares como esses.

— Está disposta a abandonar a sua vida de cidade grande para viver com esse pobretão da montanha?

— Sim. — Sou sincera — se esse lugar faz você feliz eu ficarei aqui com você, eu já disse que você é tudo o que tenho, quando penso na ideia de voltar para minha antiga vida, não é tão emocionante e não faz mais sentido, porque você não vai estar lá.

Emocionado Jandir me leva até próximo ao balcão segura o meu rosto e dá um beijo, eu retribuo até nosso beijo se transformar em um amasso gostoso.

Depois ele afasta e diz:

— Vem, vou mostrar a você quem de fato eu sou. — Não o entendo, mas ele apenas segura a minha mão e juntos caminhamos para fora da casa, até a floresta, perto do rio — só peço que não me deixe...

— Isso não vai acontecer.

Jandir começa a se despir e eu rio disso. O que ele está fazendo? Vamos transar no meio da floresta novamente?

Isso é bom...

Quando ele tira a cueca Jandir fica de quatro na minha frente, parece muito concentrado, até o seu corpo começar a mudar de formar e pelos cresce de maneira rápida e descontrolada, meu coração bate forte e minhas pernas ficam trêmulas, me afasto do grande urso na minha frente.

É ele?

Claro que não, é tudo coisa da minha mente, foi o que sempre me falaram. O grande urso, o cara chifrudo e mal na floresta, a raposinha...

Tudo foi uma forma que a minha mente criou para superar o trauma de perder os meus pais daquele jeito.

As crianças não acreditavam em mim, tampouco os adultos. Foi ali que eu comecei a ser excluída, foram tantas coisas, mas eu não consigo esquecer do dia em que meus pais morreram.

Há um grande urso sentado me encarando. O urso parecido com o urso dos meus sonhos, o urso que tatuei porque achei que era o meu herói, mesmo que ninguém acreditasse no fundo sabia que aquilo era real.

Lágrimas inundam os meus olhos.

— *Sou eu, Islay...*

Claro, essa voz...

É a mesma voz...

Era Jandir o tempo todo?

— *Me reconhece?*

Levo a mão na boca e me sento no tronco, o mundo parece girar e ainda não acredito no que eu vejo. Minha mente gira em várias possibilidades e todas se resumem a uma — ele não é humano.

— *Sei que está confusa, mas esse sou eu. Não sou humano, sou uma criatura sobrenatural, uma das minhas formas é um urso, mas eu tenho outra forma também.*

— *Era você naquela noite. Tudo aquilo aconteceu? Você me salvou?*

— *Era eu, quando você me contou sua história, só me lembrei daquela garotinha. Tudo foi real, amor. Eu não contei nada até agora porque estava esperando o momento certo...*

— Você sempre foi o meu herói, sabe? Ninguém acreditou em mim...

— *Não chore amor, eu estou aqui agora.*

O urso se aproxima mais de mim.

— Chegou um tempo em que eu não compartilhei aquela experiência com mais ninguém, mas logo quando aconteceu eu contava para os

psicólogos, desenhava...

— *Eu entendo, sinto muito que tenha passado por tudo isso.*

— Não, você não precisa se desculpar. Eu sempre amei aquele urso porque se não fosse por ele, eu estaria morta.

— *Você me amou?*

— Sim, era o meu salvador, a única coisa de pura que mantive dentro de mim. Que achava que valia a pena amar.

— Você passou por muita coisa...

— Não vamos falar de mim — não quero focar nisso, Jandir voltou para mim porque ele é o meu destino — me diz sobre você, como consegue se transformar em urso? É igual a maldição do lobisomem? Como nos filmes, sabe?

— *Quase isso, há mais de seres como eu, sou metade demônio. Nós estamos no seu mundo há muito tempo, o mais importante da minha existência é você, sem você nada faria sentido...*

Há mais seres como ele?

Então aquele ser com chifres também estava lá?

Um grande urso pesado abre a boca, e carinhosamente encosta a cabeça em meu ombro..

— Não me diga que vai me devorar...

Jandir ri.

— *Só na nossa cama. Eu estava esperando você, cada macho da minha espécie tem uma fêmea humana destinada a ser dele, você é a minha. Por isso tem essa marca em seu pescoço. Eu a marquei como minha.*

— Minha nossa! — Toco em seu chifre — isso quer dizer que você vai viver mais tempo que eu...

— Não, se você tiver um filhote meu, você pode ser transformada em uma de nós, se tornará imortal também...

Paro de tocar nos seus pelos macios para encarar ele seriamente.

— É muita coisa para eu entender...

— *Eu sei...*

— Eu sempre imaginei sogras como demônios, mas isso é demais, ela será um demônio...

Jandir libera um riso grosso.

— *Você está pensando em sogras. Meus pais não estão vivos.*

— Ufa... — Volto a acariciar seus pelos. — É só isso que tem para me revelar?

— *Você achou pouco?*

— Eu sempre quis ter um urso — sorrio descontraidamente — isso não é um problema para mim, não tenho preconceito com outras espécies.

— *Eu penso o mesmo sabe...* — Jandir se transforma de volta.

— E além do mais isso é muito grandioso, eu sou a predestinada de uma criatura mística — Sorrio com puro prazer, estufo o peito, estou apenas provocando ele — não poderia ser mais perfeito.

— *Eu te amo, Islay. E sobre a morte dos seus pais...*

— Não fale um eu te amo seguido de tragédias. Foi uma tragédia e só estou viva porque você estava lá e me salvou.

Ele me abraça com a jiboia armada, mas eu não consigo esquecer a parte que terei um filhote. Oh, meu Deus. Não quero ser mãe jovem, mas se é para ficar com o Jandir para sempre eu farei qualquer coisa porque eu o amo. Eu nunca tive sentimentos tão fortes por alguém. Mas isso é porque sempre foi o meu urso imaginário que se tornou real.

— *Eu também amo você, Jandir.*



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Demônios reais - Elie Anjo

Dias depois...

Mais uma apresentação na casa de show e eu estou muito nervosa, eu notei que quase são as mesmas pessoas que estão na plateia em especial um grupo de amigos ou família que reservam boa parte das mesas.

Desta vez até crianças estão sentadas na mesa, aquela mulher ruiva linda com traços exóticos, porém ela parece estar acompanhada e deve ser mãe dos gêmeos que estão sentados ao seu lado.

Ainda assim, enquanto estou no palco percebo a troca de olhares entre ela e Jandir, como se não bastasse ele vai até o bar e ela o segue, estou com tanta raiva que erro a última nota da música.

Hoje eu comemorei tanto que o meu candidato ganhou, não me importei

com Enrico e com o que aconteceu com ele.

Eu saio do palco e como sempre sou muito aplaudida, eu tenho fãs, isso é muito bom e também o dono da boate está me pagando bem.

Como de costume Jandir sempre vem ao meu camarim após o show, mas ele me pega com a cara fechada, ele sempre traz água para mim ou uma bebida refrescante.

— Você foi perfeita como sempre... — Ele beija meu ombro.

E me arrepio com o gesto.

— Sai, não estou numa boa com você.

— Não? Por quê? — pergunta e passa a me olhar com preocupação.

Me levanto e pego a minha garrafinha de água, destampo e bebo, realmente estava precisando dessa água.

— Aquela garota de novo? Toda vez ela vem aqui e vocês ficam de segredinhos ou trocando olhares...

Ele leva a mão a nuca, claramente desconfortável.

— Não é bem assim, não tem nada acontecendo entre nós...

— Ah, pelo amor de Deus. Me leve para casa, eu cansei das suas desculpas esfarrapadas!

Saio do meu camarim chateada, ainda bem que já tinha trocada de roupa, eu deixo a minha mala para trás para ele trazer, pois Jandir sempre carrega ela.

Eu o ignoro o caminho todo até que ele cansa de puxar assunto comigo, mas quando chegamos em casa é inevitável fugir dele, antes de me afastar para ir para o meu quarto, ele segura a minha cintura por trás e me abraça.

— Venha cá, precisamos conversar — diz.

— Ah, não me diga.

— Não precisa ter ciúmes da Desi, nunca tivemos esse tipo de relacionamento, confie em mim.

— Mas...

— Eu confio em você, acha que não sinto ciúmes daqueles machos que ficam devorando você enquanto está no palco? Eu odeio Islay, tenho vontade

de arrancar os olhos deles...

Afasto o abraço dele, pois isso não é o suficiente sinto que há algo mais acontecendo e isso é desagradável, é desagradável ter a sensação que ele não confia tanto em mim para poder me contar.

Mas agora que eu sei que ele não é humano, obviamente Jandir tem uma vida mais complexa do que eu pensava, mas ele ainda não quer compartilhar comigo e isso me entristece.

— Eu estou cansada, boa noite.

— Mas hoje você vai dormir no seu quarto?

— Sim!

Quero que ele entenda o quanto está me magoando com os seus segredinhos, eu não nasci ontem sei que está escondendo algo de mim e eu vou descobrir.

Agora que eu decidi ficar aqui com ele, preciso saber mais sobre ele.

Tomo um banho e me jogo na cama, não consigo dormir chateada com ele.

Eu leio os comentários nas minhas postagens nas redes sociais, abro a caixa de mensagem do meu e-mail e leio um e-mail escrito:

Sou Jordan Alencar, eu conheci você através de um vídeo amador postado em uma rede social, acho que foi um dos seus fãs, sou dono de uma produtora e tenho uma proposta para fazer. Tenho certeza que vai gostar, vou transformar você em uma estrela.

Entre em contato comigo.

O meu e-mail está nas redes sociais, procuro pela produtora e descubro que é uma gigante no ramo. Essa é a minha chance. Eu posso conseguir tudo aquilo que eu quero. Fama e dinheiro...

Deixo o celular de lado e me viro na cama, acho que preciso conversar com Jandir sobre isso. A decisão está óbvia demais. Ele precisa saber disso.

Respondo o e-mail dando a minha resposta.



Depois de uma caminhada eu retorno para casa encontro um carro estacionado frente a ela. O advogado sai da casa as presas e quando me ver empalidece e entra no carro sem me cumprimentar. O que deu nele?

Jandir está na varanda com a mão na cabeça e todos os seus gestos é de uma pessoa ansiosa. Vou até ele, mordo o lábio e começo:

— Sinto muito por ontem. Não devia ser assim, não devia ter deixado o meu ciúme falar mais alto. Vou tentar melhorar nisso.

— Tudo bem — ele usa uma camisa de malha preta, usa uma das suas calças Jeans surradas.

Acho que me acostumei ver ele dessa forma, mas ele precisa comprar algumas roupas, ou eu posso fazer isso.

— Quando você faz aniversário? — Fico na varanda com ele.

— Eu não sei, sou um demônio que não envelhece e não me apego a datas... Mas você pode escolher uma data para mim — Jandir segura a minha mão e beija. — Por que perguntou isso?

— Esquece, eu só estava querendo uma desculpa para comprar roupas novas para você...

Ele ri.

— Sério? Acha que essas não estão boas?

— Vamos a muitos lugares...

— O que aconteceu?

Guio Jandir até o balanço na varanda da sua casa, sentamos nele.

— Eu recebi uma proposta de uma produtora, sobre a minha carreira de cantora. Tenho certeza que vai alavancar porque é uma boa produtora musical.

Jandir afasta a mão e desvia o olhar.

— Você aceitou, certo? Por isso que a primeira coisa que quer fazer é mudar a forma do seu namorado pobretão se vestir? — Nunca o vi mais estressado.

— Isso não é verdade. O que está acontecendo? Esses dias você anda meio estranho.

— Estou bem.

— Eu disse não. Não sou estúpida, se eu me tornar famosa não vou poder ficar com você, seria exposto, os humanos não podem saber quem você é, certo? E nem a mim. Seria estranho não envelhecer...

Ele me encara perplexo como se nunca tivesse imaginado que a resposta seria essa. Ele aninha no meu rosto e eu vejo seus olhos cintilarem, tornando-se mais úmidos. Ele ficou emocionado por causa disso? O que está acontecendo com ele?

Achei que estávamos juntos nessa? Por que minha escolha seria diferente? Não entendo o porquê dessa sua reação.

— Você é a melhor coisa que aconteceu na minha vida, obrigado por me escolher.

— Achei que éramos namorados. Achei que tinha deixado claro que minha escolha é você. Não vou a lugar nenhum sem você. E sobre os muitos lugares que eu disse que vamos, me refiro a outros encontros por aí...

Ele beija de leve os meus lábios.

— Vamos a qualquer lugar que você quiser.

— Para isso temos que trabalhar muito...Ainda bem que tenho um emprego naquela boate. Agora que o meu candidato ganhou, estou pensando em consegui um emprego na prefeitura também...

— Sobre isso... Não é algo que você precisa se preocupar.

— Como não bobinho? Somos pobretões! — Pisco para ele — sério, eu não tenho nada, essa era a minha chance de ser rica e famosa, mas eu não me arrependo.

— Farei com que não se arrependa.

— Então que tal ir lá dentro e preparar alguma coisa para comermos? Estou morrendo de fome.

— Já está pronto, vem.

Ele me leva para casa, eu gosto muito da ideia de que não estou sozinha e que pela primeira vez estou construindo algo que não seja a base da

mentira, da rejeição e da solidão. Isso é real, Jandir me ama de verdade e eu a ele.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

D e m ô n i o s r e a i s - E l i e A n j o

Eu confio em Jandir, certo, confiei nele até o celular dele tocar e eu atender. Ele estava na garagem trabalhando em uma encomenda, a voz era de uma mulher e tenho certeza que era aquela mulher!

Então eu saio cedo e o deixo na sua garagem trabalhando, claro que estou indo tirar satisfação com essa tal de Desi. Quero saber o que ela é ou foi alguma coisa na vida de Jandir...

São amigos?

Eu duvido Jandir ter sido apenas amigo de uma mulher atraente como aquela. Eu penso que em algum momento eles se relacionaram.

Sempre fui amante na história e não tive um exemplo de homem fiel.

Tenho medo. E ele está alimentando esse medo com todos os seus segredinhos.

Ele prometeu ser sincero comigo e não entendo o motivo de fazer o

oposto. Droga.

Agora estou aqui querendo chorar, mas não vou dar esse gostinho para nenhum outro homem.

Entro na lojinha com a desculpa que quero comprar uma torta, a atendente é Desi, sorri empolgada ao me ver e pergunta:

— Olá, veio sozinha? Jandir não...

— Tá legal, o que você quer com ele? — pergunto toda armada.

Ela parece se lembrar de algo e faz a expressão "ah, isso", pois eu sabia! Aí tem coisa.

— Hun. Nada é... Vai pagar no débito ou crédito, em dinheiro? — Muda de assunto rapidamente.

— Eu não gosto de você perto dele, me entendeu? Fique longe!

Eu jogo a quantia do dinheiro no balcão, pego a torta de qualquer jeito. Em seguida aparece no meio da loja vazia uma garotinha de cabelos negros e olhos azuis, tão linda que parece uma boneca.

Ela me encara com raiva e diz:

— Não brigue com titia, Desi — coloca a língua para fora. Ela me deu língua, a garotinha me deu língua — cadê o meu tio, Jandir? Por que não posso mais ver o meu tio?

— Aurora minha querida, o que falamos sobre zapar na loja?

Zapar? Eu vejo Jandir se teleportar por aí e ele me disse que é zapar. Então eles são criaturas como Jandir?

— O que quer dizer com tio, garota?

— Pois ele é o meu tio, o melhor de todos!

Desi leva a mão até a testa e morde o lábio, acho que Jandir não queria que eu descobrisse essa parte. Logo em seguida outro homem zapa na loja, ele tem os mesmos olhos de aurora, veste um terno elegante e caro. Banhado de classe e beleza, ao me ver o encarando empalidece.

Tem coisa aí...

— Filha não pode sair zapando por aí...

— Você também fez isso papai...

— Estou procurando por você, sua pequena levada — a pequenina corre até o pai. — Não tivemos a chance de nos conhecer, sou Rudá, o irmão mais velho de Jandir, essa é a Desi a esposa do Marlon, nosso irmão também.

Jandir tem uma família e não me disse nada?

— Prazer. Tenho que ir.

Saio da loja com pressa, estou envergonhada nem sei onde enfiar a minha cara, não apenas isso, eu me sinto traída.

Caminho desorientada pelas ruas.

Jandir por acaso tem vergonha de mim?

Eu pareço tão terrível assim para ele não me apresentar para sua família?

Acho que aquele cara da boate pode ser da sua família também. Claro, ele disse um amigo, mas Raony foi muito gentil comigo, eu sabia que tinha algo a mais.

Me sento no banco da praça com a torta ao lado, começo a colocar em ordem os meus pensamentos.

Rudá parecia um cara com grana.

Raony também...

Ele estava escondendo sua família rica de mim?

Por quê?

E agora que penso sobre aquelas cerâmicas chinesas, carro de luxo e móveis caros em sua casa, tudo é equipado com aparelhos de última geração.

Pelo menos a sua cozinha...

Eu nunca me senti tão triste na vida, porque ele me fez me sentir assim. Eu choro sozinha no meio da praça.

— Islay... — Jandir aparece em minha frente — querida o que foi?

— Ainda pergunta? — Me levanto do banco com as mãos trêmulas, pois me sinto sem dignidade nenhuma, por amar um homem que acha que sou indigna de conhecer sua família e pior ainda por achar que... Não, eu preciso ouvir dele — Por que não me disse sobre sua família?

— Eu sinto muito Islay...

— Só responde.

— Eu achei melhor dessa forma, quando a conheci você dizia que dinheiro era seu tudo e eu não queria que...

— Que eu ficasse com você por causa da grana? — Mais lágrimas descem dos meus olhos — nesse momento você me faz me sentir um lixo.

— Não...

— Me faz sentir que sou uma merda!

— Eu não a conhecia como agora.

— E mesmo conhecendo nada mudou, você não me contou...

— Eu ia contar...

Ele tenta se aproximar de mim e me afasto.

— Não ia não, eu estava levando você a sério, mas acho que só fui eu — isso dói e mesmo vendo seu olhar abatido e desesperado eu não me abalo e prossigo: — deve ser por isso que dói tanto, a confiança que tinha em mim era falsa. Tem mais coisas? Eu quero saber tudo!

— Não. Não diga isso, eu confio em você, eu amo você...

— Você foi capaz de mostrar para mim seu lado criatura sobrenatural, mas eu não era digna de conhecer sua família? Uau...

— Não. Islay...

Ainda não quero acreditar nisso. Não quero perder Jandir, mas eu prometi que nunca mais um homem ia me fazer de trouxa. E Jandir me fez de idiota. Por pior que sejam as minhas verdades, eu contei tudo sobre mim para ele.

Eu dei o meu coração e estava disposta a viver aqui com ele para sempre. Vivendo uma vida que não planejei, porque eu descobrir que acima dos meus planos está a minha felicidade e nem sempre aquilo que planejamos é aquilo que nos faz feliz. Eu aprendi isso com ele.

O que me faz feliz não é a porra do dinheiro porque sempre tive isso naquela época, e não era feliz e queria mais, achando que não era feliz porque o dinheiro que eu tinha não era o suficiente.

Mas aí apareceu Jandir e toda a simplicidade que me apresentou. Eu vi a vida do seu ângulo e simplesmente me achei completa. Eu amei cada minuto

que passamos juntos.

Eu amei mais ainda saber que ele é o meu urso, o meu herói e que eu era tudo aquilo que ele disse.

— Eu entendi, eu não sirvo para apresentar a sua família, eu já passei por isso, Jandir. Uma mulher como eu só serve para ser a outra e não...

— Não! Você está errada, eu não pensei dessa forma, eu não quero te perder desse jeito...

— Tem mais coisas?

— Vamos conversar em outro lugar — ele segura o meu pulso e me leva para a floresta. O rio. — Me escuta. Só me escuta. Há realmente mais coisas, quando me disse sobre os seus pais. O que aconteceu com eles não foi um acidente causado pela natureza, quer dizer foi, mas foi algo provocado, — Jandir estende a mão para o rio e a água começa a se agitar — foi algo criado por nós e naquele dia eu estava lá não para salvá-la, entrei em uma briga com um demônio, nos excedemos e causamos todo aquele caos.

Então o demônio com chifres realmente existiu. Me afasto de Jandir tentando me lembrar de mais coisas, eu lembro que o clima mudou de repente. Muitas pessoas se machucaram, incluindo a mulher que estava responsável por cuidar de mim enquanto meus pais faziam o show. Não lembro com clareza, mas...

— Você ia me contar? Se eu não tivesse descoberto isso...

— Não. Não ia, sinceramente eu não ia. Não por agora, pois tinha medo de perder você, esperei muito tempo por você, não queria arriscar... Você não sabe o quanto é importante para mim. Nesse momento eu posso sentir toda a sua raiva, tudo aquilo o que eu não queria que sentisse por mim...

— Como as coisas chegaram a esse ponto? — Ele está chorando como eu estou, mas não tão ferido e magoado quanto eu — a culpa foi sua? Eles morreram porque...

Eu não quero acreditar nisso.

— Sim. Não posso culpar apenas aquele demônio, pois ele estava brigando comigo, o deixei com raiva, criamos tudo. Eu também sou culpado pela morte dos seus pais. Não pensei nos humanos, apenas em detê-lo para não machucar um amigo...

— A raposa?

— O Ructon, o advogado.

— Ah, claro...

Agora tudo faz sentido.

— Eu pedi para ele pesquisar se era realmente você, naquela época ele entregou você à polícia, eu não sabia que seus pais morreram...

— Não! — Me afasto dele — isso é um pesadelo. Por que eu não posso ter nada? Por que não posso construir nada verdadeiro? Eu achei que era isso o que estávamos fazendo.

— Tudo o que vivemos foi real. Eu te amo. Nós temos tudo o que criamos durante esses meses...

— Nesse momento deveria saber que amor não é o suficiente! Eram os meus pais! Era a minha vida!

— Você está com raiva de mim...

— Estou. Com raiva e decepcionada, mais pelo fato de ter mentido para mim e confessado que jamais eu saberia o que aconteceu. Aquele evento mudou toda a minha vida. Assim como essa situação vai mudar tudo entre nós.

Deixo ele para trás e corro de volta para casa, ele não me segue. Eu estou com muita raiva. Novamente voltei à estaca zero, tenho esse vazio, nunca vou conseguir ter nada real na minha vida, sempre terei que me contentar com alguma ilusão.



CAPÍTULO VINTE E SEIS

D e m ô n i o s r e a i s - E l i e A n j o

Eu posso sentir amargura e raiva mesclando em suas expressões, eu estava esperando o momento ideal para apresentar a minha família. Eu até comecei a programar um almoço em família com as meninas.

Mas claro, que antes de apresentá-la eu ia contar tudo e também perdi perdão, como estou pedindo agora.

Isso não é o suficiente no momento. Os pais dela era a única família que ela tinha

Islay desce as escadas arrastando suas malas. Me desespero tanto com essa imagem.

— Eu já pedi perdão...

— Isso não é o suficiente!

— Então me diz o que vai ser suficiente.

— Eu posso perdoar Jandir, mas algo mudou.

Ela não confia mais em mim.

E ela confiava em mim a ponto de me contar mais sobre ela. Eu fiquei tão feliz quando desabafou comigo o quanto se sentia sozinha.

Eu não posso obrigá-la a ficar aqui comigo, como quero fechar essa porta e manter Islay aqui comigo.

Ructon me preparou para esse momento, ele me disse que se eu contasse a verdade ela partiria, me deu algo para entregar para ela caso isso acontecesse.

— Você não tem ideia para onde ir, certo?

— Não, só quero ir.

— Espere aqui.

Zapo até o meu quarto e pego a agenda que Ructon me entregou. Volto para sala e ela já está na varanda me aguardando. Ela quer partir e nesse momento estou colaborando para isso, vou apenas dar um lugar para ela ir. Ructon me garantiu que isso ia dar certo.

Islay olha com curiosidade para a agenda, abro e pego um mapa, tem várias anotações feitas pelo Ructon.

— A raposa fez isso para você, quando ele deixou você na delegacia ficou sabendo da tragédia que aconteceu com seus pais. Se sentiu culpado como eu me sinto, mas ele não me disse nada porque não queria que eu me envolvesse com os humanos, mais ainda...

— E...? — pergunta impaciente e ansiosa.

— Ele fez um mapa e anotações de todas as cidades que seus pais fizeram shows antes de chegar na última, vocês viajavam em um ônibus...

— Eu me lembro disso — entrego a agenda para ela — pelo menos agora tenho um ponto de partida. Obrigada.

— Leve o meu carro — pego a chave do meu cóis — pode levar com você o que quiser.

— Obrigada, mas não precisa, eu ainda tenho uma grana e me viro...

— Por favor... — insisto.

Coloco as chaves na palma da mão dela e ela concorda:

— Eu não vou voltar para devolver o seu carro.

— Faça uma boa viagem — beijo a sua bochecha — se cuida amor.

— Você realmente acha que eu vou voltar?

Não respondo nada. Eu estou confiando agora no nosso destino, mas ver Islay partir dói. Dói saber que não vamos mais estar juntos todas as manhãs, todas as tardes, todas as noites. Esse lugar não é o mesmo sem ela.

Nas primeiras horas sem ela, eu entrei em desespero e passei a focar em controlar a vontade de simplesmente zapar até ela. Não posso. Não quero que ela me mande para longe e ser impedido definitivamente de zapar até ela.



Alguns dias se passam e não importa o lugar no mundo em que ela estiver a qualquer momento eu posso zapar até ela.

Mas fazer isso com ela com raiva é muito arriscado.

Ela vai me mandar ficar longe e perderei para sempre a chance de um reencontro, de ter uma nova chance.

— O senhor não pode ficar sem comer tio. — Gael está na cozinha fazendo comida para mim. Eu dou risada com a ideia de que algo de bom vai sair daí, pois Grace está mandando ele trazer comida todos os dias. — Estamos preocupados com você...

— Eu não vou morrer por inanição...

— Mas vai sofrer com fome, pois sei que sente fome — ele sai da cozinha com um sanduíche. — O melhor que pude fazer para seu almoço.

— Obrigado — pego o sanduíche para não fazer descaso do esforço dele. Não é ruim, está muito bom. Mas eu como apenas por comer — acho que ela ia gostar de você.

— Então por que não falou sobre nós? Meu pai disse que o motivo dela ir embora foi por esconder isso dela... — Gael se joga no sofá. — Eu não penso em ter uma fêmea assim, sabe, mas quando eu perdi um amigo também fiquei triste.

— Você está falando do seu guardião?

— Isso.

Ele ainda não conseguiu esquecer esse evento, mesmo com tantos amigos na escola, mesmo não sendo tão solitário assim Gael é incapaz de esquecer seu primeiro amigo de infância. Se ele fosse uma fêmea eu entenderia, porque é pouco provável que Gael tenha se apaixonado por um macho.

Pois, ele tem muitas namoradinhas por aí. Mas, àquela foi a grande primeira perda na vida dele e isso ele não conseguiu esquecer.

Não estamos acostumados a perder algo.

— Sabe o que eu acho? — Ele continua — acho que devia ir atrás dela

de uma vez. É tudo ou nada...

— Não é tão simples assim, se ela me rejeitar e me mandar ficar longe terei que ficar longe. Agora eu posso ir para perto dela e saber se está bem.

— Eu espero que ela consiga perdoar.

Eu não tenho notícias dela a semanas, liguei, mandei mensagens. E ela me bloqueou.

Fêmea rancorosa.

Eu não tiro a razão dela. Eu também estou com muita raiva de mim, mas a noite me pego cheirando a sua fronha e chorando sua ausência. Em nenhum momento pensei em desistir dela, estou apenas respeitando o tempo que ela precisa.

Mas que ela não demore ou vou enlouquecer de saudades.

Eu começo a causar um caos na minha floresta, faço um vendaval tremendo e no meio do rio há um abismo. Crio um abismo separando as águas.

Um abismo como o meu coração. Não passa de um completo vazio. E no momento tudo o que posso fazer é chorar pela partida da minha fêmea.

— Jandir... — Ructon chama por mim, se aproxima e paro de fazer o caos, bufo, estou na minha forma de urso agora — sabe que isso não vai trazê-la de volta então não destrua as coisas.

— O que quer aqui? Eu disse que queria ficar sozinho.

— Não vou deixar você assim — ele tira um cigarro para fumar — eu também estou preocupado com ela, bom, nem tanto porque sei onde ela está.

— Sabe? — Me transformo e procuro pela minha roupa que deixe perto do Rio.

— Pelo GPS do seu carro, pelas anotações que eu fiz. Sei de tudo e também sei qual o destino dela.

— A cidade onde os pais dela morreram... — Isso é previsível.

— Sim — já vestido me sento no tronco ao lado de Ructon — humanos precisam dizer adeus, ela era muito novinha e acredito que depois de todo aquele caos, ela não teve oportunidade de dizer adeus para os seus pais...

— Como não?

— A garota vivenciou coisas anormais, Jandir, ela deve ter passado por coisas complicadas para uma garotinha, os corpos dos seus pais não foram encontrados. Porque não restou nada... Ela nem teve a chance de enterrá-los. Não sabe nada sobre eles.

Meu coração pesa.

— Só tem algumas lembranças.

— Isso. Nesse momento ela está passando por um luto, é o adeus, mas... se você quiser podemos persegui-la.

— Acha uma boa ideia?

— Claro. Vamos segui-la de longe, acho que isso vai te fazer bem. Mas tem que me prometer que não vai se aproximar dela. Eu tenho certeza que depois disso ela vai te procurar.

— Por quê? Por que acha que ela vai voltar?

Ructon tem um sorriso malicioso no canto da boca.

— Ela te ama. E tenho certeza que amou mais ainda por ter deixado ela ir se despedir dos pais.

— Poderia ter me levado — falo zangado — ela quer me manter longe porque ainda tem raiva de mim.

Ructon sopra a fumaça no ar.

— Isso é normal, vai passar, mas ninguém é obrigado a perdoar nossos erros. Vamos para um hotel na cidade em que ela está, acho que vai levar mais um mês ou mais para ela chegar no destino final.

A ideia de que vou ficar perto dela me faz me sentir melhor.



CAPÍTULO VINTE E SETE

D e m ô n i o s r e a i s - E l i e A n j o

Encaro novamente o resultado do exame e ainda não acredito que deu positivo. Como posso ficar grávida em um momento como esse? Saio do banheiro do quarto do hotel a procura de algo pontiagudo e que não cause tanto dano, mas eu não encontro nada.

Tenho que sair às pressas para ir na loja de conveniência, compro uma agulha e o balconista fica perplexo ao me ver alfinetar a ponta do meu dedo. Deve achar que sou louca.

Fico alguns segundos encarando o meu dedo, alguns minutos se passam e impaciente o balconista pergunta:

— A senhora está bem?

— Não! Por que isso não regenera? O que isso quer dizer? — Mostro o

meu dedo para ele.

— Que a senhora é humana? — Reviro os olhos para o jovem balconista.

Saio da loja segurando a agulha, coloco ela presa no meu casaco. Eu não posso me regenerar e estou grávida. Vou ligar para Jandir?

Nunca!

Não quero me sentir um lixo quando ele achar que essa criança não é dele. Eu tenho que seguir ao meu destino final e faltam mais algumas cidades para eu passar.

Eu sinto falta dele, mas isso não quer dizer que eu não esteja bastante chateada com ele. Pego o meu celular do bolso e fico vendo algumas fotos que tirei dele sem que ele percebesse, dormindo, na cozinha, cortando lenha e até mesmo na sua forma de urso.

Eu conheci alguns lugares em que passei com os meus pais, mas eu não me lembro de muitas coisas e até agora eu não encontrei com alguém que conhecia eles. Às vezes eles se hospedavam em hotéis como o que eu estava hospedada.

Tenho poucas lembranças deles. E quero pelo menos passar por todos esses lugares e chegar na última cidade para dizer adeus. Depois eu não sei o que fazer da vida. A primeira coisa que fiz quando saí de Santa Maria foi comprar um violão. Ando praticando com ele.

Eu não era boa com o violino, mas percebi que não tenho dificuldade em lidar com o violão. Assisto aulas na internet e me arrisco em tocar músicas com poucas notas.

Agora que estou grávida as coisas vão mudar. Devia estar feliz pelo fato que o pai dessa criança é rico. Bufo e ligo o carro. Eu não queria isso? Ser rica? Poderia simplesmente entregar a criança para o pai e pegar uma gorda pensão, já que ele acha que sou interesseira, é só lembrar disso que fico com raiva.

Não acredito que Jandir fez isso comigo. Olha eu aqui novamente,

chorando por ele.

Mas eu estou determinada a chegar no final desse mapa, nesse momento isso significa muito para mim.

Algo que me diz para ir para lá. Algo me diz que eu preciso me despedir.



Um mês depois...

Eu estou gastando toda a minha grana nessa viagem, tudo aquilo que eu conseguir com os candidatos e fazendo os shows, eu estou gastando em gasolina, hospedagens e em comida e agora comprando algumas roupas mais folgadas, pois a maioria das minhas roupas são justas.

A minha barriga está crescendo rápido demais. Afinal de contas estou grávida de uma criatura sobrenatural e estou cansada de alfinetar os meus dedos. Eu não me regenero.

Como posso falar com o pai dessa criança desse jeito?

Não...

Não quero passar por aquilo novamente, eu não quero ser rejeitada pelo homem que amo, não quero que ele desconfie de mim ou sei lá.

Eu não sei o que está acontecendo, não posso ir ao médico e fazer exames.

Estou em um hotel na cidade, usando uma roupa barata que comprei na estrada, pego o violão e começo a praticar, eu li que música acalma o bebê não que o meu precise porque o acho quieto demais, também li que eles começam a se mexer a partir da décima sexta semana de gestação, ainda não cheguei lá.

— Ei, marrento, você não vai me fazer imortal? Saiba que seu pai não vai gostar de saber disso.

Toco uma melodia.

Uma música que não sai da minha mente, eu acho que era a canção de ninar que meus pais cantavam para mim.

A melodia é fácil de gravar.

Quando eu toco essa música me sinto menos solitária, eu nunca dei a chance para as lembranças dos meus pais preencherem a minha mente. Tudo parecia distante da minha realidade, às vezes eu pensava que eles não existiram, assim como tudo o que aconteceu no dia em que eles morreram.

Cada ano que passava, a ideia de que um dia eu tinha um lar parecia uma fantasia.

Fecho os meus olhos enquanto eu canto, parece que tudo o que vivi com Jandir foi uma grande fantasia também, cada momento que passamos juntos as vezes inunda a minha mente, eu era tão feliz com ele, tão feliz achando que finalmente tinha encontrado um lar verdadeiro. Por que as coisas tinham que ser assim? Por que tudo na minha vida termina em tragédia?

Eu não quero perder Jandir como perdi os meus pais, agora tem o nosso bebê, queria tanto que ele estivesse aqui comigo e ao mesmo tempo não quero ouvi-lo dizer que tem um grande problema comigo ou com essa criança, pois o certo seria eu me regenerar.

Ao terminar de cantar abro os olhos e fico perplexo ao ver os objetos do quarto levitar. Eu continuo tocando e me levanto com delicadeza.

— Você gosta dessa música? Essa é a forma de falar que é filha ou filho do seu pai? Ou você é marrento e se acha como a mãe? — Continuo apenas tocando o violão — ah, você gosta de se exhibir, ein? Gosta de estar na frente dos outros bebês? Pois é, eles só chutam. Quem liga para isso, não é? Quando se tem poderes para fazer isso?

Acho que já posso ligar para Jandir.

Como vou falar isso para ele?

Ele vai ficar bravo comigo.

Não... Calma.

Jogo o violão na cama. Eu estou perto de chegar ao meu destino final, quando isso acabar eu ligo para ele.

— Seja paciente, ok? Daqui a pouco vai conhecer o seu pai...



CAPÍTULO VINTE E OITO

D e m ô n i o s r e a i s - E l i e A n j o

Quase três meses e ela não liga para mim, não atende as minhas ligações, e eu não entendo o porquê de não ter me contado que está grávida.

Como se eu fosse deixá-la sozinha por essas estradas.

Ructon tinha razão em seguirmos ela.

Na noite em que ela estava cantando eu estava no quarto ao lado, senti a presença do nosso bebê e eu ouvi as coisas que ela falava. Só queria zapar até ela.

Graça a Oric que estamos na última cidade. Onde tudo aconteceu, onde seus pais morreram.

Comprei até roupas novas. Roupas de inverno.

Será que ela tem roupas de inverno?

Tem dinheiro para comprar?

É fácil segui-la por aí. Nos primeiros dias Ructon me impedia de ir até ela. Agora eu estou lidando com o fato que estou perto dela sem poder falar com ela ou tocá-la.

Nesse momento a vejo encher o tanque em um posto de gasolina, ela está com um casaco, mas não é tão grosso assim.

Procuro por um shopping na cidade, eu passo por uma loja de roupas de bebês também, eu fico olhando todas essas coisas fofas e imaginando se o nosso bebê é uma garota ou um garoto.

Eu senti uma presença mais delicada, então há grandes chances de ser uma fêmea, pois foi a mesma sensação que eu tive com as minhas sobrinhas.

Compro uma camiseta branca, uma cor neutra já que eu ainda não sei o sexo e isso para mim não importa.

Também compro casacos grossos femininos. Mais cedo eu vi uma loja no shopping de estampas então tive uma ideia, também comprei uma camiseta branca para ela e para mim.

Vou até a loja de estampas.

A noite eu volto para o hotel, Sinto o cheiro e a presença dela em seu quarto, eu estou hospedado logo ao seu lado, nem sempre tem um quarto ao lado do seu, por sorte tinha nesse hotel.

Coloco as sacolas na sua porta e bato nela. Entro em meu quarto antes dela abrir.

Ouçoo seus passos indo abrir a porta. Se ela quis me torturar, conseguiu fazer isso nos últimos meses.

Eu sinto a falta dela. Tanto que dói. Eu não sei mais viver sem Islay.

A sua barriga está tão linda, ainda bem que estamos no destino final. Não está sendo fácil para ela, só quero que ela saiba que eu estou por perto.

Que não está só.



Alguém deixou uma sacola na minha porta, uma sacola cheia de casacos para o inferno, soube que era Jandir ao ver uma camiseta de bebê e uma feminina estampada com um tomate.

— Seu pai está por perto, viu?

Onde ele está? Será que ele já foi?

Eu só tenho mais um lugar para ir antes de ligar para ele. Mais cedo na cidade, eu tive a sensação de estar sendo seguida, mas não dei atenção a isso embora a sensação não fosse agradável. Não sentir isso em outro lugar.

Eu devo estar assim porque foi aqui onde tudo começou. Onde perdi os meus pais e onde vi Jandir pela primeira vez.

Visto a camiseta com estampa de tomate para dar sorte, uso um casaco grosso que ele comprou.

O parque onde meus pais fizeram show ainda existe, porém durante o dia é bastante movimentado e quero fazer isso sozinha.

Espero anoitecer para sair do quarto, dirijo até a o parque, há muita floresta em volta dessa cidade, ela é igual a Santa Maria nesse aspecto.

Estaciono no parque e me decepciono ao ver a área onde acontece o show fechado, fizeram um memorial para as vítimas.

Não consigo enxergar direito, pois o lugar está cercado por um jardim.

Há uma cerca e não vou pular...

Retorno para o estacionamento, amanhã eu voltarei aqui mais cedo. Pego o meu celular para ligar para Jandir, vejo alguém perto do meu carro.

Eu sorrio, o homem está de costas e usa um casaco grosso.

Jandir...

Cortou o cabelo?

Pintou o cabelo?

Quando ele se vira percebo que não se trata de Jandir, fico confusa, mas seus olhos negros e altura...

Eu conheço esse rosto, está escuro como daquela vez, mas eu sei que é aquele ser chifrudo.

Ele se aproxima mais de mim.

— Não tenha medo...

Ele diz, mas eu corro dele em direção oposta. Grito por que alguém nesse maldito lugar tem que me ouvir. Oh, meu Deus. Se alguma coisa acontecer com essa criança, eu nunca vou me perdoar.

Por que ele está aqui?

O que ele quer de mim?

Jandir disse que eles entraram em uma briga, então se ele está aqui não acho que seja por um bom motivo, talvez queira se vingar.

E agora pode saber que carrego um bebê do Jandir.

Eu chego no limite da cerca. E ele continua me perseguindo.

Antes de dar um outro grito pedindo socorro, alguém o derruba no chão, grito novamente.

Os cabelos longos de Jandir estão presos em um coque, ele usa um sobretudo preto.

— Vai Islay! Eu encontro você no hotel! — ordena imobilizando o demônio no chão.

O demônio revida com um soco e diz:

— Por que sempre se mete em meus assuntos?

— Ela não é um assunto seu! Seu assunto é comigo! — Jandir também soca ele e em seguida é arremessado na grade perto de mim — vai amor, eu

vou ficar bem, se ficar aqui não vou poder brigar a sério com medo de machucar vocês.

Eu concordo.

Logo em seguida Jandir zapa e reaparece perto do demônio que já está de pé, ele soca o estômago de demônio e ambos desaparece, o caminho está livre para eu correr.

Então corro até o carro.

Estou com tanto medo, toco no volante do carro com as mãos trêmulas.

Alguém bate na janela do carro e vejo que é a raposa.

— Você não tem condições de dirigir assim, deixa que eu te levo.

Ele está fumando, tem olheiras em volta dos olhos, eu saio do carro correndo e vou para o outro lado. Ructon fica na condução e dirige com habilidade para longe dali.

— Ele é um ex, foi por minha culpa que tudo aconteceu. Então Jandir só estava...

— Eu sei, ele me contou. Não quero saber disso. Jandir vai ficar bem?

— Sim.

— Obrigada por ter feito aquele mapa, foi um trabalho muito dedicado.

— Isso se chama culpa. Eu não me importo com os humanos, mas me importo com a ideia de que por minha culpa os pais de uma garotinha foram tirados dela. Depois que soube quem era você as coisas só pioraram, a vida que levou...

— Eu não o culpo se quer saber.

Ructon me olha surpreso, mas não diz mais nada e me leva para o hotel, mas não entra no quarto, fica do lado de fora fumando outro cigarro.

E se Jandir se machucar?

Tomo um banho para tentar me acalmar um pouco, visto alguma roupa porque se acontecer alguma coisa estou pronta para ir.

Fico andando de um lado para outro, depois de quase duas horas escuto alguém bater na porta.

Vou correndo abrir e sou envolvida em um imenso alívio ao ver Jandir. O abraço forte e ele retribui com a mesma intensidade.

Fecha a porta e diz:

— Garota má, senti sua falta — beija minha testa — você está bem?

— Sim, e você?

— Melhor agora — faz carinho em meu rosto.

— Sabe, eu estou grávida.

— Isso não é novidade para mim — ri — novidade é você me contar isso só agora com essa barriguinha saliente — toca nela — por que não me disse?

— Eu não consigo me regenerar — confesso, vejo sua expressão divertida ficar preocupada.

— Isso é um problema — volta a me abraçar e eu sabia que seria um problema — mas eu sei que vai ficar tudo bem com o nosso bebê e com você — beija a minha testa.

— Eu fiquei com medo de não acreditar...

— Para de ser boba.

— Estava esperando o momento certo para contar, precisava terminar essa viagem — levo ele até a cama — então, o que aquela criatura queria?

— Isso não importa agora, temos muito o que conversar. Você vai voltar comigo para nossa casa?

— Sim.

Jandir me beija com urgência, eu retribuo, ele deve estar na mesma situação que a minha além de sentir sua falta estamos sem sexo por um tempo. Suas mãos seguram firme a minha cintura, ele me deita na cama e fica por cima de mim .

— Não vai mais fazer isso, foi horrível ficar longe de você e depois foi horrível ficar perto de você sem poder te tocar.

Tira o seu sobretudo, Jandir me beija, me mordisca e sinto a sua ereção.

Eu também não fico parada e tiro as minhas roupas, depois que ele tira as suas e fica apenas de cueca, me ajuda a tirar as minhas, embora a minha barriga esteja grandinha, acho que isso não será um problema e tudo o que ele faz é beijar e acariciar ela.

Eu vejo tanto amor em seus olhos que não há espaço entre nós para rancor. Jandir abre as minhas pernas e me faz gemer logo no primeiro toque com a sua língua. Me reviro na cama um pouco assustada com a intensidade do meu próprio tesão.

Ele fica um tempo fazendo carinho nela, depois beija a minha coxa e fica por cima de mim com cuidado, segura o meu queixo e me faz olhar para ele, seus olhos estão vidrados em mim. Verdes e um pouco vermelhos como se segurasse todas as lágrimas e a dor desses meses longe um do outro.

— Eu sinto muito — digo.

— Promete, Islay.

— Eu prometo, não vou mais a lugar nenhum sem você.

— Vem, fique por cima de mim.

Jandir se senta na cama e beija o meu pescoço, sua barba me causa arrepios, arquejo e estou tão sedenta que sento em sua ereção. Meus olhos lacrimejam.

Ele segura a minha cintura, ele está com a cabeça enterrada em meu pescoço, me cheira e me beija, mordisca a minha orelha. As suas mãos se movem até a minha bunda e ele dá uma palmada e diz:

— Vou pegar leve com você, muito leve e distante daquilo que quero fazer, salva pelo bebê.

Massageia a minha bunda.

— Pode pegar pesado, sabe?

— Não. Nenhum risco com você nesse estado vulnerável, você ainda não consegue se regenerar, temos que ter muito cuidado a partir de agora. Em tudo Islay... Não apenas no sexo.

— Certo.

Ele me beija e se movimenta vagarosamente, está mais focado em minhas expressão, sei que está se controlando, alguns minutos dentro de mim foi o suficiente para perder um pouco do seu controle e me foder com mais intensidade. Me seguro na cabeceira da cama.

Nós gememos a cada batida que ele dá, a cama do hotel range e se movimenta e não estamos nem aí se estamos fazendo barulho. Jandir segura a minha bunda enquanto me fode, está se apoiando nos calcanhares para manter o ritmo.

— Islay... — pronuncia o meu nome, ele fica com uma voz rouca e gostosa quando está excitado. Sentia falta disso, de tudo.

Eu gozo com o nome dele em minha boca, porém ele goza me abraçando, com o rosto em meu pescoço, beija o meu ombro e nunca fui capaz de esquecer a sensação de tê-lo jorrando dentro de mim, pulsando fortemente até que ele deixa escapar um único gemido rouco.

Depois de um tempo saio de cima dele e me deito, Jandir faz o mesmo, fica com a cabeça apoiada no cotovelo me olhando.

— Já podemos voltar para casa, certo?

— Mas você ainda não se despediu.

— Sim, estava fechado o lugar. Sinceramente eu não tenho nada deles, eu fiquei feliz quando me entregou aquele mapa, feliz por ter algo relacionado a eles...

Jandir coloca a mão na minha barriga.

— Aquele demônio me entregou algo dos seus pais.

— O quê?

— Uma chave, ele não me disse o que era, mas disse que está no parque, ele comprou aquele lugar e fez um memorial para as vítimas. Me disse que era para levar você lá...

Então era isso...

— Por favor, me leva.

Ele zapa da cama.

— Vamos tomar um banho e depois nós vamos.



CAPÍTULO VINTE E NOVE

D e m ô n i o s r e a i s - E l i e A n j o

O que o demônio queria entregar para a minha garota era apenas uma chave. Depois que ele me entregou ele sumiu. Zapo com Islay até o parque, ela usa a camiseta que comprei, ela está tão linda que a estampa de tomate está logo acima da sua barriga.

Entramos na área fechada do parque, há várias paredes em formato de lápides em volta do parque e nele há gravado os nomes das vítimas. Islay procura pelo nome dos pais dela e quando encontra fica um tempo chorando.

Seguro a sua mão e a conduzo para o centro do jardim, onde o demônio disse que era para irmos, a propósito, o nome dele é Jardel.

Jardel me disse que manteve tudo aqui. Ele não saiu da cidade desde o dia do acidente.

Mas eu só entendo o que ele quis dizer quando me deparo com um ônibus velho, coberto por uma estrutura para protegê-lo da chuva e do sol.

Islay não sabe como reagir, então eu tomo a frente e abro o ônibus com a chave que ele me entregou.

O ônibus é antigo e ao entrarmos percebemos do que se trata:

— Essa era a minha casa.

O lugar está conservado a ponto de conseguirmos achar um interruptor e funcionar.

— Era sim, amor.

É uma moradia móvel, Islay tinha pais artistas que viajavam de cidade em cidade. Nas paredes ainda tem os desenhos feitos por uma criança, ela aponta para um, ela desenhou a sua família e escreveu: Xuxu, Xuxuzão, Xuxuzinho.

Ela está tão emocionada, também há fotos na porta de uma geladeira e encontramos álbuns e fitas de vídeos. Me sento com ela enquanto ela vê as fotografias dos seus pais e dela. Boa parte tiradas no ônibus, em shows, estrada, hotéis, restaurantes;

— Olha, eu passei por essa cidade! — Aponta para a fachada de um hotel — eu acabei de passar — ela está como uma criança — eu tive um lar Jandir, eu tive uma família que me amava.

— Sim, minha vida — beijo seu ombro — agora você também tem um lar.

Ela concorda. O demônio deixou tudo pronto aqui, assistimos as filmagens da infância dela. Era uma garota feliz, com pais que a amavam de verdade.

Ela sussurra uma música que seus pais cantam para ela numa filmagem.

O demônio também deixou um envelope sobre a mesa escrito o nome dela:

Olá, sou Jardel, o responsável pela bagunça que sua vida se tornou, eu não busco redenção, mas me sinto culpado desde o dia em que encontrei aquela garotinha na floresta, eu me envolvi com as vítimas desse acidente, foi fácil encontrar você, na verdade, foi uma das primeiras famílias que encontrei pelo fato dos seus pais estarem naquele palco.

Eu recuperei o ônibus alguns quilômetros daqui, em um estacionamento

que eles alugaram.

Desde então eu pesquisei sobre eles. O que eu poderia fazer para melhorar a sua vida caso um dia a encontrasse.

Então naquela época eu descobri que seus pais estavam fazendo a sua última turnê, eles compraram uma casa, não chegaram a morar, também matricularam você numa escola em que você iria estudar.

Eles decidiram parar com as viagens porque você estava crescendo e precisava de uma escola e uma casa mais confortável. E pelo que eu pesquisei estavam felizes com essa decisão.

Eu tive acesso aos bens financeiros dos seus pais, eu vi você pela cidade, eu soube que havia voltado. Ructon me encontrou primeiro.

Enfim, deixo os bens da sua família a sua disposição. É uma quantia razoável, incluindo a casa que eles compraram, vendi por um bom preço.

Não me pergunte como consegui fazer essas coisas, eu sou um demônio velho que os humanos devem muito favor.

Eu desejo que isso seja um novo recomeço para você. Eu não espero que me perdoe, eu espero que seja feliz. Acho que era o que os seus pais mais queriam.

Depois que ela termina de ler, eu a ajudo a colocar suas fotos e os álbuns de família em uma caixa.

Saímos do ônibus e pergunto:

— Tem certeza que isso é tudo, amor?

— Sim.

— Então o que vamos fazer com o ônibus?

— Me despedir — diz confiante — eu quero o meu violão.

— Tudo bem, fiquei aqui, eu vou levar essas coisas e trago ele para você...

Eu faço isso, volto para o hotel e deixo a caixa, pego o seu violão e retorno.

Sinto a presença de Ructon e do demônio no lugar.

— Alguém tem um isqueiro? — Islay não parece se incomodar com os

outros.

— Eu tenho — oferece Ructon.

— Você pode colocar fogo no ônibus — diz ela — essa vai ser a nossa despedida, não tive a chance de enterrar os meus pais, hoje nós vamos enterrar esse passado, nenhum de vocês podem ficar presos neles, ok? Eu vou me despedir dos meus pais e vocês dessa culpa.

Concordamos em silêncio.

Ajudo Ructon provocar o incêndio no carro, Jardel observa de longe assim como nós.

Islay começa a tocar uma música baixinha, a mesma que tocava em um dos vídeos dos seus pais. A mesma música que ela cantava para o nosso bebê.

Em algum lugar além do arco-íris

Bem lá no alto

E os sonhos que você sonhou

Uma vez em um conto de ninar

...

Sonhos realmente se tornam realidade

...

Um dia eu farei um pedido a uma estrela

Acordar em um lugar onde as nuvens estão bem atrás de mim

Onde problemas derretem como balas de limão

Bem acima do topo de uma chaminé, é lá que você me encontrará...

Depois que ela termina só resta o ônibus queimando, ouço Ructon conversar com Jardel:

— Quem canta essa música é Israel Kamakawiwo'ole, nunca ouviu falar?

— Claro, não nasci ontem — responde Ructon.

Acho que os dois estão em paz, ainda bem.

— Vamos para casa — sugere Islay — para o nosso lar, certo?

— Sem dúvidas. Ah, e amor...Nosso bebê é uma garotinha — sussurro

em seu ouvido.

Islay é a minha definição de liberdade. Ela me libertou da minha solidão e agora da minha culpa.



CAPÍTULO TRINTA

D e m ô n i o s r e a i s - E l i e A n j o

— **Eu precisava ir...**

— Eu sei, eu não odiei você em nenhum momento, só passei a gostar menos de mim.

Estamos de volta a Santa Maria. De volta ao fim do mundo e ao começo da minha história. Estou vendo o peitoral esculpido de Jandir na minha frente, um colírio para os meus olhos. Estamos tomando banho depois de uma rodada de sexo.

— Todo esse tempo você não ficou com ninguém?

Me arrisco em perguntar com o coração martelando em meu peito, fico imaginando esse homem solteiro andando por essas ruas cheia de mulheres cobiçando ele.. Jandir disse que é fiel a uma única fêmea, mas eu o deixei. Ele pode ter tentando seguir em frente em algum momento...

— Eu esperei você, porque só quero você.

Depois que tira todo o meu sabão ele me guia para fora do box, segurando minha mão como se eu fosse uma criança que não sabe andar, mas eu tenho muito cuidado para não cair desde que estou grávida.

Bom, melhor evitar correr na trilha, vai que a Lucy tenha voltado das férias.

— Hun...

— Mas e você dona Islay?

— Claro que não fiquei com ninguém! — respondo rapidamente.

— Eu sei que não...

— Eu tentei! — Minto e observo seu olhar se tornar mais tenso, um tanto com raiva — logo quando eu sair daqui eu tentei levar a vida de antes e ficar com alguns caras para esquecer de você...

— Merda Islay! — fala com raiva — eu sei que não consegui, mas só pelo fato de ter tentado isso me irrita.

— Mas eu estou mentindo...eu não tentei, bobinho. E não tentei levar a vida de antes.

Rio. E adota um ar convencido.

— Ah, é....

— Você já sabia disso, certo?

— Na... — Ele me ajuda a vestir o roupão, ainda bem que não molhei os cabelos ou Jandir ia secá-los para mim também, eu não quero que me trate como uma inválida, mas confesso que estou adorando todo esse cuidado. Quero retribuir, eu quero fazer algo para ele também. Mas o quê? — Não vai ter condições de ficar com mais nenhum macho assim como eu não posso ficar com outra, a repulsa será algo natural.

Sáímos do banho.

— Isso é ser possessivo...

— E você também é, temos um vínculo, Islay, é da nossa natureza sermos tão possessivos com nossas fêmeas. Precisa de mais alguma coisa?

— Estou com sono... — Bocejo.

— Então vamos para cama.

Ele disse vamos para cama, mas ele fica ao meu lado na cama com a cara no celular trocando mensagem com alguém, finjo não me importar. Deve ser alguém da sua família, ainda tem isso, preciso conhecer a família dele.

Eu acordo primeiro que Jandir, ele revira na cama e quase não me deixa sair, porém eu consigo sair de fininho. Vou para a cozinha preparar um café da manhã.

Solto uma risada ao pensar que eu vou preparar o café da manhã para o *boy*.

— Vamos lá minha criança, seu pai vai acordar com muita fome!

Abro a geladeira e todos os meus planos vão por água abaixo quando vejo a escassez de comida na geladeira, abro as portas de todos os armários e a situação não é diferente.

O que...?

O que...diabos, Jandir comeu esse tempo todo?

Ele adora a sua geladeira farta. Jandir sempre teve um prazer imenso em cozinhar... Oh, merda... Poderia ser porque eu partir?

Isso faz meus olhos encherem de lágrimas, também pode ser meus hormônios, passo a chorar porque falta comida na casa de Jandir!

Jandir passou fome todos esses meses?

Que triste, cara, que horror!

Jandir zapa imediatamente na cozinha.

— O que foi querida? — preocupado me olha da cabeça aos pés — sente alguma coisa...

— Você estava fazendo greve de fome por acaso?

Ele leva a mão à cabeça, depois coça a barba numa expressão de alívio.

— Não me assuste mais assim, garota. Que caralho! — primeira vez que o ouço xingar — achei que estava tendo algum treco. E sobre a falta de comida eu sinto muito por isso, esqueci de comprar, estava sem inspiração e disposição para cozinhar, na verdade, não tinha mais graça ficar preparando alguma coisa para comer, mas eu não passei fome, pois minha cunhada Grace me alimentava, comia em restaurantes, meu sobrinho Gael sempre trouxe comida para mim, às vezes ele trazia os ingredientes e cozinava aqui.

Confesso que passei a dar dicas para ele temperar a comida e o garoto aprendeu a cozinhar comigo. Então para de chorar Islay...

Esponaneamente vou até ele e o abraço, ele retribui o abraço e me move de um lado para o outro, como numa dança calma.

— Não faz mais isso, eu sinto muito. Me sinto culpada agora, eu não devia ter deixado você...

— Não devia mesmo, não, minha linda, mas não se sinta culpada por isso. Eu já disse que se eu não tivesse feito aquilo, jamais isso teria acontecido. E você precisava desse tempo com a lembrança dos seus pais. Afinal, você vai ser imortal e terá tempo suficiente para nós. Mas volto a repetir: não faça mais isso, pois senti muita a sua falta.

Ele segura o meu rosto.

— Eu ia preparar o café da manhã e até mesmo o almoço e a janta...

Rindo ele beija a ponta do meu nariz...

— Então eu vou no mercado agorinha trazer tudo o que você quiser...

— Ok...

Jandir Zapa e uma hora depois retorna com as algumas sacolas, mas na segunda vez que ele zapa trazendo o restante das compras um garoto loiro também aparece na cozinha com algumas sacolas.

— Obrigado Gael, ah, e essa é sua tia, Islay — apresenta antes que o garoto suma.

Ele é um adolescente muito bonito e que já tinha encontrado na loja cor de rosa. Que genética interessante a família de Jandir tem.

— Olá, prazer em conhecer, estou indo tio. Até!

Ele desaparece, acho que ele não gosta muito de mim. Pudera, o garoto ficou vendo o tio dele desfalecer todos esses meses. Acho que todos se sentem assim em relação a mim. Não vai ser fácil conquistar essa família, mas tenho certeza que eles são importantes para Jandir.

— O que você quer comer Jandir?

— Huh. O que você fizer está bom.

— Ótimo porque só sei fazer pão com mortadela, mas se quiser eu posso colocar queijo...

— Me pergunto o que vai ter para o almoço.

— Estava pensando em repetir o café da manhã.

Ele ri.

Ele está se divertindo muito com a minha cara. Me ajuda a prender ao avental, o avental do Jandir tem um urso bordado na frente.

— Esse avental é relíquia, ganhei de presente da minha cunhada Grace e o uso muito pouco e com muito cuidado...

— Certo. Que tensão...

Ele acaba de me deixar nervosa, agora estou com medo de sujar o avental dele.

— Que nome você pensou para a nossa filha? — pergunta.

— Eu não sei se é uma boa ideia eu escolher o nome, pois sei que vai sair algo muito louco, tipo sei lá, Ophelia ou Brooklyn...

— Nenhum dos dois, por favor...

Rimos.

— Islay é um nome exótico e bem único, significa ilha de Islay, então podemos colocar um nome bem único na nossa filha também...

— Os que eu falei são únicos — rebato e ele ri — tá, pensou em algo?

— Que tal Irla? Quer dizer ilha em basco. Eu li até a numerologia dela, a numerologia quer dizer que é determinada e vai nascer para ser a chefinha, gosta de dar ordens, as coisas terão que ser do jeitinho dela...

— Perfeito! É a cara dessa marrenta! — Eu deixo de colocar as fatias de queijo no pão para tocar na minha barriga — acho que ela gostou.

— Jura? — Jandir vem até nós e se ajoelha, envolve minha barriga num abraço, beija ela e nossa filha reage à aproximação do pai, ele percebe isso e solta um riso. É bom vê-lo feliz — Irla, então você é a Irla marrenta, transforme logo a sua mãe, por favor, garota...



CAPÍTULO TRINTA E UM

D e m ô n i o s r e a i s - E l i e A n j o

Islay está nervosa ao meu lado. Desde que eu disse sobre o jantar em família ela ficou bastante preocupada. E hoje, finalmente chegou o dia que ela vai conhecer o restante da minha família. Ela passou o dia pensando no que vestir e me fazendo perguntas sobre eles.

Eu, no entanto, estou tranquilo...

Eu passei o dia trabalhando no quarto da nossa filha, ela disse que quer tomate no papel de parede do quarto. Quero fazer todos os móveis, comecei a projetar o berço e alguns armários.

O jantar será na casa do meu irmão mais velho, a caminho as perguntas se tornaram mais persistentes. Embora eu fale para ela que vai ficar tudo bem, ela não parece levar muito a sério essa parte. Fofa.

Somos recebidos pela Grace, até aí foi tudo muito tranquilo porque Grace faz todo mundo se sentir à vontade. Gael carrega a sua irmã mais nova,

os gêmeos introvertidos falam muito pouco com Islay, mas em compensação meus irmãos a trataram bem e todo mundo demonstra estar feliz com a minha fêmea e nossa filhota.

Islay é levada para o quarto com as meninas e com certeza é para falar coisas que não estão dispostas a compartilhar com os machos. Todos estão aqui, exceto Ructon.

— E como vão as coisas entre vocês? — Rudá me pergunta.

— Está bem irmão, mas a minha preocupação é o fato dela ainda não se tornar imortal — ofereço a minha taça para Marlon encher de vinho.

Estamos na sala do Rudá bebendo e comendo alguns petiscos antes do jantar. O cheiro está maravilhoso e Grace como sempre fazendo um ótimo trabalho na cozinha.

— Isso nunca aconteceu antes com nossas fêmeas — fala Raony — mas tudo entre você e ela está acontecendo de maneira única, então melhor aguardar, tenho certeza que logo ela vai se tornar imortal.

— Isso, ainda está em tempo, o bebê não nasceu... — Diz Marlon.

— O problema é ela chegar ao ponto de não conseguir mais suportar carregar um bebê demônio.

Eu não quero preocupá-los com isso, porém são as únicas pessoas para desabafar. O assunto se encerra com o retorno das nossas fêmeas. Islay fica mais tranquila e na mesa de jantar fica sentada perto das meninas.

— Tio... — Olho para debaixo da mesa e vejo Aurora com a mão grudada na minha bota — eu não consigo assustar ninguém!

— Por que será, ein? Quem vai se assustar com uma bonequinha como você? — Carrego ela até o meu colo — eu senti sua falta.

— Eu também.

— Quando vai me visitar?

— Ah, quando eu tiver tempo...

Rio.

— O que anda ocupando você?

Rudá acompanha a nossa conversa com um brilho nos olhos, papai babão.

— São tantas coisas, eu estudo agora, sabe? Papai e mamãe me dão aula...

— Isso é bom e o quê mais?

— Eu quero aprender a cavalgar, eu quero ser uma amazona!

— Já conversamos sobre isso filha... — Rudá diz e pisca para ela — ainda não está pronta para isso.

O problema é que ela não é imortal e mesmo tendo poderes pode se machucar como qualquer outra criança embora as crianças humanas comecem a praticar hipismo mais jovem que Aurora, Rudá é um pai protetor e não vai arriscar.

Aurora faz uma cara triste, ela se parece muito com a mãe. Inquieta e independente. E por falar em Dandara, é a pessoa que Islay mais conversa e troca sussurros, as duas estão se dando bem.

Na hora de ir eu me despeço deles com a promessa que nos reuniremos em breve.

Como eu havia notado, Islay se identificou mais com Dandara, não que não tenha gostado das outras, mas depois de ouvir as aventuras de Dandara e sobre a sua vida atual, minha fêmea a achou incrível. Foda como ela diz.

Quando chegamos em casa nos sentamos frente a lareira, faço massagens em seus pés que estão um pouco inchados.

Islay está tendo alguns problemas que as outras fêmeas não tiveram, seu corpo parece muito desgastado embora ela se faça de forte e não me conte as coisas, eu posso sentir o cheiro do seu medo as vezes e que a sua energia vital não é como antes.

Ela está diferente, isso é preocupante, ela precisa se tornar como nós ou não vai aguentar o parto. Ainda tem a parte em que ela fica se alfinetando.

Eu pedi a Grace para ver se descobre alguma coisa no livro, mas não há nada escrito nele sobre isso. Livro inútil.

Sem contar que os outros machos da nossa espécie estão desesperados para que a maldição se quebre e tenham suas fêmeas, achávamos que isso aconteceria quando o último, nesse caso eu, dos quatro demônios da linhagem real encontrassem sua fêmea. Entretanto, isso não aconteceu. A maldição não foi quebrada.

— Pelo menos nossa filha terá boas tias e tios, ah, e primos...

— Sim.

— Mas sabe, eu andei pensando que depois de ter o bebê vou voltar a trabalhar...

— Huh.

— Eu liguei para o candidato que ganhou as eleições, ele me ofereceu emprego na prefeitura.

— Isso não é bom...

Islay me encara confusa.

— Como assim?

— Não era aquele cara que deu em cima de você?

— Isso em outros tempos?

— Não. Isso há alguns meses atrás — falo irritado — tem outros lugares em que possa trabalhar, a boate do Raony. Não quer mais cantar?

— Eu ia fazer isso algumas vezes na semana, eu quero voltar para as redes sociais. Ainda sou uma celebridade nessa cidade...

— Então isso não é o suficiente? — Como ela não responde, vejo que não é. Paro de fazer a massagem — o que você quer de fato, Islay? Eu sinto que você quer algo que ainda não me contou...

— Você não percebeu? Todas as suas cunhadas fazem alguma coisa que a fazem se sentir bem. A Desi é uma artista, Dandara uma empresária, assim como Grace. Todas elas fazem aquilo que querem, por que eu tenho que ser diferente? Eu quero ter aquilo que me faz bem, não estava em meus planos morar no meio do nada...

— Você não quer morar aqui?

— Não é isso, só me adequei a você, só dei prioridade a nós, mas por dentro eu continuo com as mesmas ambições...

— Se tornar rica — me levanto — Islay, você já é rica.

— Não. Você é rico — ela se levanta também.

— Não pense assim, o que é meu é seu e dessa criança. Eu não me importo com isso...

— Eu sei, sei que não vai deixar faltar nada para nós, mas poxa... Eu não sei se consigo acompanhar você na vida que você leva, uma vida muito pacata todos os dias...

— Então você quer morar em outro lugar?

Ela morde o lábio e desvia o olhar dos meus.

— Quero que esse lugar tenha um pouco das coisas que eu goste, que eu sonhei em ter... Podemos reformar essa casa, colocar uma piscina, uma banheira de hidromassagem, deixar com coisas que possam me entreter. Aqui só tem coisas que entretêm você. Eu posso trabalhar e pagar, posso usar a herança dos meus pais para isso...

— Tudo bem, não precisa trabalhar e nem usar a sua herança para isso. Tem algo que quero mostrar para você, talvez seja isso que esteja precisando.

Zapo com ela até o nosso quarto, pego um dos catálogos que Rudá me entregou, eu dou para ela.

— O que é isso?

— Casas para escolher em Valhala, a nossa cidade que estamos construindo terá tudo o de mais moderno, então pode escolher uma dessas casas, qualquer uma, ok?

Ela assobia e sorri. Todos os meus irmãos compraram suas casas na nova cidade, eu não posso ficar nessas montanhas para sempre, talvez mantenha esse lugar para passar férias.

— Isso é ótimo! Disso que eu estou falando, vamos para a civilização!
— Dá um gritinho — bom se não tiver problemas para você.

— Nenhum, contanto que você esteja lá.

Ela me abraça, passa o restante da noite folheando a revista e lendo algumas coisas em voz alta para mim na intenção de ajudá-la a escolher a casa, no final Islay escolheu uma das maiores mansões de Valhala perto da casa em que eu disse que é do Rudá.

Agora entendi que ela quer ficar perto da minha família também. Acho que já passamos por muita.

Eu confio no que ela sente por mim, eu não quero que ela mude, se ela quer ter uma vida de conforto eu darei essa vida para ela. Não é diferente de

muitas fêmeas humanas que sonham em alcançar riqueza.



Acordo um pouco mais tarde, ouço Islay cantar do lado de fora, espio da janela da cozinha, ela está lavando as minhas roupas.

A digníssima Islay lavando roupas?

Pobrezinha deve estar muito entediada aqui.

Encho a minha xícara de café, torno a olhar da janela, sua barriga pontuda, a forma em que ela se agacha para pegar mais roupas para colocar na corda. Não sabe nem como estender uma roupa, rio quando olho minhas camisas no varal, tem vários prendedores em uma peça de roupa.

— Bom dia amor! — Me debruço na janela.

— Bom dia...

— Comeu alguma coisa querida?

— Acho que sim.

— Hun-huh... — bebo mais um gole do meu café preto — sabe, eu adorei as cores novas das minhas camisas.

— Quê?

Ela segura uma camisa que era azul, pois agora...

— Essas manchas brancas são estilosas.

— Oh... — Ela sufoca o riso — sinto muito, vamos comprar novas, ok?

— Não mesmo, fugiu do padrão.

— Sério, você não vai me deixar esquecer isso tão cedo, não é?

— Seu hobby agora é manchar minhas camisas? — Rio e pisco para ela — brincadeira, valeu o esforço, eu poderia ensiná-la a lavar roupas, mas aí terei que demitir a pessoa que paguei para lavá-las e cuidar da casa...

— Sério? Contratou uma empregada?

Ela deixa o que está fazendo e vem até a janela.

— Sim, desde que você não me deixa fazer as coisas em casa — beijo sua boquinha carnuda — ela irá vir amanhã...

— Ah, sabe...

Esse "ah, sabe" é que vem coisas por aí, mas Islay fica calada mordiscando os lábios.

— Diz. O que foi dessa vez?

— Eu gosto de nós dois sozinhos aqui, e nosso bebê, você pode me ensinar aí podemos fazer.

Seguro o seu queixinho e digo:

— Então vamos fazer assim, por enquanto eu cuido das coisas, não se preocupe que eu dou conta, você não pode ficar se esforçando assim e nem ficar incomodada pelo fato de eu lavar suas roupas, ok?

Ela faz uma cara feia.

— Mas você ia lavar a minha calcinha no banho...

Acabo soltando um riso ao lembrar disso. Ela é boba, disse que não queria que eu visse seu calção de grávida.

— Tudo bem, tudo bem — acalmo ela — mas não se vingue manchando minhas camisas!

— Ei! — ela ri — não foi vingança, estava entediada.

Não disse?

— Oh, venha aqui, vou matar seu tédio e você tem razão seria péssimo ter outra pessoa nessa casa além de nós três, vou dispensar o serviço dela — zapo para o lado de fora e abraço por trás com cuidado para não derramar o restante do café, beijo seu ombro e acaricio sua barriga — Irla deve concordar com isso também, somos nós três e nosso paraíso.

— Isso mesmo!

Eu não sou como meus irmãos, mas neste momento entendo o que eles sentem durante todos esses anos que é ter a sua fêmea e seu filhote tão perto. O que é criar seu próprio paraíso sem se importar com perfeição.

Vendo a diferença entre eles e suas fêmeas, os defeitos que todos nós temos, porque eu nunca me considere um cara perfeito, nunca estive à procura de uma fêmea perfeita, pois ela nunca iria existir.

Acho que essa maldição de encontrar as nossas fêmeas que é o oposto de nós é para nos mostrar o quanto somos incompletos, mesmo sendo seres considerados mais fortes que os humanos, nós somos incompletos e

imperfeitos. Infelizmente, alguns de nós sempre procuram por algo que nunca vão ter — perfeição. E fazemos do outro o alvo das nossas exigências, ainda bem que aprendi com ela, Islay me ensinou tanto.

Ao invés de apontar os defeitos, eu prefiro fazer dos nossos sentimentos e tudo o que ela é, tudo aquilo que mais amo e tudo aquilo que eu mais quero. Se ela fosse de outra forma, ela não seria perfeita para mim.



CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Demônios reais - Elie Anjo

Meses depois...

Islay começou a sentir as primeiras contrações, depois de um tempo ela entrou em trabalho de parto. Eu estou desesperado pelo fato que até hoje minha fêmea continua mortal. O doutor Rangel, outro demônio, se tornou o obstetra de Islay por indicação do Rudá, e está cuidando dela para o parto.

O fato é que ele está estudando o caso dela, caso aconteça com as outras fêmeas, incluindo a dele.

Ao mesmo tempo que eu fazia de tudo para não preocupar Islay com esse detalhe, no fundo eu sabia que ela era a única a estar mais preocupada.

Meus irmãos estão aqui me dando apoio, não só eles como minhas cunhadas.

É tradição da família estar presente no parto.

Eu entro no quarto após Ructon abrir a porta, pois ele está sendo

assistente do doutor Rangel.

Vou até Islay e seguro a sua mão, ver o seu esforço e suas lágrimas, sentir seu medo, seu sofrimento. Tudo isso me deixa muito desesperado.

Sua mão está fria e aperta fortemente a minha, eu odeio a ideia que ela está sofrendo. É como se eu sentisse a sua dor. Eu estou sofrendo junto com ela.

Tanto o Ructon como o doutor Rangel são bastante competentes. Eles estão fazendo de tudo para que ocorra tudo bem no parto.

Beijo a mão da minha fêmea e digo:

— Eu amo você, vai ficar tudo bem.

Minutos se passam e ouço o choro da nossa filha, a comoção toma conta de mim e logo um ser tão pequeno e delicado passa pela mão de Rangel para Ructon.

Islay solta um forte suspiro de alívio, ela encara nossa criança para se certificar que de fato ela está bem.

— Eu preciso cuidar dela, Jandir — diz doutor Rangel, — mas eu tenho uma notícia boa para te dar: sua fêmea se tornou imortal, ela é capaz de se regenerar, então a recuperação dela será rápida e não precisa se preocupar com a pequena Irla, pois ela é perfeita.

Eu solto a mão da minha fêmea para ver nossa filhota, ela é muito pequena. O menor bebê até hoje, Ructon segura ela com muita delicadeza e eu sinto um pouco de desespero com medo machucá-la.

Tenho experiência em carregar filhotes, pois carreguei todos os meus sobrinhos.

Agora a emoção é outra. É única, pois é a minha filhota.

Quando a seguro bem próxima ao meu peito, tão leve e delicada, minha filha abre os olhinhos para mim, a cor dos olhos da mãe, porém seus cabelos são claros como os meus. O nariz redondinho e a pele morena como da mãe. A mistura mais linda que já vi. Uma beleza exótica.

Ela continua olhando firme para mim, parece me reconhecer, a sua aura delicada percorre o ambiente.

— Bem-vinda ao mundo Irla.

Eu quero proteger essa criança, dar todo o amor que ela merece.

Coloco a nossa pequena ao lado da mãe na cama.

— Bem-vinda ao mundo, marrenta — Islay acaricia os cabelos ralos da nossa pequena.

Eu zapo do quarto tendo em mente essa cena. Na sala, todos estão apreensivos.

— Deu tudo certo pessoal, Irla é perfeita e agora Islay é como nós.

— Parabéns Jandir! — Rudá é o primeiro a dizer.

Todos me felicitam e me abraçam, muito em breve eles também poderão conhecer a Irla.

O celular dos meus irmãos começam a apitar, alguns em mensagens e outros em ligação. Eles ficam mais eufóricos e eu também quando eles compartilham que os seus amigos e conhecidos estão sentindo as suas fêmeas.

Isso quer dizer que o nascimento da Irla quebrou a maldição, não era apenas para ter encontrado a fêmea do último demônio da linhagem real, pois se Aurora trouxe esperança para nós como a primeira fêmea nascida. Irla trouxe algo mais especial ainda que é a quebra da maldição.

Agora todos os demônios terão a chance de ter uma família; e as notícias melhoram a cada minuto, pois pelo o que entendi: as fêmeas não estão nascendo com as marcas, não estão nos recém nascidos, mas as marcas estão aparecendo nelas já na fase adulta, como aconteceu com a Islay .

Aleatoriamente?

Destino?

Algumas mulheres nesse planeta acordaram sendo destinadas a criaturas sobrenaturais!

A ideia do Rudá em construir nossa cidade nunca foi tão útil em momentos como esses, sinto que não vamos conseguir nos manter em segredo por muito tempo.

A humanidade não vai aceitar muito bem a nossa existência, mas estamos preparados para isso.

O projeto futuro do Rudá é voltar para o nosso mundo com as nossas

fêmeas.

Aos poucos vamos chegar lá.



Minha filha está dormindo ao meu lado, fez isso depois de ser apresentada para toda família, ela é linda e tem o olhar doce e esperto.

— Você está cansada amor — fala Jandir — eu vou levar nossa pequena para o berço, descanse um pouco.

— Tudo bem.

Ele pega a nossa filha gentilmente e depois desaparece do quarto com ela. Eu achei ele muito fofo ficando ao meu lado o tempo todo.

Eu amo muito Jandir e tenho certeza que ele será um bom pai, eu me sinto sonolenta, mas ao mesmo tempo diferente, meu parto foi normal, agora eu não tenho nenhuma cicatriz. Não sou mais uma humana, pois os humanos não são imortais e não se regeneram.

Eu sinto que sou qualquer outra coisa, mas não uma humana, mas estou feliz com a ideia que passarei toda a minha vida com Jandir.

Vamos acrescentar em uma mansão e podre de rica. Olha só... não é que finalmente consegui o que tanto queria, mas não é isso o que me faz feliz e me sentir completa — é Jandir e nossa filha.

Nada disso seria perfeito se eles não existissem. Darei o meu melhor na criação da minha filha, mas acho que tenho muito o que aprender com ela, assim como estou aprendendo com o pai.

Durante meu sono eu sinto os braços de Jandir me envolver, eu estou tão exausta que acordo com o choro da nossa filha, Jandir traz ela para o quarto e tenta acalmá-la.

— Acho que ela tem a apetite do pai — diz ele e rio.

— Traz ela aqui...

Eu amamento minha pequena e realmente ela tem muita fome, troco um olhar com Jandir, parece que nossa filha vai secar o meu leite logo na primeira amamentação. Gulosa...



CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Demônios reais - Elie Anjo

Agora a minha filha tem quatro meses, além de começar a trabalhar na prefeitura, faço show pela noite na boate do meu cunhado Raony.

Se tornou comum a boate se tornar ponto de encontro para demônios e fêmeas humanas porque agora muitos deles estão encontrando as suas, e falta pouco para nos mudarmos para Valhalla.

Eu termino a apresentação e dessa vez eu não vou direto para o camarim, sou muito aplaudida como sempre, meus fãs da época do tomate sempre estão em peso aqui.

Vou até Jandir que segura nossa filha. É lindo ver esse homem e todo esse conjunto de charme, também me desperta ciúmes ver outras mulheres admirando essa mesma cena.

Para marcar território deixo um beijo em sua boca e dou um cheiro na minha filha — eles sempre vêm ver o meu show.

Isso me faz lembrar de quando era mais nova, eu sempre via os shows dos meus pais, minha filha vai crescer assistindo as apresentações da mãe. A diferença é que eu nunca vou deixá-la de maneira repentina, eu e o pai dela sempre vamos estar aqui por ela.

— Está pronta? — Jandir me pergunta.

— Sim, vamos, acabou por hoje.

Seguimos para um corredor, ele segura a minha cintura antes de zaparmos para a nossa casa.

Fico na sala brincando com Irla enquanto Jandir prepara alguma coisa para nós comermos. Irla ganhou peso e tem suas bochechas gordinhas, dobrinhas em todo corpo e um lindo sorriso com direito a covinhas fundas na bochecha.

Eu me derreto toda com ela... Só quando vou trocar as suas fraldas que o bicho pega e é bem isso: "*É assim que você demonstra o seu amor, deixando tulhas de bosta para eu limpar.*"

Ela simplesmente sorria inocentemente, ainda bem que Jandir é um pai presente, Aurora no começo tinha ciúmes da prima, quer a atenção do tio só para ela, porém agora são melhores amigas.

Sempre vem aqui brincar com Irla, e quase sempre Gael traz a pequena Mag, Wilker e Elder também são primos presentes, são amáveis e protetores com as primas.

— Você puxou muito o cabelo do seu pai hoje?

Acho incrível como um negocinho tão pequeno começa a crescer tão rápido, eu quero retardar o tempo e ter meu bebê para sempre, mas Irla está avançando tão rápido.

Depois de amamentá-la, faço de tudo para ela cair no sono e quando enfim faz isso, eu a coloco no berço.

Termino de tirar as minhas roupas, tomo um banho e fico alguns minutos na banheira pensando em como a minha vida mudou.

Quem eu era e quem eu sou.

Se estou feliz ou não estou feliz...

Rio com a ideia de não estar feliz, eu estava procurando felicidade em

coisas que atualmente eu considero pequenas, não que ainda não dê valor a uma bolsa da Prado, ainda adoro coisas caras, tudo o que eu gostava antes eu continuo gostando. A questão toda é que isso não é todo o meu mundo, tudo o que tenho de mais importante — Irla e Jandir é o meu mundo.

E eu estou orgulhosa de mim por conseguir tudo o que sempre quis — um cara rico e com o pau grande.

As demais coisas foram um bônus. Algo que nunca imaginei que teria.

Continuo rindo sozinha com os meus pensamentos. Jandir zapa no banheiro e pergunta:

— Está feliz... precisa ver o que preparei para você...

— Não é outro pedido de casamento, certo?

— Hun, não!

Ele me propôs nos casarmos depois que Irla nasceu, eu disse que ia pensar. A questão toda é que eu nunca me imaginei casando com alguém, mas eu também nunca imaginei morar numa montanha com uma criatura mística, me tornar imortal e ter uma filha.

Eu me arrependi de dizer não sem uma explicação plausível. Não estava o rejeitando, a convivência com ele é tão agradável que quando me dei conta passaram-se todos esses meses.

Eu saio do banho e visto uma camisola, ao chegar na cozinha a mesa está pronta, um jantar à luz de vela. Jandir reproduziu o jantar do nosso primeiro encontro, reparo no detalhe da flor montada no prato, o mesmo vinho...

— Que lindo. Estamos comemorando algo?

— Sabia que ia esquecer do nosso aniversário de "namoro".

— Oh, sério... Uau. Você lembra de tudo...

Continuo depositando na mesa toda a minha atenção, jantamos conversando sobre nosso passado, nossa história, momentos icônicos, depois nos sentamos frente ao sofá para assistirmos alguma coisa.

Ele vai na adega pegar um vinho e eu fico apreensiva com o seu retorno, pois também tenho uma surpresa para ele.

Ao retornar com a garrafa de vinho e duas taças, aguardo ele colocar na

mesa de centro, primeiro que ele me olha com bastante interesse, acho que ele pensa que vou tirar a camisola como as vezes faço e depois fazemos sexo pela casa.

— Jandir...Fica parado aí, só escuta, ok?

Eu não esqueci do nosso aniversário de namoro, claro.

— Ok.

Eu amo essa voz, não canso dessa voz gostosa de locutor. Da sua serenidade e maturidade, do seu jeito de ver as coisas e da sua paciência, agora são duas mulheres na vida dele e a cada dia demonstra o quanto é paciente. Limpo a garganta antes de continuar, quero fazer da forma que costumam fazer, eu me ajoelho à sua frente e tiro a aliança dentro do meu sutiã.

A caixinha é em formato de tomate que mandei fazer, a princípio pensei em colocar dentro de um tomate e dar para ele comer, mas isso não ia dar muito certo.

Abro a caixa e ele fica muito surpreso com a cena:

— Você quer casar comigo, Xuxu? — Sorrio e dou uma piscadinha para ele.

— Eu...

— Tá, deixa eu falar — me levanto — antes de responder quero dizer que não quero uma festa de casamento, se você aceitar eu quero fazer algo só para nós e sua família naquela cachoeira e pode convidar a Lucy que eu deixo...

— Eu aceito minha linda, eu aceito tudo isso — ele estende a mão para mim com um meio sorriso e bem convencido diz: — vamos lá Xuxu, agora é a parte que você coloca a aliança no meu dedo e beija a minha mão.

Rio, e coloca a aliança e eu beijo sua mão. Acho que fiz tudo certo, tudo fora do comum.

Jandir envolve a minha cintura, percebo que a jiboia está armada. Seu riso grosso é a única coisa que escuto antes de zaparmos para o nosso quarto.

Caímos diretamente na cama, ele fica por cima de mim me admirando de maneira apaixonada como eu costumo admirá-lo. Desde que tivemos a

nossa filha, Jandir não me dá descanso.

— Eu quero você em modo demônio — ele ri com o meu pedido e se transforma em minha frente, seus chifres nunca me assustaram, eu o considero lindo e fora do comum, isso é excitante.

Nos beijamos logo em seguida, nossos sabores, nossas lembranças e nossa vida nada convencional. Sério, aprendi a amar tudo isso.

Seus toques gentis e ao mesmo tempo ardentes e cheiros de paixões, testamos muitas coisas na cama, mas fazer amor com ele sempre foi uma experiência maravilhosa.



Quando eu acordo ele não está mais na cama, fizemos amor três vezes antes de apagar de vez, bocejo e ouço o choro da Irla do lado de fora da casa.

Jandir deve ter levado ela para passear, vou até a sacada e fico observando a imagem do meu homem sem camisa, apenas com uma calça folgada de algodão e chinelo, minha filha apenas de fralda e camiseta, esperneando nos braços do pai.

— Ei, minha linda, você realmente está disposta a acordar a sua mãe, ein? — diz sabendo que eu já acordei — eu fiz de tudo para ela te dar mais um tempo dormindo.

— Acho que ela nunca vai admitir, mas isso tudo é saudades de mim.

Minha filha é um amorzinho, "mas ô menininha birrenta", quer tudo do jeito dela, não dá sossego para mim e para o Jandir.

Eu realmente não sei a quem ela puxou...

Eu geralmente me cuido rapidamente, tomo banho e como alguma coisa, isso tudo para ir até ela antes de deixar o pai surdo com os seus gritos.

Jandir consegue acalmá-la na maioria das vezes, mas tem dias que ela abre o berreiro e que Deus me ajude.

Pego-a no colo e dou um beijo em Jandir. Ele zapa e provavelmente para tomar um banho.

E quando retorna é para preparar alguma coisa para nós comermos. Ele é o primeiro a tomar café, depois entrego Irla quase sonolenta para ele.

Graças aos céus ela termina de dormir no colo do pai. Retorno para a sala e ele está ninando a nossa filha.

— Quero tentar algo com ela — diz ele.

— E o que seria?

Ele já tentou de tudo para amenizar esse poço de inquietude que é a nossa filha, um dia desse a levou para o rio e fez com que ela ficasse boiando nele, ela adorou, o riso dela de felicidade envolveu o meu coração em uma ternura, foi a mesma sensação que sentir quando a carreguei pela primeira vez.

— Segura ela aqui por enquanto.

Eu faço isso, pego a nossa filha e Jandir começa a se despir, se transforma em um enorme urso e se esparrama no chão da sala, com a barriga para o chão.

Ele já se transformou muitas vezes e eu nunca canso de achar ele a coisa mais fofa do mundo.

— Tudo bem e agora ursão?

— Coloca ela em cima do paizão dela.

Me abaixo com cuidado para ela não acordar, isso vai render muitas fotos. Irla parece adorar dormir nas costas peludas do pai.

E o clics, clics...

São incessantes para compartilhar no grupo de família.

Gael é muito inteligente, ele criou um aplicativo, garantindo que nenhum humano será capaz de ter acesso a ele.

Não sei se ele é inteligente ou convencido demais, porém de uma coisa tenho certeza — todos confiam na capacidade dele.

Então assim a nossa família fora do comum se comunica sem medo.

É tão legal poder postar coisas anormais nessa rede social. Clico no perfil do Gael e o que mais tem são vídeos com experiências loucas que ele faz com as suas habilidades.

E no do Ructon tem sua coleção de xícara como imagem de fundo; e na foto de perfil ele está usando um roupão de seda e bebendo café.

Seu álbum só tem putaria, claro, que esses ficam bloqueados e apenas os adultos visualizam.

Me jogo no sofá para ler os comentários das suas fotos picantes:

Rudá: *Uma safadeza sem limites, ninguém está interessado em ver a sua bunda, Ructon, e ainda teve a audácia em me adicionar a esse álbum. (Cara de zangado).*

Dandara: *kkkkkkkkkkkkkkkkkkkk o auge. Quase uma suruba online. Tenho nudes do Rudá aqui.*

Islay: kkkkkkkkkkkkkkk — respondo o comentário da Dandara.

Eu adoro ela.

Grace: *Falta do que fazer. Como faço para sair dessa putaria toda? kkkkkkkkkkk...*

Rudá: *Nem ouse Dandara...*

Dandara: *Claro que não Tigrão, não compartilho você com mais ninguém.*

Eu sufoco a gargalhada para não acordar a minha filha, até Jandir caiu no sono com a minha filha dormindo profundamente em suas costas. Jandir me disse que está perto de hibernar, ou seja sua temporada de ficar com muito soninho está chegando.

Ructon: *Eu me compartilho, adorei a suruba online Dandara, eu uso muito essa técnica em meus grupos de nudismo, melhor coisa é esse aplicativo, pena que não posso adicionar meus amigos humanos, já não tenho tanta atenção aqui...Mas caso alguém tenha interesse fica aí o link do meu grupo (<https://melhorpraiadenudismo>)*

Clico no link e aparece o grupo: *Paraíso do nudismo.*

E logo em seguida: *Achou que era uma praia de nudismo, não é? Não saia antes de conhecer nosso cardápio, deixe seu voto nos melhores nudes.*

Há vários homens e vários nudes, uma obra de arte, como se todos estivessem realmente levando isso a sério. Posando para alguma revista.

A imagem do fundo do site é a foto de vários homens pelados com uma ilha deserta no fundo, não é montagem, eles tiraram a foto em alguma praia.

Não posso participar da comunidade, se Jandir descobrir me mata, saio dela imediatamente. Volto a ler as mensagens:

Raony: *Apague essas fotos Ructon!*

Ructon: *Sim, meu senhor. Quem tiver interesse nos meus nudes, é só me seguir nas redes sociais. E na nossa comunidade online.*

Marlon: *Palhaço!*

Desi: *Eu já sigo, mas não me manda nudes, favor (kkkkkk).*

Ructon: *kkkkkkkk quem está perdendo são vocês. Excluindo...*

Ructon removeu você do álbum...

Perturbado.

Depois dessa acho que vou deixar para compartilhar as fotos da Irla com Jandir outro dia.



EPÍLOGO

Demônios reais - Elie Anjo

3 anos depois...

Irla tropeça tentando subir no tronco, Aurora e Mag já estão em cima dele fazendo uma algazarra. A tigresa exhibe seu bom desempenho como exploradora dessa floresta, a pequena loba tem a sua arrogância por ser a mais alta de todas, ela é maior que a tigresa e claro maior que a minha pequena ursa.

Ela está no peso ideal para um urso, redondinha e com pelos marrons e sedoso.

Ela tenta subir no tronco novamente e as patinhas escorregam para fora do tronco. Depois de muito tentar, ela desiste e fica olhando as primas se divertirem por ter conseguido subir no tronco.

Eu estou deitado na grama observando elas brincarem, fico triste quando Irla não consegue fazer algo, pois sei que ela fica triste.

Porém as primas dela são mais velhas e mais hábeis.

— Vem Irla! Você consegue — incentiva Mag. Coloca o focinho para baixo e cheira o focinho da prima — vamos ajudar você.

— Eu não quero — responde chateada. Orgulhosa...

— Então fique aí olhando a gente se divertir — Aurora é mais ríspida, porém sei que quer ajudar a prima.

Quando Mag nasceu Aurora tinha ciúmes, depois foi ciúmes da Irla. Agora acredito que elas são muito amigas, é um círculo de amizade perigoso, uma pode apontar os defeitos da outra frente a frente, mas basta alguém fora do círculo da amizade falar mal de alguma que todas defendem, não tem malícia entre elas, apenas personalidades diferentes e isso me lembra eu e meus irmãos.

Trago elas para essa floresta toda semana, embora estejamos morando em Valhalla, essa casa na floresta se tornou nossa casa de férias, ou de passeio semanais...

— Sabe como é, né... Falei para comer menos no café da manhã! — diz a lobinha. E em seguida ela salta do tronco envelhecido e empurra a prima — anda logo, tente de novo.

Aurora enfia as presas no pescoço da prima e a puxa para subir, enquanto Mag empurra a traseira de Irla, eu quero muito dar risada da cena.

Depois que finalmente conseguem colocar minha filhota no tronco elas se esparramam no tronco, cansadas e ofegantes, todas com o peito e as patinhas para o céu, ficam dividindo o tronco e o silêncio por um tempo até eu ouvir a minha doce menina gritar:

— Viu só papai, eu consegui!

— Parabéns minha linda, agora quer fazer um lanchinho?

Eu ouvi a barriga dela roncar, não só dela como das primas que ficaram horas brincando pela floresta.

— Poxa... — Ela olha para o chão como se fosse seu grande desafio

pular, isso porque minha filhota ainda não sabe zapar, ela é muito novinha, meu bebê ainda, e sei o quanto quer estar no mesmo nível das primas, embora Mag também não saiba zapar — eu vou tentar pular.

Ela se prepara para pular, eu fico apreensivo porque a altura é consideravelmente alta para ela. Aurora se levanta do tronco para impedir, porém minha ursinha teve êxito no salto.

Depois disso, Irla comemora.

— Grandes coisas — diz Aurora ao zapar do tronco para o chão.

Claro que fez isso na intenção de se exhibir, a pequena tigresa também é orgulhosa, a loba salta com facilidade, pois ela tem pernas longas.

Vejo as três disputarem uma corrida até onde estou, minha ursinha fica para trás e quando a tigresa e a loba chegam perto do rio, perto de uma toalha de piquenique recheada de guloseimas, vejo Aurora e Mag olhar para trás e fazer pouco caso da pequena prima, apenas no intuito de provocar, mas conhecendo minha ursinha com certeza ela não vai deixar barato.

A loba e tigresa se sentam perto da toalha, Aurora lambe a patinha e solta um:

— Unf. Você nunca vai ganhar de nós em uma corrida Irla, não com essas pequenas pernas e...

Minha ursa manipula a água do rio e molha as duas, Aurora grunhe e junto com a loba se agita para tirar a água.

— Vão se secar no tronco meninas — minha ursinha desfila orgulhosa pelo troco que deu nas primas — prometo deixar as sobras para vocês.

Ouçó um fraco risinho e sei que minha fêmea acaba de chegar, observando a nossa filha e suas travessuras.

— Irla... — falo para adverti-la.

Irla é o meu docinho mais travesso e nisso puxou a mãe.

— Golpe baixo! — diz Mag e corre de volta junto com a prima para se secar no tronco.

E com certeza elas estão adorando a tranquilidade e o sol da tarde.

— Oi, amor — digo para Islay, ela se senta perto de mim e passa a mão na minha barriga de urso.

Irla se esfrega na mãe querendo carinho também.

— Eu me sinto meio de escanteio com o programa de vocês — ela carrega Irla e coloca no colo — não posso ter quatro patas e me divertir como vocês...

— E eu não sei pular em lugares altos ainda, mamãe — reclama Irla sentando no colo da mãe.

— Mas sabe fazer outras coisas — Islay se deita ao meu lado e deixa a nossa pequena no meio — de qualquer forma eu adoro essa parte de vocês.

— Eu quero comer — diz Irla e eu rio — antes que elas cheguem, eu quero comer tudo e...

— Nada disso garota, nada de ser tão vingativa — fala Islay mesmo no fundo sentindo uma pontada de orgulho pelo fato de Irla ter puxado muito dela.

Eu tento manter as duas fora de confusão e confesso que não é uma tarefa fácil.

— Ah, bom... — diz minha filha emburrada.

— Eu vou vestir minha roupa.

Zapo para onde tinha deixado minha muda de roupa, longe das crianças, me visto e depois zapo de volta, vejo minha fêmea e minha filha trocando cochicho e risos, isso para mim é um dia mais que perfeito.

Quero muito dar um irmãozinho ou irmãzinha para Irla, porém Islay disse que ainda não. E eu respeito o tempo dela, me sento ao lado delas e enquanto observamos Irla separando nos pratos partes iguais para as primas e isso me deixa muito orgulhoso.

— Um meu, um de Aurora e outro de Mag... — E assim distribui o lanche.

Troco um olhar orgulhoso com a mãe e ela pisca para mim e murmura um: eu te amo ursão.

Eu quero beijá-la, mas logo as outras correm para comer também, fazendo barulho. Aurora olha para os três pratos bem distribuídos e agradece.

— Desculpa pelo banho — diz Irla.

— Desculpa também, não achei que ia ficar chateada... — Responde a prima mais velha.

— Não estou, fiz aquilo porque quis.

Elas riem entre si.

Viu?

Um círculo de amizade só delas. Espero que isso perdure, o melhor de tudo é saber que minha família está unida até mesmo na nova geração. Gael governa Valhalla ao lado do tio. Muitos demônios encontraram suas fêmeas e moram lá, embora alguns humanos se tornaram leigos a quem somos.

Elder e Wilker estudam para ajudar o primo, eles estão para ser líder da guarda de Valhalla, quando isso acontecer vamos deixar mais claro para os humanos que existimos e estamos preparados, nossa intenção não é entrar em uma guerra, mas precisamos do nosso próprio exército.

Convivendo com os humanos por bastante tempo sabemos que eles não são pacifistas e não aceitam o diferente.

Depois do piquenique Aurora leva Mag para casa, eu sento na moto com a minha fêmea e minha pequena filhota que está usando um casaco de couro assim como a mãe e eu, também usa um capacete e tenho um sidecar preso ao lado da minha moto, agora ela tem três rodas, a minha filhota finge que pilota a sua própria moto.

— Tenha cuidado amor — diz Islay — e nada de gracinhas Irla.

Irlay se curva um pouco para o lado apenas para ajeitar o capacete da nossa filha.

— Tá. Vamos papai! Vrum, vrum...

Arranco fazendo barulho.

Conseguimos nos libertar da maldição, nosso povo pode gerar filhos e podemos manter a nossa linhagem, era isso que queríamos e considero essa parte da história concluída.

Fim.



NOTA DA AUTORA

Demônios reais - Elie Anjo

Chegamos ao fim da série. Desde que comecei a postar Demônios Reais no Wattpad a pretensão era escrever as histórias dos 4 irmãos, futuramente eu pretendo criar uma nova versão. Acho que quando eu terminar a faculdade de letras, que ainda nem comecei por causa do COVID 19. Deixei muita coisa em aberto... Porque ainda é incerto o destino dessa série. Mas provavelmente eu só crie uma nova versão e fique apenas nos 4 livros.

É muito desgastante escrever histórias com personagens da mesma família e eu gosto de explorar novos mundos.

Demônios Reais já se tornou algo muito limitado para mim. Não quero ser repetitiva, isso mata qualquer pessoa com mente criativa.

Então sobre história dos filhos.... Não.

Eu gosto de comunicar a minha decisão para as leitoras embora algumas não conseguem entender e nem respeitar isso. Eu sinto muito.

Foram as minhas primeiras histórias e preciso mudar muita coisa, desde o primeiro volume estou escrevendo essas histórias sob muita pressão na minha vida pessoal, porém foi a forma que encontrei de fugir da minha realidade e me envolver nos conflitos dos personagens e isso para mim foi de grande ajuda e um aprendizado.

Eu nunca imaginei que ia me tornar autora de histórias, pois comecei a escrever por hobby... Mas desde de criança eu adoro criar histórias, desde sempre: quando brincava de boneca todos os dias criava nomes diferentes e o enredo, montava o cenário e instruía as minhas amigas como as bonecas tinham que agir, na adolescência fui babá algumas vezes e adorava modificar os contos de fadas para contar para as crianças, eu ainda me lembro dos risos delas. Na escola a mesma coisa quando compartilhava com as amigas os acontecimentos do almoço em família. Sempre tive esse lado de gostar das pessoas se divertirem com as minhas histórias.

Mas acontece que estou passando por muita coisa na minha vida pessoal, isso desde sempre, o problema é que juntou tudo e aí a mente não suporta. Entra em colapso. Escrita para mim tem que continuar sendo um refúgio e não algo que faça por obrigação e sob pressão, da mesma forma que vocês leem para se entreter eu escrevo para isso.

Peço desculpa pelos erros, entre outras coisas, eu sempre dou o meu melhor e acredite que cada fase dessa série, cada livro, era tudo o que podia entregar naquele momento. Eu agradeço por terem me dado uma chance e por ler. Vou focar nos meus estudos e na minha vida pessoal, porém pretendo escrever outras histórias fora desse universo e espero que continuem me acompanhando em novos mundos e novas possibilidades.

Obrigada pelo carinho e um grande abraço.

SIGA-A NAS REDES SOCIAIS PARA NOVIDADES

Instagram: https://instagram.com/elie_anjo?igshid=1sswnzluxlbe2

OUTROS LIVROS DA SÉRIE: https://www.amazon.com.br/s?i=digital-text&rh=p_27%3AElie+Anjo&s=relevancerank&text=Elie+Anjo&ref=dp_byline_sr_ebook